

# MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

Padre Joaquim José da Rocha Espanca



**Cadernos Culturais**  
**da**  
**Câmara Municipal**  
**de**  
**VILA VIÇOSA**

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Porta de Estremoz do Castelo de Vila Viçosa

NA CONTRACAPA:

Rua de Santo António



NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia in  
tegral do texto do manuscrito de  
AS MEMORIAS DE VILA VIÇOSA, ten-  
do-se unicamente procedido às ac  
tualizações ortográficas que as  
circunstâncias justificavam.



MEMÓRIAS  
DE  
VILA VIÇOSA

OU

ENSAYO DA HISTÓRIA DESTA VILA  
TRANSITÓRIA, CORTA DA EURENOMIA,  
SUA CASA E ESTADO DE IMAGINÇÃO  
DESDE OS TEMPOS MAIS REMOTOS  
ATÉ AO PRESENTE, RESENDO O QUE  
FOU COLHEITA DO SEU AUTOR

**MEMÓRIAS**

DE

**VILA VIÇOSA**

SEGUNDA PARTE

TOMO QUINTO

1853



MEMÓRIAS  
DE  
**VILA VIÇOSA**

OU

ENSAIO DA HISTÓRIA DESTA VILA  
TRANSTAGANA, CORTE DA SERENÍSSIMA  
CASA E ESTADO DE BRAGANÇA,  
DESDE OS TEMPOS MAIS REMOTOS  
ATÉ AO PRESENTE, SEGUNDO O QUE  
PÔDE COLÍGIR O SEU AUTOR

O PADRE

JOAQUIM JOSÉ DA ROCHA ESPANCA

natural da mesma vila e Pároco de Pardais

*Memento dierum antiquorum.*

*(Deut. XXXII, 7)*

**SEGUNDA PARTE**

**E**

**TOMO QUINTO**

1883

# MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

## SEGUNDA PARTE

### SECÇÃO SÉTIMA

#### PESSOAS NOTÁVEIS DESTA VILA

*Laudemus viros gloriosos et parentes  
nostros in generatione sua ... ..  
Omnes isti in generatió nibus gentis  
suae gloriam adepti sunt; et in die-  
bus suis habentur in laudibus.*

*(Eccles. XLIV, 1 - 7)*

*Demos louvor aos nossos.*

*(Elp. Dur. Epª a M. de Sousa)*

#### I

Difícil coisa é por certo arrolar os nomes dos varões ou donas que, numa vila ou cidade, se tornaram ilustres ou notáveis por um qualquer título honesto e, se é difícil catalogá-los, mais árdua empresa é sem dúvida escrever-lhes as biografias.

Será isto devido ao escasso fulgor das suas virtudes e bons merecimentos?

Será em parte, pois concordo em que as personagens verdadeiramente famigeradas se tornam *históricas* e lá têm lugar honroso na história geral ou

particular das nações,<sup>(1)</sup> mas em regra não é assim porquanto essas histórias nem sempre se escrevem como deveriam escrever-se.

Com efeito: antes de Agamemnon já tinha havido generais ou capitães ilustres (diz o Lírico Romano) e todavia passaram despercebidos à longa noite dos tempos deslembrados porque não tiveram a fortuna de acharem poeta que lhes cantasse as proesas. E assim, ante os vindouros, tanto lhes vale o terem sido beneméritos e corajosos como imprestáveis, fracos ou imbecis. Para nós hoje pouco difere a cobardia do valor ignorado (acrescenta ainda o mesmo Lírico):

*Vixere fortes ante Agamemnona  
Matti; sed omnes illacrymabiles  
Urgentur ignotique longa  
Nocte, carent quia vate sacro.*

*Paulum sepultrae distat inertiae  
Celata virtus ... .. (2)*

O nosso Elpino Duriense resumiu o mesmo pensamento nestes outros versos da nossa língua:

*Que seria de tantos feitos raros  
De teus avós sublimes, se os calasse  
A augusta voz dos Vates?! (3)*

Mas o verdadeiro preservativo do deslembramento dos homens grandes não está só nos hinos dos poetas: está ainda mais nas prosas dos historiadores, que dizem a verdade pura sem os exageros da liberdade poética. Por isso escrevem-se já desde séculos histórias privativas de pessoas singulares e tornou-se clássico o nome de *biografias* dado a tais histórias. Plutarco, entre os Gregos, e Cornélio Nepos, Suetónio Tranquilo e Aurélio Victor, entre os Romanos, escreveram histórias biográficas - exemplo que os modernos têm imi-

---

(1) ... *breve et irreparabile tempus  
Omnibus vitae; sed famam extendere factis  
Hoc virtutis opus. (Eneid. X, 407)*

(2) *Lib. 4, Ode 8.*

(3) *Ode a D. Dom. de Ass. Mascar.*

tado, visto que a narração histórica diz tudo o que convém saber e a poética só o que convém ao assunto. A narração histórica não exhibe padrões mudos como são as estátuas de granito e bronze: põe em cena os vultos grandiosos, dizendo miudamente quais são as bases da sua grandeza e celebridade. A narração histórica, enfim, não se reduz a um monumento singular e multiplica - se pela imprensa e adquire em certo modo o divino atributo da ubiquidade.

Ora, se tais biografias não são escritas, nem em verso nem em prosa, como ter conhecimento dessas pessoas notáveis?

Foram grandes as virtudes militares e cívicas de D. João de Castro? Foram sem dúvida, pois até as histórias gerais do nosso Reino se ocupam dos louvores de tão levantado herói; mas, se não surgisse um biógrafo esclarecido e facundo que em douradas páginas retratasse por miúdo as feições morais deste ilustre varão contando-nos também a sua vida pública e particular, nós decerto não formaríamos dele o conceito honroso e invejável que estamos formando!

Porque admira o mundo a ciência, a caridade, o zelo e mais virtudes morais e religiosas de Frei Bartolomeu dos Mártires? Porque achou um Frei Luís de Sousa que em estilo puro e suave fizesse voar o seu nome por todos os confins da terra obrigando os vindouros a curvar a cabeça reverentes perante as páginas da sua memória!

Se não foram os nossos historiadores com o doce Camões à frente, seria hoje porventura na história pátria e universal tão fulgurante o brilho dos vultos gigantescos de Vasco da Gama e dos mais barões assinalados que fundaram e consolidaram o nosso Império do Oriente e da África e ainda muitos dos que estabeleceram a nossa Monarquia Portuguesa da Europa?

Ah! Eu não aduzo mais exemplos e direi apenas com Bocage que se

*O sábio não vai todo à sepultura;  
Não morre inteiro o justo, o virtuoso  
Na memória dos homens brilha e dura (1)*

verifica-se tal galardão quando em páginas douradas ou prateadas se guardam as suas memórias. E infelizmente é nisso que menos se cuida por negligência de uns e inveja de outros.

---

(1) Elegia, Tomo 2º da 1ª edição, pág. 168.

João de Barros mostrou diligência em elogiar os varões beneméritos da pátria comum. Porém Diogo de Couto é nisso mais incansável ainda nas suas *Décadas*, lamentando-se a cada passo de lhes escapar o nome e a pátria de um português ilustre pelos seus feitos na Ásia. Assim, por exemplo, escreve: "Muitos e muito valorosos cavaleiros que obraram façanhas dignas de eterna memória estão hoje tão postos em esquecimento que até os nomes se lhes não sabem".<sup>(1)</sup>

Só escrevendo-se os *Anais dos Municípios* se remediará de algum modo esta falta.

A maior parte das pessoas que mereceram lugar distinto na história das artes, das letras ou de qualquer mister honroso jazem ingratamente no olvido por falta de cantor ou de quem ao menos lhes escrevesse o nome e a pátria em que se criaram; e assim bem como

... o néscio, o inútil, o ocioso  
Vão, ignoradas vítimas da Morte,  
Sumir-se no sepulcro tenebroso.<sup>(2)</sup>

## II

Como posso eu, pois, consignar aqui as memórias daqueles meus patrícios, cujos louvores nunca foram escritos, nem sequer os seus nomes registados com glória? E, se registados foram, ninguém lhes nomeou a pátria para eu saber que meus patrícios são? Eles ficarão, pois, na sombra do esquecimento, mau grado meu e só os que viveram nos nossos dias ou cuja tradição de boca em boca chegou até nós, mais ou menos confusa, lograrão de mim a honra de catalogar-lhes aqui os nomes.

Os que pertencem à Dinastia Brigantina, esses, mais venturosos, lá encontraram historiadores particulares de cujas páginas poderei ainda extrair alguns nomes, visto que as notícias biográficas dos principais já ficam guardadas na Primeira Parte desta obra.

Os que cultivaram as boas letras e foram escritores públicos antes de *Barbosa Machado* tiveram a fortuna de achar naquele douto e infatigável abade

---

(1) *Dec. 4, L. 5, cap. 6.*

(2) *Elegia, Tomo 2º da 1ª edição, pág. 168.*

quem com desmedido trabalho e paciência, não só indicasse as suas obras literárias, mas também referisse os traços principais da sua vida e acções como a tinham já tido os mais antigos patrícios no *Famoso e antiquíssimo Parnaso de Vila Viçosa*, coordenado pelo nosso Francisco de Moraes Sardinha. Daí, pois, extrairéi todos os nomes felizmente inscritos, juntando-lhes os que achei de novo no *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio publicado nos nossos dias.

Os que professaram a vida do claustro e se tornaram insignes por ciência ou virtude, lá se toparam às vezes com um cronista que deles fizesse menção honrosa e por isso não ficarão aqui deslembados.

Os que serviram os cargos de Vereador, de Procurador do Concelho ou de Capitão de Ordenanças e outros mais da nossa administração municipal antes de 1640 não podem, excepto um ou outro, ser por mim tirados da sombra do esquecimento por falta dos respectivos documentos officiais. E só posteriores àquella época serão aqui vindos a lume, posto que sem mais notícias biográficas por não as achar.

Enfim, com outros poucos nomes do *Agiológio Lusitano, Jardim de Portugal* e documentos antigos encontrados muitas vezes por acaso, irei dando noticia dos *Calipolenses notáveis* que por via de escrito, por tradição ou conhecimento próprio pude recensear.

É escasso na verdade o número daqueles a quem vou tributar esta menção honrosa e muitos mais, por carência de memórias, ficarão imerecidamente na obscuridade. "A estes descuidos não há já remédio; mas trabalharemos de os emendar em nossos tempos com segurarmos que todo o que merecer nome na história o não perca nesta nossa".<sup>(1)</sup>

*Porém não deixe enfim de ter disposto  
Ninguém a grandes obras sempre o peito;  
Que por esta ou por qualquer via  
Não perderá seu preço e valia.*<sup>(2)</sup>

como disse o nosso primeiro épico.

---

(1) Couto - Dec. 5, L. 3, cap. 3.

(2) Lus. V, 100.

## III

Não ocultarei ainda que esta matéria envolve outras dificuldades, sendo logo a primeira a suspeição dos meus encómios, visto ser irmão, pela pátria, das pessoas cujos nomes vou singularizar. Esta mesma dificuldade encontrou Camões quando na boca de Vasco da Gama, falando com o Rei de Melinde, pôs as seguintes palavras:

*Que outrém possa louvar esforço alheio  
Cousa é que se costuma e se deseja:  
Mas louvar os meus próprios arreceio  
Que louvor tão suspeito mal me esteja.*<sup>(1)</sup>

Contudo vencê-la-ei citando o autor ou autores que de tais pessoas fazem honrosa menção ou escrevem extensos panegíricos porque em tal caso não sou eu, mas eles, a conferir-lhes o título de notáveis ou ilustres. E quanto aos mais, abonarão a sua celebridade os factos com que eu a testemunhar, res salvando sempre o meu carácter imparcial.

Das Vereações, cujas actas existem no cartório municipal, extrairei, como disse, os nomes dos Vereadores que outrora eram sempre eleitos da classe da nobreza; e, porque os Procuradores do Concelho, conquanto burgueses ou artistas ricos, desempenhavam o cargo a que hoje dão o título de Fiscal velando sobre a criação dos expostos e dirigindo as obras públicas, bem como os Edis na magistratura Romana, resolvi apontar-lhes também os nomes.

O mesmo praticarei quanto aos que serviram na Ordenança com posto de capitão de companhia, tanto em tempo de guerra como no de paz, pois em todo o caso prestaram serviços gratuitos, visto não perceberem soldo algum e fazerem aliás as diligências da policia que hoje nos estão custando rios de dinheiro.

Assim procederei também com alguns Procuradores do Povo e todos aqueles que se distinguirem por qualquer feito honroso, guiando-me nisto pelo que diz Severim no seu Discurso da Nobreza e é que a clareza ou distinção nobiliária provêm, já das dignidades e honras alcançadas na República e na Igreja, já das letras, valor, lealdade, liberalidade, justiça e sobretudo da santidade, "pois excedendo todas as grandezas humanas, se levanta às divinas. E assim, quando qualquer destas coisas é insigne, não ilustra menos a fami-

---

(1) Ibid., III, 4.

lia que muitos títulos ".<sup>(1)</sup>

## IV

Porém maior dificuldade é para mim a seguinte que poderá dar ensejo a acusações de furto sem o ser.

Muitas pessoas nascem numa povoação e vivem noutra a maior parte dos seus dias, tendo portanto duas pátrias - uma de naturalidade e outra de adopção. Nada obsta por conseguinte a que um indivíduo nascido fora de Vila Viçosa, mas aqui estabelecido com domicílio fixo para a vida e para a morte seja contado como Calipolense porque de facto o é, ainda mais do que aquele que, tendo nascido entre nós, foi passar quase toda a sua vida lá fora.

Veja-se o seguinte, que não é da minha pena.

"Qualquer homem tem três pátrias: uma da origem, outra da natureza e outra do direito. A pátria da origem é aquela onde os seus maiores foram e viveram; a da natureza é a terra ou lugar onde cada um nasce; e a do direito é onde um é naturalizado pelas leis, onde serve e merece e costuma habitar: neste sentido disse Túlio de Catão que tivera a Iúsculo por pátria da natureza, mas a Roma por pátria do direito ".<sup>(2)</sup>

Bem sei que esta latitude ministra ocasião de ser uma pessoa relacionada ao mesmo tempo como pertencente a dois ou três povos. Salva-me, porém, do lapso de catalogar gente estranha que, assim pelo facto de habitar entre nós, já deixa de o ser.

Conheço bastantes homens que prestaram relevantes serviços ao município residindo nele, mas não sei, nem era possível saber, ainda mesmo folheando os imperfeitos e pouco antigos registos eclesiásticos, se tais pessoas nasceram ou não dentro da nossa vila ou do ser termo. No meio desta obscuridade poderei pois adoptar a seguinte norma: indicar a pátria natural dos que vive-ram connosco, sabendo qual ela fosse, e confessar a minha ignorância do lugar do seu nascimento quando não possa descobri-lo para me não aventurar a usurpar direitos alheios.

---

(1) Not. de Port., vol. I, Disc. 2.

(2) Leituras Populares, vol. XIV, pág. 102.

Ainda outra declaração.

Enquanto andei recenseando os meus patrícios notáveis, discuti comigo mesmo se devia cingir-me a registar os nomes daqueles que fossem notáveis com respeito a toda a Nação Portuguesa, como D. João d'Eça ou Martim Afonso de Sousa, ou simplesmente notáveis em relação à nossa vila. E a minha última resolução foi adoptar a segunda alternativa, fundando-me em que - rigorosamente eu não escrevo para todo o Portugal, mas sim para Vila Viçosa em particular e em tais condições não devo exigir nos indivíduos a registar mais do que uma notabilidade relativa a nós e ganha por qualquer dotes honestos ou serviços de merecimento, vindo este meu livro, por tal guisa, a ser num povo como um livro de família em casa nobre.

E mais me conformou nesta resolução o ver que Morais Sardinha no *Parnaso de Vila Viçosa* e os cronistas das Ordens Religiosas nas histórias das mesmas incluem grande cópia de indivíduos com menos direito do que muitos outros de mim conhecidos e que não puderam ter cabimento nos livros daqueles. Foi por isso mesmo que assentei em tomar por critério a notabilidade relativa e em não omitir e registar os nomes dos que serviram nos cargos municipais, etc., como dito é, pois em qualquer carreira pode um homem ser prestadio e tornar-se distinto e recomendável, uma vez que essa carreira seja honesta de sua natureza.

Este meu livro terá, pois, a feição de livro biográfico de um povo inteiro. A ninguém se roubará nele qualquer justa glória porque desde o artista até ao Fidalgo há cabimento para todos. Se muitos ficarem excluídos é somente porque não os conheço ou inadvertidamente me escaparam.

Era do meu desejo dar exactas notícias da naturalidade, filiação e descendência de cada um, assim como do seu nascimento e óbito e para isso duas vezes me dei ao improprio trabalho de revolver os registos paroquiais na secretaria dos livros findos em Evora. Sendo estes, porém, imperfeitíssimos e não remontando mais que a 1567 quanto à freguesia Matriz e a 1604 quanto à de S. Bartolomeu, não colhi tão copiosos frutos como almejava.

Deliberei finalmente adoptar a inscrição alfabética, tanto por ficar este meu quadro mais belo adornando-se com frequentes matizes de variadas cores, como principalmente por facilitar o acharem-se aqui os nomes que pretenda qualquer buscar.



## ADEODATA DE S. NICOLAU

Foi Religiosa professa no mosteiro de Santa Cruz da sua pátria. Vivia na segunda metade do século XVI e é uma das flores com que Frei Luís dos Anjos compôs o seu *Jardim de Portugal*. Veja-se, pois, este livro no nº 123 para que se conheça que o seu elogio de pessoa virtuosa não parte de mim só. Diz-se ali que indo pedir esmola à portaria do mosteiro juntamente com outras meninas pobres da vila, fôra chamada para dentro pela fundadora Madre Margarida de Jesus; e, como quisesse voluntariamente permanecer ali, criou-se nesta clausura, a que deu honra pelas suas extremadas virtudes. O dito livro é extenso no seu elogio, mas eu resumo isso agora e assim o praticarei de futuro, deixando apontado o caminho aos leitores que desejarem mais amplas notícias.

Era filha de Lourenço Rei e de Guiomar Gil e professou a 12 de Abril de 1540. Faleceu a 3 de Outubro de 1598.

Vi a sua assinatura num instrumento de contrato que existe no cartório da casa dos Silveiras, assim como vi as de outras freiras suas contemporâneas que hão-de ser nomeadas a seu tempo. Estão as ditas assinaturas escritas dentro de quadrilongos como para indicar a sua vida enclausurada. Ainda não encontrei outro semelhante documento. É do ano de 1571.

## AFONSO BELO

Está registado no Tombo 1º da Misericórdia o seu testamento feito em 1548. Nele mandou que lhe comprassem cova dentro da Igreja de S. Bartolomeu, etc., e deixou por herdeira sua mulher Beatriz Gonçalves e por sua morte a Misericórdia com o encargo de três missas cantadas nos dias da festa do Espírito Santo, Nossa Senhora de Agosto e S. João Baptista.

## D. AFONSO DE BRAGANÇA

Era filho 3º de D. Fernando I, 2º Duque de Bragança e 1º Marquês de Vila Viçosa.

Casou em 1465 com D. Maria de Noronha, filha e herdeira do Conde de Odemira D. Sancho de Noronha e de sua mulher D. Mécia de Sousa; a qual D. Maria

foi dotada por seus pais com a vila de Odemira, a de Aveiro, o Vimieiro, o Castelo de Elvas com o seu reguengo e o Castelo de Estremoz com todas as mais coisas que eles, Condes, tinham da Coroa, reservando porém para si o usufruto delas em vida de ambos.

Acompanhou D. Afonso a seu pai e irmãos na mal sucedida empresa de Tanger em 1463. Achou-se em 1471 na conquista de Arzila e em 1475 entrou por Castela (quando El-Rei D. Afonso V foi celebrar o seu casamento com a Princesa D. Joana), comandando a ala do exército em que ia o Rei. Assistiu à batalha de Touro e mandou nela a ala direita que sustentou com grande brio conseguindo a vitória que teve em muita parte.

Querendo El-Rei galardoar tantos serviços, fê-lo Conde de Faro em 22 de Maio de 1469 com doação do senhorio da mesma vila (hoje cidade). E apesar da resistência que opuseram os seus moradores, não querendo sair do senhorio da Coroa, El-Rei insistiu e fez ir por diante a doação. Contudo os seus descendentes não mais se intitularam Condes de Faro, mas sim de Odemira.

Quando seu irmão D. Fernando foi preso em Evora por El-Rei D. João II, fugiu D. Afonso para a Andaluzia, onde se lhe dobrou o desgosto pela desgraça dos Brigantinos sabendo que em Portel se procedera contra ele fazendo-o réu de um crime que não tinha. Isto no ano de 1483 e nesse mesmo faleceu em Sevilha, sendo sepultado na capela-mor do Convento de Santa Paula, de frades Jerónimos, que fundara seu irmão D. João, Marquês de Montemor-o-Novo, também ali refugiado.

Suponho que D. Afonso nascera em Vila Viçosa, solar de seu pai.

\*\*\*\*\*

Estas notícias e outras que vou dar são da *História Genealógica da C.R.P.* no Tomo IX, pág. 181, onde se encontra uma extensa biografia deste pessoa-gem.

Não diz o seu autor que o domicílio do Conde de Faro era nesta nossa vila, mas deixa-o entrever narrando como pela sua afabilidade grangeava as simpatias de todos e citando o facto de lhe doar um certo João Galego, morador em Vila Viçosa, no ano de 1478 os seus bens que parece não serem poucos por quanto El-Rei D. Afonso V confirmou tal doação a 13 de Novembro do mesmo ano. Por isso julgo serem naturais desta vila os seus filhos, cuja descendência ainda continua multiplicada, como vai ver-se.

Foram seus filhos: D. Sancho de Noronha, 3º Conde de Odemira; D. Fran -

cisco de Faro; D. Fradique de Portugal, Arcebispo de Saragoça; D. Fernando de Faro; D. António de Noronha; D. Guiomar de Portugal e D. Mécia Manuel.

Daquele D. Francisco de Faro, 2º filho de D. Afonso, descenderam os Melos e Noronhas que tanto figuraram entre a fidalguia da Casa de Bragança e por isso vou estabelecer aqui a ordem destas gerações para melhor se entenderem quando falarmos de cada um desses indivíduos aqui nascidos ou residentes.

\*\*\*\*\*

1. - De D. Francisco de Faro nasceu D. Maria Manuel de Noronha que casou com Diogo de Melo de Figueiredo, Estribeiro-mor da Imperatriz D. Isabel, mulher de Carlos V.

2. - Desta D. Maria nasceu D. Gomes de Melo, Copeiro-mor do Infante D. Duarte, o qual casou com D. Mécia Pereira, filha de Antão Rodrigues da Câmara, senhor e instituidor do morgado da Ribeirinha na Ilha de S. Miguel.

3. - De D. Gomes de Melo 1º nasceu D. Rodrigo de Melo, que morreu na batalha de Alcácer Quibir; D. Manuel de Noronha, que teve a mesma sorte; D. Francisco Manuel de Melo, pelo qual se continuou a descendência; e D. Ana de Noronha, mãe de Agostinho Manuel de Melo, nascido em 1583 e degolado em 29 de Agosto de 1641.

Todos estes filhos ou nasceram em Vila Viçosa ou tiveram aqui domicilio.

4. - De D. Francisco Manuel de Melo, 1º deste nome e primeiro vindo para a nossa vila ao serviço da Casa de Bragança (por cuja razão terá esboço biográfico no lugar competente), nasceram D. Luís de Melo e D. Gomes de Melo, além de outros.

5. - D. Luís de Melo, o primogénito (que se finou em vida de seu Pai), casou e teve a D. Francisco Manuel de Melo 2º, o célebre escritor, que morreu solteiro em 1667, deixando apenas um filho natural por nome D. Jorge Manuel de Melo, que morreu na batalha de Senef em 1674, sendo Capitão de Cavalos na Flandres. Por esta linha acabou a descendência, mas continuou pela seguinte.

6. - De D. Gomes de Melo 2º, irmão de D. Luís, nasceu D. Francisco de Melo, o notável diplomata, que foi Conde da Ponte e Marquês de Sande (a quem dedicarei um artigo especial no lugar competente); D. Maria de Portugal; e D. Jerónimo Manuel de Melo, todos falecidos sem tomarem estado. Mas este último teve na India um filho natural que se chamou D. Francisco Manuel de Melo (3º), o qual vindo para o Reino herdou os bens dos seus tios.

\*\*\*\*\*

Agora vamos à linha dos Noronhas.

1. - De D. Maria Manuel de Noronha (atrás mencionada) foi 2º filho D. António de Melo e 3º D. Luís de Noronha 1º.

Depois de viúva serviu D. Maria Manuel o cargo de Camareira-mor de D. Isabel, mulher do Infante D. Duarte e nossa patrícia, a qual, por ser criada entre nós e ter sua filha D. Catarina casado com o Duque D. João I, veio acabar os seus dias em Vila Viçosa, dando isso causa a passar-se para cá a sua Camareira-mor e muitos dos seus descendentes, e designadamente os sobreditos D. António de Melo e D. Luís de Noronha.

2. - D. António de Melo (irmão de D. Gomes de Melo 1º) casou com D. Jerónima de Ávila e teve a D. Diogo de Melo; D. Mariana de Faro que casou com D. Diogo de Noronha, seu primo co-irmão, etc.

3. - De D. Diogo de Melo, Estribeiro-mor de D. Teodósio II, e de sua mulher D. Francisca de Vilhena, filha de seu tio D. Luís de Noronha 1º, nasceu D. António de Melo 2º e duas fêmeas que morreram freiras no convento das Chagas (D. Isabel de Noronha e D. Jerónima de Ávila).

4. - D. António de Melo 2º, Camareiro-mor do Duque D. Teodósio II, casou duas vezes, mas não deixou sucessão.

\*\*\*\*\*

Voltando a D. Luís de Noronha 1º, irmão de D. António de Melo 1º, direi que casou com D. Isabel de Mendonça e morreu na batalha de Alcácer - Quibir (1578) deixando doze filhos. Destes, os mais notáveis foram:

1. - D. Diogo de Noronha, do qual procedeu D. Luís de Noronha 2º, Caçador-mor do Duque D. João II, etc.

2. - D. Afonso de Noronha, que só deixou duas filhas.

3. - D. António de Noronha, que casou, mas não teve sucessão.

4. - D. Francisca de Castro, mulher de Francisco de Lucena, cuja descendência dura ainda nesta vila e fora dela.

Estes nasceram todos em Vila Viçosa.

\*\*\*\*\*

Ainda mencionarei outro filho de D. Maria Manuel e 4º na ordem do nascimento: D. Diogo de Melo Manuel, o qual casou com D. Maria de Bracamonte e te

ve (entre outros filhos) aquele D. Francisco Manuel de Melo, morto em 1578 na batalha de Alcácer-Quibir. Este ramo veio a extinguir-se.

\*\*\*\*\*

Com tais explicações já pode entender-se o que adiante escrevermos sobre Melos e Noronhas.

Isto é extraído, como já disse, do Tomo IX da História Genealógica.

#### AFONSO CAVALEIRO

E o nome de um tabelião da primeira metade do século XVI. A família dos Cavaleiros era antiga na nossa vila e continuou ainda pelo século XVII. A ele pertenceu a herdade de Bencatel que se chama "Cavaleira".

#### AFONSO CORREIA D'ABREU

Filho de António d'Abreu 2º. Casou em 1623 com Catarina de Andrade, dotado por seu pai em 200\$000 réis.

#### AFONSO FAIÃO

Afonso "Fardo" leio eu no Parnaso de Vila Viçosa que se chamava este patricio (no L. 2º, cap. 33), mas a História Genealógica (Tomo 6º, pág. 310) apelida-o Faião, talvez por equívoco. Julgo porém o apelido fosse Faia apelido conhecido na India em Cosme Faia em 1566, etc.

Era criado nobre da Casa de Bragança em tempo do Duque D. João I e um dos que acompanharam seu filho, o Duque de Barcelos D. Teodósio, na infeliz expedição de Africa em 1578. Ficou prisioneiro na batalha de Alcácer-Quibir e teve de ser resgatado (assim como os seus companheiros) para poder tornar à sua pátria.

## AFONSO DE LUCENA 1º

Sendo natural de Trancoso, diz o Dicionário Bibliográfico, veio para Vila Viçosa chamado pela Duquesa D. Catarina para lhe servir de secretário como licenciado em Direito e homem com os dotes precisos para aquele cargo.

Mediante os favores da Casa de Bragança pôde adquirir muitos bens de raiz como a herdade dos Leitões nas Ciladas, o Barrinho Branco e a Vigária em Ben catel, etc., com os quais formou um morgado por escritura feita nas Notas do Tabelião António Tagarro da Silva, sendo cabeça deste morgado a Quinta de Peixinhos (por ele comprada aos Gracianos que a tinham por doação de D. Nuno Alvares Pereira, salvo erro meu) e, determinando que por falta de descendência sua e de sua mulher D. Isabel de Almeida, se unisse ao Morgado da Cruz instituído pelo Duque D. Teodósio II para andar na Casa de Bragança e ser o seu rendimento repartido pelos criados pobres da mesma Casa.

Foi, portanto, o fundador da casa de campo de Peixinhos, da qual diz Cadornega ser "mais Real que Fidalga" e decerto nem os Duques de Bragança tinham na sua tapada um palácio como ali tinham os Lucenas só para as suas digressões campestres, porquanto a sua casa solar e principal era na rua de Santo Agostinho com vistas para o Terreiro do mesmo santo patriarca.

A História Genealógica, de onde tiro estas notícias (no Tomo IX), insinua que a fortuna de Afonso de Lucena era também devida a seu irmão Fernão de Matos, a quem El-Rei Filipe II chamara para o Conselho de Estado de Madrid com o fim, talvez, de neutralizar a acção do primeiro como Secretário particular da Duquesa que, como todos sabem, pretendia ser herdeira da Coroa Real Portuguesa por morte do Rei D. Henrique, seu tio. Dá, com efeito, a entender que de Madrid lhe vinham algumas somas de dinheiro dadas pelo Rei Prudente. Para mim, nem o afirmo, nem o nego.

É certo contudo que Vila Viçosa ficou devendo a Afonso de Lucena a reedificação dos Paços que hoje apelidamos dos Lucenas e onde eles moravam e sobretudo o engrandecimento da quinta de Peixinhos que não tinha igual nos nosos subúrbios e hoje (infelizmente!) votada ao desprezo com o seu palácio em ruínas e os aquedutos mutilados. Contam os antigos que a nora grande tinha alcatruzes de cobre, sendo movido o engenho por um boi que girava lá no cimo para poder a água ir ter à cozinha e ao pátio da quinta onde, além da hortta, vinha e olival com terras de sementeira, havia souto de castanhal e coelheira abundante.

Afonso de Lucena teve os seguintes filhos: Francisco de Lucena e o Dr. Cristóvão de Matos Lucena, os quais ambos têm lugar próprio neste livro.

Era filho de Manuel de Lucena e Isabel Nogueira, falecidos em Chaves, e irmão do Jesuíta Padre João de Lucena, escritor clássico e muito apreciado na nossa literatura, e de outro sacerdote secular chamado Manuel.

Foi Fidalgo da Casa de Bragança, que lhe deu a Comenda de S. Tiago de Monzaraz e as Alcaidarias-mores de Portel e Evoramonte.

O Duque D. Teodósio II estimava-o tanto que lhe deu para seu jazigo familiar a capela-mor da Igreja da Esperança, que era da Casa Ducal.

Para ali fez trasladar de Chaves os ossos de seus pais e ali teve sepultura, assim como sua mulher e descendentes moradores em Vila Viçosa até ao ano de 1838, salva uma pequena interrupção em tempo de El-Rei D. José.

Foi Provedor da Misericórdia em 1600 e mais vezes.

Faleceu em 1617 a 29 de Agosto contando 69 anos de idade e sua mulher D. Isabel de Almeida, recolhendo-se ao Convento da Esperança depois de viúva, ali viveu ainda até 28 de Maio de 1623. Depois de recolhida ao Convento deu alforria às suas escravas Esperança de Lucena e Inês de Lucena em 1618. (Notas).

Os epitáfios de ambos, assim como o de seu irmão Padre Manuel de Lucena, já ficaram registados na descrição do Convento sobredito (Tomo IV, Secção 2ª, cap. 8ª), onde podem ler-se.

#### AFONSO DE LUCENA 2º

ou

#### AFONSO DE LUCENA ALMEIDA E NORONHA

Este é neto do antecedente por ser filho do infeliz Francisco de Lucena e de sua mulher D. Francisca de Castro, cuja ascendência fica já notada no artigo de D. Afonso de Bragança.

Nasceu na nossa vila na freguesia de S. Bartolomeu onde morava seus pais, por estarem os avós residindo na casa nobre da rua de Santo Agostinho.

Em 1633 tomou já parte na comitiva do casamento do Duque D. João II como Fidalgo da Casa de Bragança, sendo então casado de fresca data com D. Inês Fernandes Portocarrero, filha de D. João Manuel, senhor de Cheles, da qual não teve filhos.

Achava-se em Madrid feito Secretário de Estado do Conselho de Portugal (lugar que seu pai tivera já) quando em 1640 se fez a revolução da independência política deste Reino e então o Conde de Olivares prendeu-o para ser uma espécie de refém com que obrigasse seu pai a deixar ou atraiçoar a causa

patriótica da emancipação Portuguesa. Não o obrigou, com efeito, a dar tal passo, mas com isto intrigou-o de modo que sempre o comprometeu e lhe fez perder a vida. (Veja-se Francisco de Lucena).

A Fernão de Matos Lucena, irmão de Afonso de Lucena 1º, deveu Francisco de Lucena, seu sobrinho, o alto emprego de Secretário de Estado do Conselho de Portugal em Madrid, abrindo-lhe o caminho para depois colocar o seu filho Afonso no mesmo cargo.

Este, além disso, foi Comendador da Ordem de Cristo e Fidalgo da Casa Real de Sua Majestade Filipe IV.

Devia ser 2º administrador do morgado de Peixinhos. Como, porém, este morgado foi confiscado para a Coroa em 1643 e ele, Afonso, não pôde mais regressar a Portugal, ficou na administração da Casa de Bragança tendo o seu rendimento a aplicação que lhe destinara o instituidor até ser reabilitada a sua descendência (História Genealógica, Tomo IX, pág. 254, de onde tiro estas notícias).

Com efeito, Afonso de Lucena 2º, passando a segundas núpcias com D. Maria de Castilho Portocarrero, teve a D. Francisco António de Lucena Almeida e Noronha, que também casou duas vezes. André Jerónimo de Lucena (seu filho do primeiro matrimónio) foi quem obteve de D. João V a restituição da casa de Peixinhos em 1720, mas falecendo sem deixar descendência, veio tomar posse do morgado seu irmão D. Bernardo António de Lucena Almeida e Noronha (do 2º matrimónio) com D. Eugénia Vasques de Vaia Monte que faleceu nesta vila em 1766. De D. Bernardo foi filho Joaquim Eugénio de Lucena que veio para cá sendo muito rapaz. O Marquês de Pombal proibiu-lhe o título de Dom e até o gozo do jazigo dos seus maiores na Esperança.

Também Joaquim Eugénio casou duas vezes e é do seu segundo matrimónio com D. Rosália Leonor Delgado, natural de Évora (freguesia de S. Mamede) que procedem os Lucenas que ainda restam em Vila Viçosa com tendências para se extinguirem.

Afonso de Lucena 2º faleceu em Madrid.

#### AFONSO MACHADO DA MAIA

Este Calipolense aparece elogiado no Parnaso de Vila Viçosa (Liv. 2º. cap. 62). Ali diz Francisco de Moraes Sardinha, seu autor, que era licenciado em Leis e tivera o cargo de Juiz de Fora nas vilas do Redondo e Pavia em seu tempo, isto é, nos princípios do século XVII.

Eu achei no registo paroquial da Matriz em 20 de Agosto de 1600 o assento de baptismo de Clara, filha de Afonso Machado (sem mais apelido) e Inês de Sequeira. Julgo ser o mesmo de que se trata neste artigo.

Era Ouvidor no Redondo em 1604 e casado com Inês de Sequeira. Tinha um irmão que se chamava Diogo Machado da Maia (Notas).

Estava nesta vila residente em 1610. Viviam cá em 1624, mas em 1628 mora va outra vez no Redondo.

#### AFONSO DE MEDELHIM

Procurador do Concelho em 1605.

#### AFONSO MENDES

Encontro este nome nos registos paroquiais de 1576 e anos seguintes dando-lhe o título de Licenciado e vejo no Cartório da Misericórdia que era ffsico ou médico do hospital com 50 alqueires de trigo de ordenado e mais 20 de gratificação extraordinária em 1570.

Teve um filho que se chamava Duarte de Melo, nascido nesta vila e morador em Evora no ano de 1607, como consta de uma procuração que foi dada (Notas).

Afonso Mendes, mestre de moços (ou de primeiras), que vivia em 1610 (Notas).

#### AFONSO MONTEIRO LEITÃO

Foi Vereador em 1706 e em 8 de Junho do mesmo ano elegeram-no Capitão de Ordenanças. Tornou a servir o cargo de Vereador em 1709 (Cartório Municipal).

Faleceu em 1726.

Era filho de Manuel Monteiro Leitão.

Houve outro do mesmo nome que faleceu em 1757 com 84 anos e nunca mudou de estado. Era filho de Manuel Monteiro Leitão e de Catarina Lopes e irmão ou sobrinho do antecedente.

## AFONSO NOBRE

A primeira memória que achei deste patricio foi no cartório municipal de onde consta que era licenciado em Leis e se achava no ano de 1640 exercendo o cargo de Síndico ou Advogado da Câmara: cargo a que então costumava andar anexo o de Curador dos Órfãos e outros. Em 1651 tinha o cargo de procurador da Misericórdia com 30 alqueires de trigo de honorário. Mais consta que era procurador da Casa de Bragança depois do ano de 1640 e fôra Vereador em 1652. Foi escrivão da Mesa da Misericórdia em 1652-53: cargo em que recaía a vara do Provedor quando este se achava impedido. Deixou de viver, segundo parece, no ano de 1658, pois nesse mesmo nomeou a Câmara outro Síndico em seu lugar.

Casou antes de 1640 com Leonor de Almeida Gamboa, filha de António Moreno de Andrade.

O final da sua carreira consta do Tomo 1º, pág. 64 das Obras Várias do Padre António Vieira, segundo a edição de Lisboa de 1856, onde se lê que fôra preso pelo Santo Officio de Coimbra (sem dúvida por ocasião de ir àquela cidade, pois era morador em Vila Viçosa que estava debaixo da alçada do Santo Officio de Évora), e lá foi penar num auto de fé por acusação mentida e caluniosa de judaísmo quando ele era, e mostrou sempre até ao último suspiro, ser cristão católico, não querendo jamais confessar, ainda sob as mais lisonjeiras promessas, um crime religioso que não tinha: o que vale o mesmo que dizer - foi mártir do Catolicismo servindo-lhe de algozes os seus próprios irmãos na fé.

Veja-se o que diz o Padre António Vieira:

"Afonso Nobre, natural e morador em Vila Viçosa, e da principal nobreza daquela vila onde serviu muitas vezes de vereador e provedor da Misericórdia, cargos que se não dão em Portugal senão aos mais nobres e limpos de sangue, foi preso e levado aos cárceres de Coimbra e com fama de que tinha parte de cristão novo. Dali a algum tempo foram presos uma filha e um filho seu de pouca idade. Estes, ou mal aconselhados dos companheiros ou cegos de temor, confusão e inocência, deram em seu pai que saíu a morrer negativo (isto é, por não confessar que era judeu encoberto). No auto, quando passava junto ao filho (Manuel, nascido em 1648), lhe pediu este perdão e a benção. Respondeu: *Perdão vos dou de me pôrdes neste estado para que Deus me perdoe; benção, não porque não é meu filho quem confessou o que não fez e, sendo cristão católico, disse que era judeu. Ide embora, Deus vos perdoe. E foi a morrer este homem com tais colóquios que a todos causou admiração* ".

Este procedimento é o que devia ter todo o católico acusado por malevolência no Régio Tribunal do Santo Ofício: negar, ainda sob pena de morte, um crime que não cometera e não confessar falsamente para alcançar indulgência e acusar ainda outras pessoas com calúnia, como fez Jorge Fernandes Mesas, também nosso patrício e contemporâneo de Afonso Nobre, ao qual todavia não valeram as suas confissões e acusações mentirosas e padeceu igual suplício.

Melhor é acabar com honra, que não morrer, e ainda viver com ignomínia.

Provavelmente Afonso Nobre tinha émulos ou inimigos adquiridos pela sua mesma posição de Advogado, Vereador e Procurador da Casa de Bragança. E posição adquirida pelos seus merecimentos pessoais, que não de nobreza herdada e antiga, pois apesar do que diz o Padre António Vieira os Nobres eram modernos em Vila Viçosa e naturais da vila da Azinhaga.

Ele era filho de António Nobre e de sua mulher Inês Gomes, nascido e criado na Corredoura. Era já licenciado em leis e Advogado nesta vila em 1634. Casou em 1642 com D. Leonor de Almeida, filha de António Mouro de Andrade 2º que em 27 de Outubro lhe formou dote com o sexto de todos os frutos da horta de Mures nas Ciladas, um olival no sítio do Rosal do Minguelho e dois foros: um de 1\$500 e outro de 2\$500 réis.

Antes dos 25 anos já estava graduado e feito Síndico da Câmara.

A sua viúva sobreviveu-lhe largos anos. Vivia em 1672.

Era sua a quinta do sítio de Santo André que então se chamou de Afonso Nobre e hoje dos Passarinhos.

A sua viúva doou em 1665 a Ambrósio Pereira B. e sua mulher três olivais.

#### D. AFONSO DE NORONHA

A sua ascendência ficou já notada atrás no artigo de D. Afonso de Bragança.

Era quarto filho de D. Luís de Noronha 1º e foi Fidalgo da Casa de Bragança em tempo do Duque D. Teodósio II.

Em 1585 servia como Pagem da Lança ao mesmo Duque e este lhe fez então mercê da comenda de S. Tiago de Murilhe na Ordem de Cristo. Em 1601 arrendou a sua comenda de S. Tiago de Murilhe no termo de Montalegre por dois anos a 140\$000 réis cada um.

Foi um dos Aventureiros que tomaram parte no torneio feito por ocasião das bodas deste Duque em 1603.

Em 1608 passou à Índia por almirante da armada em que ia por Capitão-mor

o Conde da Feira, D. João Pereira, que morreu na viagem e por isso D. Afonso passou a tomar o comando em chefe.

Em 1618 partiu outra vez para a Índia já como Capitão-mor da nova armada (História Genealógica, Tomo VI, pág. 657 e Tomo IX, pág. 258).

Casou com D. Antónia de Sousa, da qual só lhe sobreviveram duas filhas, sendo uma D. Maria baptizada na Matriz em 1600.

Era nascido na nossa vila.

#### AFONSO PEREIRA

Em 1471 era Fidalgo do Duque de Bragança D. Fernando II (História Genealógica, Tomo VI, pág. 659).

#### AFONSO PIRES

E o nome de um ferreiro que em 1636 fez as obras de ferro para a fábrica de papel e que, por morar na Rua do Meio da Aldeia, lhe deu o seu nome.

#### AFONSO PIRES NEGRO

Se era natural da nossa vila, eu o ignoro, mas devia pelo menos ser nela morador.

Sei pelo testemunho de Fernão Lopes (Crónica de El-Rei D. João I, parte 1ª, cap. 100) que foi Alcaide-mor da nossa terra por nomeação do Condestável D. Nuno Alvares Pereira e, segundo o seu foral, não podia ser Alcaide-mor sem ao menos ser vizinho de Vila Viçosa.

Serviu a D. Nuno como Escudeiro seu. Tomou parte na libertação do nosso Álvaro Gonçalves em 1384, sendo ele comandante da escolta enviada por D. Nuno a Pedro Rodrigues do Landroal para se levar a afeito a dita libertação.

Em Outubro de 1385 foi à campanha da Estremadura Espanhola e assistiu à famosa batalha de Valverde (Vida do Condestável por Frei Dom. Teixeira, pág. 425).

Assistiu igualmente à expedição contra Cória (em Maio de 1386) onde foi traçoeiramente colhido no castelo de Santinhanes pelo seu antigo camarda Rodrigo Anes, que o remeteu logo de presente a Martim Anes de Barbuda (traidor), já Mestre de Alcântara em Castela, com quem Afonso Pires tivera pendências do tempo de ser Comendador de Pedroso o dito Martim Anes Barbuda. Escrevendo, porém, o Condestável uma carta ao dito Barbuda, foi imedia-

mente posto em liberdade (Ibid., pág. 494).

A alcunha de Negro proveio-lhe de ser muito trigueiro.

#### AFONSO RIBEIRO

Filho de Manuel Ribeiro que foi feitor de Francisco de Lucena e de Beatriz Franca.

Foi baptizado na Matriz em 1625 (?).

Em Outubro de 1643 casou na dita Matriz com Antónia de Abreu, filha de Manuel de Abreu e de Páscoa Rodrigues, sendo um dos padrinhos Teodósio de Almeida Cabral.

Em 20 de Agosto de 1644 foi eleito Alferes de Ordenanças e em 2 de Outubro de 1647 passou ao posto de Capitão. Note-se agora que naquela época durava a guerra da Restauração da Monarquia, na qual prestaram as Ordenanças muito valiosos serviços.

Foi também Mesário da Misericórdia em 1660-61; escrivão da mesa dois anos depois; Vereador em 1664-68 e 1672; e teve o officio de Escrivão das Sisas. Tabelião em 1662. Escrivão dos órfãos em 1665.

Deixou alguns bens à Misericórdia com obrigação de duas missas anuais por sua alma.

#### PADRE AFONSO RODRIGUES FALEIRO

Instituiu uma capela de vinte missas anuais administrada pela Misericórdia por morte de seu irmão João Roiz Galhardo e seus descendentes.

Parece que era do Alandroal e vivia no Rossio de S. Paulo em casa da sua irmã Isabel da Costa, casada com António de Araújo, escrivão da Fazenda do Duque.

Mandou-se sepultar em S. Paulo. Faleceu a 25 de Julho de 1639.

#### AFONSO DA SILVEIRA VILALOBOS

Vivia na primeira parte do século XVII, figurando entre a nobreza da terra, de que era natural, como filho de Estevão Mendes da Silveira Vilalobos e de sua mulher Maria Dias.

Serviu a Casa de Bragança.

## AFONSO TELES DE MENEZES

Em 1616, quando contava apenas 17 anos de idade, foi para Lisboa e andou embarcado à sua custa numa galera da armada que percorria as costas do Reino dando caça aos corsários. Isto consta de certidões que estão no cartório dos Silveiras Menezes.

Mas em 1619, quando se ultimou o inventário do casal de seu pai, já tinha falecido.

Era filho de Manuel Teles de Menezes 1º (Veja-se).

Em 1597 andava na Índia um cavaleiro deste nome filho de Francisco de Menezes (Couto, Dec. 12, L. 1, cap. 7).

## AFONSO VAZ CAMINHA

Foi Alcaide-mor desta vila e Camareiro-mor do Duque D. Teodósio I.

Casou com D. Cecília de Castro, filha de Henrique de Figueiredo, Alcaide-mor de Borba, etc.

Levou à pia baptismal o Duque D. Teodósio II e foi um dos lembradores do testamento de seu pai, o Duque D. João I. Tal era a sua grande consideração (História Genealógica, Tomo VI, págs. 99 e 304).

O autor do Parnaso de Vila Viçosa chama-lhe hábil filólogo, sabendo perfeitamente o Grego e o Hebraico (L. 2, cap. 58).

Era pai de João de Tovar Caminha e faleceu na Matriz em 3 de Fevereiro de 1569.

Devia ser filho ou pelo menos parente daquele João de Caminha que foi com Afonso de Albuquerque ao assalto de Adem no ano de 1513.

Houve outro Afonso Vaz Caminha, neto do antecedente, filho de seu filho João, mas do primeiro matrimónio com D. Filipa de Brito, nascido em 1576 na Matriz. Sucedeu-lhe no morgado em 1614.

## AGOSTINHO AUGUSTO CABRAL

Nasceu em Carapito, na Beira, distrito da Guarda, a 2 de Novembro de 1832. Veio para Vila Viçosa em 1851, tendo já praça assente no Regimento de Cavalaria nº 7 estacionado em Bragança desde 26 de Fevereiro do mesmo ano. E passando a pertencer ao corpo de Cavalaria nº 3, por estar cá seu irmão António Maria Cabral, foi seguindo postos até ao de sargento quartel mestre, do

qual pediu demissão em 5 de Dezembro de 1861. Procedeu assim, tanto por sen-  
tir-se já achacado, como por ter sido herdeiro "abintestado" do referido seu  
irmão, que adquirira uma tal ou qual fortuna e falecera depois de ter pedido  
a demissão do posto de Capitão só por não sair de Vila Viçosa.

Agostinho Augusto casou em 25 de Fevereiro do mesmo ano de 1861 com Ma-  
ria das Dores Pereira, filha de Tomé Gomes Pereira e de sua mulher Maria da  
Piedade Pereira.

Na vida de paisano dedicou-se à leitura de obras clássicas, habilitando -  
-se para ser correspondente de jornais e mostrando muita paixão pelas boas  
letras.

Filiando-se na irmandade da Misericórdia, tem prestado muitos serviços à  
Santa Casa procurando-lhe melhoramentos e economias. Por isso mesmo lembra-  
ram-se os Calipolenses de o eleger Vereador efectivo para o quadriénio de  
1882-85.

#### AGOSTINHO DA CUNHA SOTOMAIOR

Natural de Santa Eulélia da vila de Punhe, arcebispado de Braga.

Veio estabelecer-se em Vila Viçosa no tempo de El-Rei D. João V, sendo Co-  
ronel reformado, creio que do Regimento de Cavalaria de Olivença, e Cavalei-  
ro do Hábito de Cristo. Foi assim que se continuou na nossa terra e rua de  
António Homem, a casa dos Cunhas, por meio dos seus filhos Joaquim e Diogo,  
do qual procedeu o Tenente General do mesmo nome (Veja-se Diogo da Cunha So-  
tomaioir).

Agostinho era também Fidalgo Cavaleiro e foi muitas vezes Juiz da Irman-  
dade do Santíssimo da Matriz, à qual deu uma ambula de prata dourada para o  
depósito permanente com esta inscrição: *Esmolla que deu Agostinho da Cunha*  
*Sottomaioir ao Sanctissimo da Conceição de Villa Viçosa, sendo Juiz na era de*  
*1740.* Foi esta mesma ambula a que roubaram os ladrões em 1849.

Faleceu na freguesia de S. Bartolomeu a 14 de Janeiro de 1770, sendo viú-  
vo de D. Maria Soares. Jaz na Santa Cruz.

Um dos escândalos maiores que encontrei em notas antigas foi praticado por  
este fidalgo. Casando por sua conveniência com a filha do usurário Diogo  
de Lemos Soares e sendo os seus filhos legítimos herdeiros da fortuna deste  
homem, arranjou em 29 de Outubro de 1739 que os ditos filhos, todos menores  
de 25 anos e maiores de 14, fizessem renúncia das suas legítimas para entra-  
rem na Religião de S. João de Deus e formarem um morgado cujo primeiro admi-

nistrador seria seu pai. E casando este com mulher nobre passaria o dito morgado aos filhos desse matrimônio e não casando ou não tendo filhos passaria o morgado a Diogo da Cunha Sotomaior, bastardo que ele tivera em solteiro. O que veio a suceder, talvez porque ele nunca pensara em contraír segundas núpcias, mas despojar os filhos legítimos do que lhes deixara seu avô para o dar a um estranho a ele. E fez isto com provisão de El-Rei e convênencia das autoridades locais!

#### AGOSTINHO PIPEIRO DE ABREU

Foi Vereador em 1611 (L. 1 dos Registos, fl. 111).

#### AGOSTINHO PIRES

Vereador em 1601 (L. 1 dos Registos, fl. 76).

#### AIRES FERNANDO

Mestre de meninos em 1613 (Notas).

#### AIRES GOMES

Escrivão do Judicial em 1589, casado com Agostinha Borges, de quem tinha em 1610 cinco filhos contando-se entre eles o licenciado Manuel Pessoa ou Manuel Homem Pessoa.

#### ALBERTO JOSE DA VEIGA

Farmacêutico e muito versado na língua francesa, era filho de José da Veiga, natural de Salvaleon (Espanha) e de sua mulher Antónia da Conceição Maria. Estes não tinham nobreza alguma; porém seus filhos adquiriram-na pelos seus merecimentos. Joaquim António; frade Capucho, gozou de créditos de bom orador sagrado; Alberto e António têm lugar neste livro.

Alberto, de quem tratamos agora, foi Capitão da 4ª Companhia de Ordenanças desde 1820 até 1834 e no ano seguinte foi eleito Vereador.

Casou duas vezes: a primeira com Josefa Teresa, que faleceu em 1840; e a segunda com D. Maria Isabel da Silva Lobo, filha de D. Francisco Xavier da

Silva Lobo, mas faleceram de menor idade todos os seus filhos.

Era natural da nossa vila, onde faleceu no 1º de Janeiro de 1857, sobrevi-  
vendo-lhe a sua segunda mulher.

#### ALBERTO VIDIGAL

Foi este homem quem aforou cerca de 1790 um pedaço do Chão da Ordeme ali  
formou a horta que se chama do seu nome, por baixo logo da Fonte do Alan-  
droal.

Em 1787 era rendeiro do campo, mas a sua profissão era a de alvenú e tam-  
bém trabalhava em olaria. Era casado com Joaquina Bernarda.

Era falecido em 1809 e a sua viúva arrendou a horta ao tabelião José Mi-  
guel de Torres Penalvo.

#### ALEIXO CARRASCO

Capitão da Companhia da guarnição do nosso Castelo em 1676 e muitos anos  
depois (ainda em 1699).

#### D. ALEIXO DE MENEZES

É este o nome do celebrado aio de El-Rei D. Sebastião. Também foi Calipo-  
lense por alguns anos, achando-se ao serviço do Duque D. Jaime, o que durou  
até ser escolhido para aquele importantíssimo cargo. Assim o diz a Histó-  
ria Genealógica no Tomo VI, pág. 652.

Era filho de D. Pedro de Menezes, 1º Conde de Cantanhede, e por isso repu-  
to-o adventício nesta nossa terra.

Em 1515 militava na India, em tempo do Governador Lopo Soares, e vol-  
tou ao Reino em 1522 com Diogo Lopes de Sequeira. Em 1541 estava de novo em  
Bacarim, de cuja fortaleza era capitão seu tio D. Francisco de Menezes, e de-  
fendeu-a D. Aleixo de um cerco do Vizamoxá.

#### D. ALEXANDRE DE BRAGANÇA

Nasceu nesta vila a 17 de Setembro de 1570, sendo 3º filho de D. João I,  
6º Duque de Bragança, e de D. Catarina, sua mulher.

Graduou-se em Teologia e Canones na Universidade de Coimbra e o seu pri-  
meiro emprego foi de Cónego da Sé de Évora. Filipe III de Castela o nomeou

Dom Prior da Colegiada de Guimarães, de cuja dignidade tomou posse em 26 de Maio de 1601. O mesmo Rei o apresentou Arcebispo de Evora em 17 de Agosto de 1602 e em 5 de Setembro próximo seguinte foi nomeado Inquisidor Geral neste nosso Reino. Como então só tinha prima tonsura, conferiu-lhe as ordens menores e maiores em Vila Viçosa o Bispo de Portalegre D. Diogo Correia e foi sagrado Bispo na mesma vila por seu primo D. João de Bragança, que era Bispo de Viseu, tendo por assistentes D. Cristóvão, Bispo de Nicomédia, e D. Jorge Queimado, Bispo de Fez. Depois da sagração lançou-lhe o pálio (insígnia de Arcebispos) o mesmo D. Diogo Correia.

Foi talvez a primeira e última cerimónia religiosa desta espécie levada a efeito na nossa terra.

No domingo do Espírito Santo celebrou D. Alexandre a sua primeira missa de pontifical na Capela do Paço em presença de sua mãe e irmãos com grande alegria dos Calipolenses que viam mais um patrício seu elevado à Cadeira Arcebispal e Metropolitana de Evora.

Partiu para esta cidade em 5 de Setembro e celebrou o primeiro pontifical na Sé no dia da Natividade de Nossa Senhora, mas já em 21 de Março tinha por procuração tomado posse do governo do Arcebispado.

A sua administração foi curta, pois só durou cinco anos. Porém esforçou-se por imitar as virtudes de seus tios D. Henrique e D. Teotónio, Arcebispos da mesma Catedral. Fundou uma elegante Igreja nas casas em que havia nascido S. João de Deus em Montemor-o-Novo e esta foi o princípio do Convento de Hospitaleiros do mesmo santo que ali se erigiu depois.

Houve entre ele e o cabido grave contenda por causa da tribuna que mandara fazer na Sé com entrada pelo Paço para dali assistir aos divinos officios, pois suspeitando os cônegos que o Prelado por este meio só queria expiar os actos deles, mandaram a Lisboa um colega seu com a queixa injusta, mas depois de renhida contenda sempre o Arcebispo ficou triunfante.

No seu tempo se fez o relógio dos quartos da Sé, pois até então só havia maquinismo e sino para horas.

Era D. Alexandre casto e caritativo, gozando saúde pouco robusta como seu pai. Recolhendo-se doente a Vila Viçosa, onde ainda vivia sua mãe, faleceu a 11 de Setembro de 1608 com 38 anos incompletos de idade e foi sepultado em Santo Agostinho na Capela dos Duques de Bragança. Depois da reedificação da Igreja actual foram os seus ossos colocados no túmulo do cruzeiro que fica por cima da porta lateral a que chamam da Senhora da Graça, com o epitáfio seguinte: *O Senhor Dom Alexandre, Arcebispo d'Evora, filho de Dom João, VI Duque de Bragãça e da Senhora Dona Catharina.*

Foi o 4º Arcebispo de Evora, pois antes do Cardeal D. Henrique só tinham a categoria de Bispos os Prelados Eborenses.

Este esboçeto é um resumo do que se lê nos Esboços cronológico-biográficos dos Arcebispos de Evora por A. F. Barata. Porém na História Genealógica, Tomo VI, pág. 289, encontra-se uma biografia mais extensa deste nosso patrício, para onde remeto os leitores curiosos. Dela consta que durante os estudos na Universidade tinha por aio o Prior Diogo Vaz de Almeida e por capelão Cristóvão de Macedo. Os criados e subcriados da sua família subiam a trinta.

#### ALVARO CASTANHO FRADE

Era Procurador do Concelho em 1592 (L. 1 dos Registos, fl. 65).

#### ALVARO DA COSTA DE MORAIS

Dele fala o autor do Parnaso de Vila Viçosa dizendo-o primo co-irmão de seu pai e faz o seu elogio declarando que andara ao serviço do Imperador Carlos V e fôra capitão de presidio em Nápoles (L. 2, cap. 43).

#### ALVARO FERNANDES

Foi um piedoso sacerdote que viva no século XIV e fundou o Oratório ou Capela de Nossa Senhora da Piedade no lugar onde presentemente estão as ruínas da Igreja de S. Francisco Velho. Vinculando por testamento o dito Oratório com a horta onde ele era situado e outros prédios que possuía, deixou-os a sacerdotes que para ali quisessem ir exercer vida penitente em retiro e oração, como ele exercera. Faltando, porém, habitadores ao eremitério, foi a horta adjudicada em 1514 aos Capuchinhos e os mais bens ao Hospital do Espírito Santo por Breve do Papa Leão X impetrado pelo Duque D. Jaime, como já fica dito noutra lugar (Tomo 1º, cap. 28). Calcula-se que o dito sacerdote falecera cerca do ano de 1400.

Esta notícia é da Crónica da Província da Piedade e também se encontra no Agiológio Lusitano de Jorge Cardoso, Tomo 1º, pág. 438 da edição de 1652. Põe este a sua memória no dia 15 de Fevereiro como o do seu passamento. Veja-se:

*"Fevereiro, 15 -Do Villa Viçosa, Arcebispado d' Evora, a louvável memó-*

ria de Álvaro Fernando (sic), sacerdote de grande virtude e recolhimento natural e morador da própria villa que, à imitação dos antigos Padres do Ermo (inspirado pelo céu) se retirou a uma pequena horta desviada do povoado e mudou a vida solitária e contemplativa, onde, levantado um devoto Oratório, gastou o restante da vida em perpétuo silêncio, penitência e oração, vacando a spirituaes exercícius sem afrouxar um ponto do rigor começado, sendo a todo o género de estado, em particular a sacerdotes de virtude e pureza um exemplar perfeitíssimo. Por seu testamento vinculou em capela a dita horta e a mais fazenda que tinha, a qual deixou a sacerdotes que n'aquelle sítio (à imitação sua) fizessem vida solitária. Ultimamente com morte felice foi chamado por Deus ao Reino perdurável, onde goza o eterno prémio de seus santos trabalhos e merecimentos".

#### ALVARO FERNANDES

Alvenú, mestre das obras da Casa de Bragança e administrador da obra da Matriz em 1642.

No ano seguinte deu-se o caso do embargo que a Câmara Municipal pôs à obra que tirara a serventia à rua do Postigo. Veja-se a História Geral.

#### ALVARO FERNANDES CASTANHO

Já falecido em 1633. Vivia sua mulher Maria Loba Freire. Deixou a António Lobo Freire. D. Maria Loba ainda era viva em 1677.

#### ALVARO GOMES DE MIRANDA

Coutador do Duque em 1606 (Notas).

#### ALVARO GONÇALVES COITADO

Podemos chamar a este o patriarca dos Calipolenses Notáveis, pois embora houvesse outros tão ilustres ou ainda mais antes dele, não são conhecidos os seus feitos.

Naquela época abundavam muito os individuos do seu nome e, como ele fôra desditoso por vezes, deram-lhe os contemporâneos para seu distintivo a alcunha de Coitado.

Se, porém, padeceu revezes cruéis no primeiro ano da campanha da indepen-

dência nacional em 1384-85, também obrou feitos de heróico patriotismo e valor inimitável, sendo por fim o principal agente da tomada de Badajoz em 1396.

Em 1392 foi nomeado Alcaide-mor de Elvas a 23 de Dezembro. Foi à conquista de Badajoz em 1396.

"Tendo passado ao serviço de Castela foram-lhe confiscados os bens e dados a Gonçalo Marques de Melo a 9 de Junho de 1400", diz Victorino de Almada no Concelho de Elvas.

As suas principais façanhas foram escritas por Fernão Lopes na Crónica de El-Rei D. João I e ficaram já por mim narradas nos capítulos 26 e 27 do Tomo I, para onde remeto os leitores.

Alvaro Gonçalves casou com Mécia Pires e teve descendência que não é já conhecida. Em 1383 achava-se feito Adail, Capitão ou Fronteiro de Vila Viçosa comandando a milícia da terra que eram 30 escudeiros, além da peonagem; mas por último tinha mais subido posto porquanto na aludida conquista de Badajoz figurou ele comandando as gentes, assim de pé como de cavalo, dos concelhos de Olivença, Elvas e Campo Maior, o que Fernão Lopes narra mais extensamente no cap. 158 da Parte 2ª da sobredita Crónica.

É certo que o nosso Alvaro Gonçalves tem uma biografia de fases tão variadas que sem muito notável trabalho podem os Calipolenses fazer dela um poema épico ou pelo menos um lindo romance histórico, tão agradável e divertido para quem o lesse como honroso para a terra onde ele nasceu e viveu.

#### ALVARO LOPES

Insigne cirurgião que ainda vivia no primeiro quartel do século XVII. Escreveu um tratado com o título *De morbo gallico ejusque partibus* que nunca foi impresso, diz a Biblioteca Lusitana do Abade Barbosa Machado, citando o Parnaso de Vila Viçosa no L. 2º, cap. 60. Eu, porém, que já tive nas minhas mãos o original do dito Parnaso, acrescento que o seu autor, testemunha contemporânea, testifica ser este nosso patrício um habilíssimo operador e com tanta fama que o chamavam de Vila Viçosa para fazer operações delicadas não só pelo Reino, mas até em terras Castelhanas.

Era licenciado em Medicina. Em 1616 era casado com Maria Alves, na Matriz, tendo filhos.

Seu pai chamava-se Afonso Lopes e faleceu na dita Matriz em 1615. Acho memória de ser cirurgião do hospital da Misericórdia em 1620 com 8:000 réis de honorário.

## ALVARO DE MIRANDA HENRIQUES

Filho de Luís de Miranda Henriques (veja-se) e de D. Violante Henriques. Era capitão de infantaria de linha na Guerra da Restauração. Casou nesta vila a 17 de Maio de 1650 com D. Maria Lobo da Silveira, filha mais velha do capitão de cavalos André Mendes Lobo, dono do Forte de Ferragudo e assim tiveram não poucos filhos que foram baptizados como tais. Teve em Castela a esta, Leonor de Deus, que se chamava Maria e se criou em casa de Rui de Sousa Pereira (veja-se Luís de Miranda Henriques). Leonor de Deus tem lugar distinto neste livro. Os outros filhos foram: Luís de Miranda Henriques, baptizado em S. Bartolomeu a 8 de Maio de 1658, sendo padrinho o General Joane Mendes de Vasconcelos; ficaram-lhe do seu matrimónio estes filhos menores: D. Leonor e D. Francisca, de quem ela ficou tutora por morte de seu pai André Mendes em 1661, dando por fiador Manuel Lopes Almojarife por terem de legítima do pai 12 a 13 mil cruzados.

D. Francisca Madalena de Melo e Távora casou com Manuel de Melo e Castro e sucedeu no morgado da terça de André Mendes Lobo em que entrava a horta do Couteiro e a das Fontainhas com o lagar de azeite.

Por morte deste sucedeu (1787) António de Melo e Castro de Miranda Henriques.

## DR. ALVARO DE MORAIS

Filho do Dr. Fernando de Morais e irmão do Dr. Gomes de Morais, nasceu na nossa vila cerca do ano de 1523.

Recebendo em Coimbra o grau de Doutor em Canones e prometendo-lhe a sua grande erudição o exercício de altos empregos, antepôs o sossego da vida campestre ao tumulto da Corte contentando-se em exercer o lugar de Juiz de Fora da vila de Pinhel (hoje cidade).

Com efeito, retirado a uma quinta sua (de Pardais), applicou-se à agricultura cujo estudo lhe proporcionou escrever a obra intitulada *Livro de agricultura, no qual se trata do modo de enxertar e plantar árvores*. Querendo imprimi-la, submeteu-a primeiro ao exame de seu irmão Gomes que, julgando ser o assunto indigno de um varão capaz de escrever sobre matérias de mais transcendência, impediu a sua publicação esquecendo que a cultura dos campos é tão necessária à conservação da humanidade e fôra exercício louvável de muitos príncipes!

Esta memória é da Biblioteca Lusitana que a tirou do Parnaso de Vila Viçosa.

Era Vereador mais velho em 1571.

#### D. ALVARO DE PORTUGAL

Nega o autor da História Genealógica usarem os Senhores da Casa de Bragança de apelido algum como pessoas de Família Real; porém o Padre Costa assim chama a este na Corografia Portuguesa, Tomo 3º, pág. 40. Ora, a razão disto não é porque D. Alvaro se intitulasse de Portugal, mas porque os Castelhanos lhe deram tal apelido para seu distintivo quando emigrou para Castela. De Bragança é que se intitulou D. Constantino, 2º sobrinho daquele, e modernamente o têm praticado alguns membros desta família como D. Miguel I e seus filhos.

A biografia de D. Alvaro está longamente escrita logo no princípio do Tomo XI da citada História Genealógica, para onde remeto os leitores mais curiosos.

A notícia deste personagem é importante por ser ele o tronco da nobilíssima família dos Duques do Cadaval: família a mais chegada à Dinastia Bragançina depois dos actuais Duques de Loulé e que pode eventualmente chegar a sentar-se no Trono Português.

Do nascimento de D. Alvaro só consta ser 4º filho do Duque D. Fernando I e sua mulher D. Joana de Castro, ignorando-se o ano e o lugar do seu nascimento. Como, porém, não consta que seu pai tivera então solar além do castelo da nossa vila, tenho-o por nascido entre nós.

Por doação de seus pais feita em Vila Viçosa no ano de 1465, teve as rendas que eles possuíam em Beja, conforme as tivera o Condestável D. Nuno, seu bisavô, e possuíu da mesma sorte os senhorios de Torres Novas, Cadaval, Peral, Tentugal, etc.

Em 1475 achou-se na expedição de Castela acompanhando El-Rei D. Afonso V e assistiu ao cerco de Samora e à batalha de Touro.

No mesmo ano o nomeou El-Rei Chanceler-mor do Reino e Regedor das Justiças.

Teve em 1479 maior vantagem, qual foi a de casar com D. Filipa de Melo, filha única e herdeira de D. Rodrigo Afonso de Melo, 1º Conde de Olivença em cujo palácio assistia El-Rei D. João II quando ser irmão o Duque de Bragança foi ali preso em 1483.

Parece que D. Alvaro não aprovara as resistências do Duque D. Fernando II às determinações do Rei e menos ainda as de seu irmão, o Marquês de Montemor, que era o mais recalcitrante. Certo é, porém, que D. João II não morria de amores pelo genro do Conde de Olivença e que, além de o privar dos seus empregos, o mandara sair para França. Mas estava ainda em Barcelona quando soube da desgraça dos Braganças. Por isso não passou de Espanha onde os Reis Católicos, seus parentes, lhe deram hospitalidade e o cobriram até de honras doando-lhe o Estado de Gelves e a alcaidaria-mor de Sevilha e Andújar.

Nestas condições pôde ser ali tutor e protector de seus sobrinhos D. Jaime e D. Diniz, como dito é no lugar competente, os quais tinham sido levados para Castela por Fernão Rodrigues Pereira, o Pássaro.

Alguna coisa lhe valeu o ser genro do Conde de Olivença, pois no ano seguinte (1484) foi permitido a sua mulher retirar-se de Évora para ir viver em Castela com o exilado marido, ficando cá em companhia do avô por exigência de El-Rei D. Brites de Vilhena, sua filha, que depois casou com D. Jorge, Duque de Coimbra e filho natural do mesmo Rei.

Tornando a Portugal em 1496 trouxe consigo os filhos do degolado e proscrito D. Fernando II e foi apresentá-los em Setúbal a El-Rei D. Manuel e a sua mãe, o que deixei dito no lugar competente mais por miúdo.

D. Alvaro não se dera mal na Espanha. Tinha lá muitas relações e não quis interrompê-las frequentando aquele país que tão hospitaleiro lhe fôra. E assim veio a falecer em Toledo a 4 de Março de 1504; porém os seus ossos foram dali trasladados para a Igreja dos Loios de Évora, do padroado da sua casa em que El-Rei D. Manuel o reintegrara e ali descansam juntamente com os de sua mulher no cruzeiro, tendo esculpidas ou antes contorneadas as suas figuras na campa e sem epitáfio.

Do seu matrimónio procederam: D. Rodrigo de Melo, 1º Conde de Tentugal e 1º Marquês de Ferreira, D. Jorge de Portugal, 1º Conde de Gelves em Espanha, cuja descendência continuou ali; D. Isabel de Castro, que casou com o Conde de Bealcaçar; D. Brites de Vilhena, já nomeada, e D. Maria de Menezes, que casou com o 1º Conde de Portalegre.

No tempo de El-Rei D. João IV passaram os Marqueses de Ferreira a Duques de Cadaval.

## ALVARO TINOCO

Licenciado e Mestre de Cerimónias na Sé de Évora em 1609. Irmão de Bartolomeu Vieira. Dota nesse ano seu sobrinho Alvaro Tinoco para ser clérigo com umas casas que possuía na rua de Santa Cruz e uma vinha a Santo André (Notas). Este sobrinho era também licenciado em 1614 e beneficiado da Igreja de S. Pedro de Evoramonte. Em 1616 nomeou um ecónomo deste benefício por estar em Coimbra estudando Canones (Notas).

## ALVARO VAIA

De João Vafa ou Bafa e de Inês Alvares Pires Leite nasceu Alvaro Vafa que foi um dos criados mais ilustres dos Duques D. Jaime e D. Teodósio I, aos quais mereceu particular estima, assim pelo conhecimento das línguas que falava com perfeição, como pela veia pronta e sublime que tinha para a poesia, e não menos para a oratória, nas quais excedia aos mais abalizados daquela época entre nós.

Compôs muitas tragédias e comédias com as quais se podia formar um grosso volume. Foram elas representadas em presença dos Duques e da sua Corte com geral aplauso dos espectadores, logrando só uma o benefício da imprensa.

Francisco de Moraes Sardinha no Parnaso de Vila Viçosa traz duas canções dele no Livro 3º: uma à Degolação de S. João Baptista, que começa:

*Baptista, precursor do Verbo Eterno*

e outra à Santíssima Virgem na Visitação a sua prima Santa Isabel, cujo princípio é:

*Depois que a antiga Mãe, de Adão consorte*

e um soneto exordiado assim:

*Já torna a cantar Progne e Philomela.*

Também traz umas oitavas dirigidas ao Duque D. Teodósio I que principiam deste modo:

*Prosápia singular, alta e suprema  
Do Condestable invicto celebrada,  
Que o Lusitano scptro e diadema  
Ganhou com a fulmínea e forte espada,  
etc.*

Só estas amostras deixam transparecer o génio de um poeta digno de figurar entre os melhores e mais fogosos quinhentistas. Pena será que não se publique ao menos o que Moraes Sardinha arquivou no Parnaso de Vila Viçosa que felizmente dura ainda na Biblioteca Nacional!

O pestífero contágio que consumiu grande parte da gente deste Reino em 1598 o privou também a ele da vida na sua pátria, sendo os seus restos mortais depositados na Igreja do 2º Convento dos Capuchos.

Esta notícia é da Biblioteca Lusitana que a bebeu no Parnaso mencionado acrescentando que o Padre António dos Reis no seu Entusiasmo Poético sob o nº 202 faz menção honrosa deste nosso ilustre patrício, literato e poeta notável.

A geração dos Bafas continuou na nossa terra.

#### AMADOR MONTEIRO

Havia em 1588 um sapateiro deste nome e dele descenderam diversos, talvez Salvador Monteiro que tinha o mesmo officio em 1640 e anos seguintes.

\*\*\*\*\*

Este patrício era filho de Manuel Monteiro e de Maria Rodrigues. Foi baptizado na freguesia de S. Bartolomeu a 23 de Novembro de 1612 e ali mesmo casou em 13 de Junho de 1651 (talvez em segundas núpcias) com Jerónima Giroa.

Teve o cargo de Procurador do Concelho em 1665, 1669 e 1674. Enobrecido com ele, na forma da Ordenação do Reino, pôde já ser eleito Vereador para o ano de 1677. Esta notícia é minha e fundada no registo paroquial e nas actas das vereações.

Acrescento que esta família continuou em Vila Viçosa onde no ano de 1719 era vivo o Padre Amador Monteiro de Sá, sendo Tesoureiro da Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição. E em 1740 faleceu em S. Bartolomeu outro, secular, cavaleiro do Hábito de Cristo.

Nota: em 1535 militavam em Goa Amador Monteiro e Francisco Monteiro que parecem pertencer a esta nossa família (Barros, Dec. 4, L. 7, cap. 10).

## AMADOR RODRIGUES

Licenciado, filho de Afonso Roiz, almoxarife da Casa de Bragança em tempo de D. Teodósio I. Já era falecido em 1566. Isto consta de uma escritura de 11 de Setembro de 1602 feita entre António Mouro, comprador de uma hortinha dos referidos, feita no dito ano de 1566 e ratificada na data mencionada.

## AMARO ANTONIO DE FIGUEIREDO

Era natural de Vila Viçosa como diz o assento do seu óbito sucedido em 4 de Setembro de 1787, sendo então viúvo de Luísa Teodora. E, com efeito, encontro que fôra baptizado em S. Bartolomeu a 27 de Dezembro de 1713, sendo filho de Luís de Figueiredo e de Maria da Conceição.

Sendo Bacharel pela Universidade de Coimbra, foi nomeado médico do partido da Casa de Bragança em 1760 e tomou posse dele em 8 de Outubro. Vencia de ordenado um moio de trigo e 20\$000 réis em dinheiro com obrigação de curar os criados da casa (L. 4 dos Registos da Câmara, fl. 212 v.).

Em 1771 era escrivão da Confraria do Carmo.

Um médico é sempre um homem recomendável como cidadão prestante, mormente não sendo materialista. Este serviu-nos 27 anos.

## AMBROSIO PEREIRA DE BERREDO E CASTRO

Este varão vivia na primeira metade do século XVII sendo Fidalgo da Casa de Bragança. Acompanhou para Lisboa El-Rei D. João IV e assistiu em 15 de Dezembro de 1640 à coroação do mesmo Rei (História Genealógica, Tomo 7, pág. 103).

Em escritura de 7 de Julho de 1637 fez a obrigação costumada para receber a comenda de Santa Maria de Monsaraz que vagara por morte do Senhor D. Alexandre. Era então morador em Montemor-o-Novo e obrigou-se a servir o Duque. Arrendou-a em 1638 por 204\$000 réis. Tinha um filho chamado Bernardo Pereira que vivia nesta vila e outro chamado D. Henrique Pereira que vivia em Lisboa e ambos se obrigaram a fazer bom este arrendamento.

Cadornega, na sua Descrição de Vila Viçosa, menciona irem no cortejo do casamento do mesmo D. João IV em 1633 D. Mécia Pereira de Berredo e D. Violante com as suas criadas. E estas duas senhoras deviam ser irmãs ou parentes próximos de Ambrósio Pereira de Berredo.

Este foi casado com D. Joana de Menezes e teve um filho por nome Bernardo Pereira de Berredo, o qual casou na Matriz em 1638 com D. Catarina de Avellos, filha de outra dona do mesmo nome, naturais de Sevilha.

Creio que deste matrimónio procedeu o seguinte.

#### AMBRÓSIO PEREIRA DE BERREDO E CASTRO

Este, que julgo ser neto do precedente, casou com D. Maria Lobo da Silveira, filha mais velha e herdeira de André Mendes Lobo, senhor do Forte de Ferragudo em S. Romão. Teve duas filhas somente, que foram D. Luísa Clara de Menezes, a mais velha, que casou com Gomes Freire de Andrade, e D. Joana Vincência de Menezes, que casou com Bernardino Freire de Andrade, irmão do antecedente, os quais todos figuraram na segunda metade do século XVII. Assim consta do Santuário Mariano, Tomo 7<sup>o</sup>, onde se dá notícia da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios do sobredito Forte, edificada por este Ambrósio Pereira, como dito é no lugar competente.

Ambrósio Pereira casou com D. Maria Lobo da Silveira, já viúva de Alvaro de Miranda Henriques, talvez em 1662 ou pouco depois. Em 1667 já era casado com ela.

A casa do Forte, representada assim por Gomes Freire de Andrade, continuou prosperamente e um sobrinho dele do mesmo nome (filho de Bernardino Freire de Andrade) obteve o título de Conde de Bobadela, de onde resultou estar-se já dando ao dito Forte o nome de Forte do Conde. Nos nossos dias, porém, extinguindo-se a varonia nesta casa, passou ela por casamento aos Condes de Camarido, que também são Freires de Andrade, assim como já desde 1817 por morte do General Gomes Freire passara a casa deste (a da Corredoura) aos seus parentes Bobadelas.

Tornando, porém, a Ambrósio Pereira de Berredo e Castro acrescentarei que fez uma brilhante figura durante a Guerra da Restauração como Capitão de cavalos, o que pode ver-se no Portugal Restaurado. Um exemplo: em 1662 estava de guarnição em Juromenha quando esta praça foi rendida por D. João d'Áustria, etc.

A Câmara Municipal e a gente da governação da terra elegeram-no em 6 de Outubro de 1679 Procurador às Cortes de Lisboa.

Vivia no Forte e ali faleceu rico e honrado como pediam os seus serviços à Pátria.

## AMBROSIO PEREIRA MARINHO

Natural desta vila e filho de Manuel Fernandes Mendes, sargento-mor dos Auxiliares da Comarca em 1710, e Brites Marinha. Casou na Matriz com sua prima-irmã Inês Maria Pereira (D.), filha de seu tio Manuel Marinho Pereira e de Brazia Coelhoa em 11 de Junho de 1715. Sendo então morador em Monsaraz, mas tornou à sua pátria e aqui foi Vereador em 1746 e 47, sendo a esse tempo Cavaleiro professo na Ordem de Cristo. Os Marinheiros não eram já de fresca data em Vila Viçosa.

Sua mulher faleceu em 1764, sendo viúva dele, que falecera em 27 de Agosto de 1750.

Em 1739 renunciou em António Loureiro de Mesquita o aforamento de escrivo da Câmara de Monsaraz recebendo 1:350\$000 réis.

## AMBROSIO RODRIGUES

Filho de João Rodrigues e Maria de Andrade, baptizado em S. Bartolomeu em 1683, onde faleceu com 79 anos de idade.

Foi ele quem aforou à Câmara um terreno da coutada de Vale de Castanheiros e formou a horta que se chama da Coutada.

## ANASTÁCIO FALÉ RAMALHO

Foi Vereador em 1843 e 44.

Sendo segundo filho varão de Vicente Ramalho Falé, morgado no Redondo, e abraçando (como seu pai e irmão primogénito José Anastácio Ramalho Falé) a causa de El-Rei D. Miguel I, assentou praça no exército onde já tinha o posto de Tenente de infantaria quando o Rei sobredito convencionou em Evoramonte no ano de 1834. Tornando então para casa de seu pai, este, fugindo à perseguição dos seus patrícios Redondeiros, veio buscar hospitalidade na nossa vila e aqui faleceu já no meu tempo.

Esta convivência entre nós fez que Anastácio Falé se enamorasse de D. Angélica de Matos Azambuja, filha de António Lourenço de Matos Azambuja, com quem casou. Teve a Vicente António Falé Ramalho que seguiu a escola do exército e é já (em 1883) Tenente de Cavalaria, e a D. Teresa Madalena de Jesus Falé Ramalho que, tendo vocação para a vida conventual e não lhe permitindo a legislação civil professar em Ordem Religiosa, tem vivido como Educanda nos conventos das Maltezas de Estremoz e S. Bento de Évora.

Anastácio Falé vivia pobre nos últimos tempos da sua carreira e além disso num triste exultamento por ser já viúvo. Seus filhos, porém, forneciam -lhe o preciso para a sua decente sustentação. E para que o seu final não destoasse da sorte adversa que ultimamente o perseguia, sucedeu falecer na rua dos Caldeiros de apoplexia fulminante à porta da casa de uma mulher que lhe aviava os recados. Isto em 19 de Novembro de 1882. Sendo levado logo já morto para o Hospital da Misericórdia, saíu dali mesmo o funeral decente que seu filho Vicente dispôs vindo de Estremoz onde se achava de quartel. Jaz no cemitério da Matriz.

Os seus filhos têm os nomes dos avós paternos.

#### ANASTACIO MARIA PALMEIRO

De Barnabé Maria Palmeiro, barbeiro e sangrador e também enfermeiro do Hospital da Santa Casa, e de Ana da Encarnação Troca nasceu em Maio de 1835 este meu patrício e condiscípulo.

Principiando a receber lições de música de Francisco Peres e a cursar gramática portuguesa e latina com o professor público José Honório de Pádua Cardoso, perdeu o seu pai que se finou prematuramente, o que deu causa a ele abandonar os estudos de português e latim continuando somente com os de música sob a direcção gratuita do meu mestre Francisco António Franco. A paixão que tinha por esta bela arte manifestada no canto, no toque de órgão e piano e ainda no de rabeça e viola francesa grangeou-lhe uma simpatia geral e, acontecendo ir a Évora o Prior de S. Bartolomeu Filipe Benício para falar com o Arcebispo D. Frei Francisco da Mãe dos Homens Anes de Carvalho, teve ocasião de lembrar-lho para seu fâmulos a fim de poder ordenar-se Padre. O Arcebispo anuiu logo à lembrança precatória do Prior e o moço Anastácio não recusou entrar num caminho que lhe abriam sem ele o rogar. Benício promoveu uma subscrição de donativos para o seu enxoval e para lá o remeteu no estio desse mesmo ano de 1852.

Começou logo a frequentar as aulas do Seminário Diocesano, de que o mesmo Prelado o nomeou Prefeito em 1855. E continuando os estudos até ao fim do 2º ano do curso teológico, recebeu os diversos graus do sacramento da Ordem, sendo o de presbítero em 1859. Quatro anos depois alcançava um dos Benefícios Curados da Sé largando então voluntariamente o lugar de Prefeito do Seminário para ter casa sua na cidade e recolher nela um irmão e duas irmãs, porque a mãe já tinha falecido em Vila Viçosa. Nesta posição o arrebatou a morte em Abril de 1869 contando apenas 34 anos incompletos.

Não é como literato que aqui inscrevo o seu nome: é sim como professor da arte musical para que a natureza o fadara. Que nesta bela arte era notável, disse-o a cidade de Évora aplaudindo-o nos coretos e nas salas, chamando-o para mestre em conventos e casas particulares e chorando a sua inesperada morte.

Tocava bem piano e órgão e suficientemente rabeca, rabecão e viola. A sua voz de tenor, posto que algum tanto parda ou nasal, era bem sonora e agradável e todos gostavam de o ouvir porque cantava com muito entusiasmo, talvez ruinoso para a sua saúde por excessivo. Eu o ouvi pela última vez na Sé num domingo da quaresma de 1863 e assim o fiquei julgando.

Apesar de não ter estudado as regras da harmonia, melodia e contraponto com mestres hábeis, compunha por curiosidade e génio próprio e deixou muitos motetes de música religiosa para orquestra e órgão, sendo os mais notáveis um Tantum ergo a 3 vozes e um Obtulerunt a duo para a festa da Purificação no Seminário. Deixou também muitas canções no género popular para teatro e sala e várias músicas de dança para piano.

Ainda que pouco amigo de longos trabalhos, é provável que empreendesse obras de mais vulto se a Parca inexorável não lhe cortasse tão cedo o fio da vida.

Esta família dos Palmeiros não foi bafejada por mimos do que chamam uma sorte próspera. Carlote, que fôra organista nas Chagas e governava a casa de Anastácio, quando ele morreu teve de tornar ao mesmo officio no Convento de Santa Clara de Évora com a sua irmã Filomena, enquanto João Maria completava os estudos no Seminário. Mas entretanto finou-se ali física. O dito João, que era também excelente barítono e tangedor de piano e rabecão, depois de ordenado esteve por algum tempo empregado na Sé, mas passando a Pároco de Santa Catarina de Sítimos ou Alcácer, ali faleceu também moço de uma congestão cerebral em 1880 ou 81, deixando já casada na mesma vila a irmã Filomena, única pessoa restante daquela família.

Todos estes eram discípulos de Franco (Francisco António).

## ANDRE DE AGUIAR DA SILVA

Seguindo a carreira das letras chegou a obter o grau de Licenciado em Leis e assim em 26 de Março de 1661 nomeou-o a nossa Câmara por seu Síndico ou Advogado, cargo que teve muitos anos.

Casou na Matriz em 20 de Janeiro de 1654 com Antónia Loba de Faria e por morte desta passou a desposar-se novamente com D. Maria de Távora e Sousa, natural da freguesia de Santa Justa de Lisboa, recebendo-se, também na Matriz a 10 de Julho de 1686.

Tinha escritório de advogado nos auditórios da nossa vila e comarca.

Faleceu na sobredita freguesia no 1º de Setembro de 1692.

## ANDRE ALVARES Mouro

Este Calipolense era filho de Alvaro Mouro, senhor da vila de Mezão Frio, a qual perdeu por ocasião da desgraça do Duque D. Fernando II degolado em Évora, de quem foi criado, assim como o tornou a ser de seu filho, o Duque D. Jaime. Alvaro casara com Brites Peixoto.

André Alvares foi Fidalgo da Casa de Bragança em tempo de D. Jaime e aio da sua filha D. Joana que casou para Espanha com o Marquês d'Elche.

Dele e de sua mulher e prima Leonor Alvares de Andrade nasceu D. Brites Mouro de Andrade que casou com Francisco Galvão, pai do célebre cavaleiro António Galvão de Andrade.

Esta notícia é extracto da Vida de Francisco Galvão, Lisboa, 1783.

## ANDRE ALVES

Advogado que vivia nesta vila em 1611. Casado com Maria Borralha em 1613. Morava na Corredoura.

Havia nesse tempo outro André Alves casado com Luísa Pazes e que arre-matou as sisas em 1615 (Notas).

## ANDRE DE ANGERINO

Deste nome conheço dois indivíduos. O primeiro talvez fosse Castelhana (pois não me parece português o apelido) e era criado do Duque D. Jaime que esteve em Espanha e casou a primeira vez com uma espanhola. O seu nome encontra-se a pág. 583 do Tomo V da História Genealógica.

Ficaram filhos a André Angerino: um se chamava Luís da Silva de Castro e outra das filhas era D. Leonor de Castro.

O segundo, que deverá ser neto do primeiro, já nascido em Vila Viçosa está mencionado no Tomo VI, pág. 428 da mesma História e frequentemente nos registos paroquiais. Era Fidalgo do Duque D. Teodósio II e de tanta autoridade que no torneio das festas do casamento deste Duque figurou de padrinho de Fernão de Castro, Veador da Duquesa D. Catarina.

Era dono da herdade da Vara. Depois vim a saber que morava na rua dos Fidalgos e casa nobre que faz esquina do norte para a travessa da Amoreira. Fernão de Castro habitava na esquina do mesmo quarteirão para a rua das Cortes.

## ANDRE ANTÓNIO DE CASTRO

Temos agora um excelente médico, filho de Diogo de Castro e neto de André de Castro, Lente de véspera na Universidade de Coimbra, e ambos físicos-mor dos Duques de Bragança.

Trilhando as pisadas de seu pai e de seu avô, foi admitido em idade juvenil no serviço dos mesmos Duques como criado seu, isto em 1586. E ainda que se não sentia com propensão para estudar medicina, applicou-se a esta ciência por estímulos do Duque D. Teodósio II (que provavelmente lhe pagou as despesas em Coimbra), saindo tão eminente na clínica médica que a exercitou por toda a vida na Sereníssima Casa a contento dela.

Quando o Duque D. João II cingiu a coroa de Rei em 1640, não só o fez seu físico-mor, mas lhe deu a Alcaidaria-mor da vila de Ourém e a Comenda de Montalegre da Ordem de Cristo.

Livrando em Lisboa a muitos da morte pela eficácia dos seus receituários, não pôde ele mesmo evitar que fosse dela vítima no ano de 1642. Tal é a condição dos homens sobre a terra, sem exceptuar os próprios médicos!

O Dr. André António de Castro é chamado eruditíssimo por Zacuto na Hist. Princip. Medic. e *in facultate medica perdoctus* por João Soares de Brito in Theat. Lusit.

Das obras que compôs faz menção, além de outros, Nicolau António na Biblioteca Hispana. São as seguintes:

*De februm curatione, em 3 livros.*

*De simplicium medicamentorum facultate, em 2.*

*De qualitatibus alimentorum, quae humano corpori sunt apta, em 10* tratados impressos na sua pátria (Vila Viçosa) em 1636 na Tipografia de Manuel de Carvalho, impressor do Duque, estabelecido em Évora, o qual veio a Vila Viçosa expressamente para efectuar este trabalho.

No fim do prefácio deste último volume anunciou ter prontos e aperfeiçoados mais três tratados sobre várias matérias de medicina que, antecipando-se-lhe a morte, não teve tempo de dar à luz pública.

Este artigo é um transsumpto do que veio na Biblioteca Lusitana do Abade Barbosa Machado.

Cadornega diz que figurou na comitiva de casamento do Duque D. João II acompanhando-o a Elvas em coche com sua mulher D. Leonor de Albuquerque e seu sobrinho Diogo de Castro. E o Parnaso de Vila Viçosa traz o seu elogio no L. 2º, cap. 54.

#### ANDRÉ CARDOSO GODINHO

Era Doutor em Direito e Desembargador dos Duques D. Teodósio II e D. João II. Já cá vivia em 1626 e anos seguintes (l. 1.º dos Registos da Câmara, f. 65). Vivia na Matriz em 1638 sendo casado com Brites de Sequeira e nesse mesmo ano teve um filho chamado Luís.

Em 1631 era também Chanceler-mor da Casa do Duque.

Depois de 1640 passou para Lisboa como todos os mais funcionários do Desembargo do Estado Brigantino.

Ignoro a sua naturalidade.

#### ANDRÉ DA COSTA PIRES

Chamavam-lhe vulgarmente André das Festas talvez por ser zelador do culto de alguns santos.

Em 1754 era morador em Juromenha.

Foi Procurador do Concelho em 1779 e 1783.

Era filho de Francisco Pires e de Mariana da Costa.

Vivia na Matriz e era casado com Ana Inácia quando faleceu em 7 de Maio de 1787.

Dele procedeu, entre outros, José António da Costa Pires, escrivão do Judicial e Notas no primeiro quartel deste século, sendo conhecido vulgarmente por Festas-pôtra porque era quebrado e tinha um grande abdómen. As suas facécias, que lhe eram naturais, captaram-lhe a benevolência do Príncipe Regente D. João no ano de 1806 quando aqui esteve largo tempo a Família Real, de sorte que no Brasil perguntava notícias do Festas Pôtras (além de outros Calipolenses) quando alguém de Vila Viçosa ia tratar negócios na Corte do Rio de Janeiro.

O dito José António tinha também muita aptidão para a arte dramática e assim tomou parte nas comédias públicas da paz geral de 1814 e anos seguintes. Recordo-me de ouvir gabar aos antigos o bem que ele desempenhava o papel de rico avarento no drama deste título.

Ele e seu pai tinham sido artistas (não me lembro bem se barbeiros), mas remediados.

Ainda restam descendentes seus na nossa vila, conhecidos vulgarmente por Festas, como acontecia com os precedentes.

#### FREI ANDRÉ GIRÃO

Freire de Avis, Prior da Matriz da sua pátria e Licenciado em Teologia pela Universidade de Évora.

Seu pai, Gaspar Girão, segundo Cadornega, era pasteleiro-mor e cozinheiro dos Duques. Casou na Matriz com Jerónima Rodrigues em 1601 e teve, além deste André, Gaspar que foi também Freire de Avis e Beneficiado de S. Bartolo - meu muito tempo.

Frei André cursou teologia cinco anos desde 1621 até 1626, o que verifiquei à vista do competente Livro das Provas dos Cursos (que, com o mais Cartório da Universidade, está na Biblioteca de Évora). Em 1628 estava ordenado sacerdote como consta de uma doação que lhe fez Maria Francisca, viúva de Baltazar Mendes Bugalho, de umas casas na rua dos Caldeireiros ao pé das casas da Câmara antigas.

Tomou posse do Priorado da Matriz em 31 de Março de 1645 e teve este cargo até aos fins de 1659.

Foi ele que oficiou nas simplicíssimas exéquias de El-Rei D. João IV em 1656.

Coisa rara!: era natural da dita Matriz onde foi baptizado a 28 de Janeiro de 1602, sendo seus padrinhos Fernão de Sousa e Joana Cide.

Faleceu em 30 de Dezembro de 1659 com grande opinião de santo, como se lê no assento do seu óbito e isto resume um grande elogio.

#### ANDRÉ GOMES VERDELHO

Alferes de infantaria da Ordenança em 1648 e casado com Joana Coelha (Notas).

#### ANDRÉ INÁCIO DA SILVA

Sacerdote natural desta vila onde foi Vigário da Vara muitos anos. Faleceu em 1780. Irmão de Cristóvão da Silva Ramos.

#### DR. ANDRÉ JORGE DE ABREU

Natural da nossa vila e filho de Jorge Vaz Bandeira e de Maria Dias, floresceu no meio do século XVI sendo ainda vivo em 1577.

Seu pai tinha o morgado de Maria Afonso de Moraes em Monsaraz e era Escudeiro ou Cavaleiro Fidalgo de D. Jaime. Mandou-o graduar em Leis por ser filho segundo, mas depois falecendo o primogénito, João Dias, sem sucessão teve ele o morgado.

Ora, assim Advogado e morgado rico, pôde casar com D. Ana da Silva Menezes, fidalga ilustre, parenta dos Menezes e dos Silvas, Condes de Portalegre.

Serviu na corte dos Duques D. Teodósio I e D. João I.

Teve, entre outros filhos, Manuel Teles de Menezes ao qual passou o morgado de Monsaraz, que ultimamente possui o nosso patrício Inácio da Silveira Menezes. Esta notícia é do cartório da sua casa. (Veja-se Manuel Teles de Menezes).

#### ANDRÉ LEITÃO

Licenciado em Direito. Vivia na Matriz em 1574 e anos seguintes, sendo casado com Beatriz da Paz.

De 1579 a 1598 foi procurador da Misericórdia. Em 1605 era advogado ou síndico da Câmara. Morava ao cimo da rua do Poço perto da rua do Espírito Santo em casas que foram derrubadas em 1663 (Notas).

Teve uma filha chamada Ana Leitão que ele dotou com as casas do cimo da rua do Poço para casar com Fernão da Silveira (Notas) e um filho chamado Manuel Leitão de Araújo. Era falecido já no ano de 1610.

#### ANDRÉ LUIS DA SILVEIRA (OU CERVEIRA?)

Escudeiro do Duque D. Teodósio II. Este o nomeou para os officios de Tabellião de Notas, Escrivão do Judicial e da Imposição por carta de 23 de Julho de 1601 (L. 1º dos Registos da Câmara, fl. 72).

Na maior parte dos documentos lê-se o apelido de Cerveira.

Tinha um irmão chamado António da Cerveira que também o substituiu no dito cargo. Ainda existem muitos livros de Notas suas.

#### ANDRÉ MARTINS DE MIRA

Licenciado e Vigário da Vara em 1629 (Notas). Era dono da herdadinha da Marotena de Bencatel.

#### ANDRÉ DE MELO E CASTRO

Nasceu em 1668 na Matriz desta vila onde foi baptizado a 6 de Dezembro, sendo seu padrinho Ambrósio Pereira de Berredo e Castro e madrinha D. Maria da Silveira, mulher do mesmo.

Era filho de Diniz de Melo e Castro, 1º Conde das Galveias, e de sua mulher D. Maria Josefa Corte Real, filha de João de Tovar Caminha.

Dele tratam as Memórias dos Grandes de Portugal pelo Padre D. António Caeetano de Sousa a pág. 383.

Seu pai o destinou à vida eclesiástica e depois de graduado em teologia ou canones na Universidade de Coimbra, foi Deão da Capela Real da sua pátria. Em 1679 já tinha esta dignidade e, sendo eleito em 1697 Procurador às Cortes de Lisboa pelo nosso município, pediu escusa por alguma razão plausível que não achei expressa nas actas das Vereações.

Largando a vida eclesiástica em 1711, passou a residir em Roma como Enviado extraordinário de El-Rei D. João V. Sete anos depois o mesmo Rei lhe deu o carácter de Embaixador, fazendo por isso entrada na mesma corte com grande lustre e magnificência.

Em atenção aos seus relevantes serviços fê-lo D. João V em 1721 Conde das Galveias e deu-lhe as Comendas de S. Tiago de Lanhoso e de Santa Marinha de

Pena, ambas na Ordem de Cristo e do Arcebispado de Braga.

No ano de 1732 mandou-o para o Brasil como Governador e Capitão General da Província das Minas e em 1736 deu-lhe o governo de todo o Brasil com o título de Vice-Rei. Regressou ao Reino em 6 de Junho de 1750 e faleceu a 28 de Janeiro de 1753 contando 84 anos completos de idade.

Não sei dizer quantos graus do sacramento da Ordem ele tinha, mas presumo que pelo menos Presbítero não era.

Teve um filho bastardo em Vila Viçosa chamado Francisco de Melo e Castro, o qual nasceu em 1702 e foi baptizado em Santa Catarina de Pardais a 9 de Janeiro do mesmo ano. Passou em 1718 a servir na India onde ganhou os seus postos até chegar a ser Governador de Moçambique em 1752.

#### ANDRÉ MENDES DE ALMEIDA

Filho de Lopo Vaz de Almeida e de D. Leonor de Castro, que depois de viúva passou a ser mulher de Rodrigo Rodrigues, Secretário de D. Teodósio II, também viúvo.

Casou com D. Ana Cordeiro, filha de João Francisco Cordeiro em 1601, que já tinha a legítima de sua mãe Catarina Mendes; seu pai dotou-a com a sua metade reservando o usufruto dela e mais 660\$000 réis para poder testar. Foi um bom casamento porque D. Ana era filha única e o pai um lavrador rico, donos dos Cordeiros e outras herdades.

Foi mesário da Misericórdia em 1629-30 e entrou para o cargo de provedor em 1641.

Foi Vereador ao menos em 1644. Comendador em 1645.

Não devia então ser já moço, pois casara na Freguesia de S. Bartolomeu em 3 de Novembro de 1605 com D. Ana Cordeiro, recebendo-se porém no oratório Particular de Afonso de Lucena com licença do Arcebispo D. Alexandre de Bragança e sendo padrinhos o dito Lucena e André Angerino, com o qual figurou na comitiva do casamento do Duque D. João II em 1633.

Era Moço do Guarda-Roupa do mesmo Duque e morava na rua de Santa Luzia ao canto em baixo do poente.

Em 1640 não acompanhou D. João IV para Lisboa e ainda cá estava em 1643.

Seu filho Lopo Vaz, sim.

Em 1651 já era falecido.

Era filho de Manuel Mouro, lavrador em S. Romão, e de Angela Mendes. Assim consta de uma fiança que a mãe deu em 7 de Outubro de 1614 para ser tutora dos seus filhos órfãos de pai que eram quatro, a saber: André de 11 anos, Maria, Beatriz e Joana, as quais últimas eram mais moças que o varão. Mas já estava casada a filha mais velha, Leonor Mendes, com Simão Gouveia de Brito, que foi um dos fiadores.

Ora, Manuel Mouro era irmão de André Alvares Mouro. Era desta vila, mas residia na sua lavoura de S. Romão.

Nasceu portanto André Mendes em 1603.

Como se verá, continuou a professar a vida agrícola como seus pais, apesar dos altos empregos que serviu e chegou a ter uma fortuna tão grande que me parece ninguém ser mais opulento que ele na época imediata a 1640.

Em 1629 era já casado com Leonor Silveira, filha de Luís da Silveira Vilalobos. E, estando em casa do sogro, vendeu a retro por 100\$000 réis às freiras da Esperança um moio de trigo em Ferragudo onde tinha dois moios e cinquenta e cinco alqueires. Creio que ali os lavrava de seus pais e que ali nascera ele mesmo.

Em 1630 comprou a João Mendes Leitão por 380\$000 réis uma herdade para pagar às freiras de Santa Cruz o dote da noviça Beatriz Pinheiro das Arcas, filha do sobredito João Mendes. Obrigou-se a pagar a prazos o dito dote.

A 15 de Julho do mesmo ano foi afirmado por seu sogro, Luís da Silveira, morador no monte do Ferragudo e por Lopo Vaz, Ferreiro do Duque, para ir solto cumprir quatro anos de degredo em Africa, sob pena de 32\$000 réis para o hospital de Todos os Santos ou para onde Sua Majestade mandasse. Isto por sentença da alçada do Dr. Gaspar Pereira de Sampaio em 1629. Fôra acusado: 1º - de ferimento e ofensa feitos a João da Veiga, desta vila; 2º - de ferimento feito a João Alvares, lavrador do Monte Branco, da freguesia de S. Romão. De onde resulta ser ele assomado. Creio que pagou a multa e é certo que não safu desta vila a cumprir tal degredo.

Achava-se preso ainda na cadeia de cima em 1631 quando lá foi o Prior da Matriz confessar um preso e, ao sair este, safu também André Mendes, do que resultou travar-se com ele de razões o carcereiro Gonçalo de Macedo e fazer-lhe o preso um ferimento em dois dedos da mão esquerda. Assim consta do instrumento de perdão que lhe deu o mesmo carcereiro em 5 de Março do dito ano.

Em 1633 estava já solto, segundo uma escritura de arrendamento que fez da herdade da Seiva-cedo, onde tinha três quinhões e a posse de arrendar.

Em 1637 era já senhor da maior parte de Seiva-cedo. Continuava com a sua lavoura e com aumento progressivo.

Em 1641 foi logo nomeado Capitão de infantaria por Sua Majestade. Compra neste ano a seu cunhado Simão Garcia de Brito um quinhão que aquele tinha nos Furadouros. Pouco depois cerca de muros o seu monte do Ferragudo. Passou por isso a chamar-se Forte. Em 1647 já se chamava Forte, como vi numa escri tura.

1641 - Dono da azenha e terra do Limoeiro em Pardais. Sua tia paterna, Escolástica de Andrade, irmã de António Mouro de Andrade (2º) doa-lhe metade da horta de Mures nas Ciladas - esta possuía com o dito irmão um foro a re- tro de cinco alqueires de azeite e umas casas na rua de Santa Cruz. Era já o maior senhorio da Fagunda.

Em 1642 mudou a sua residência para Lisboa, mas sem deixar cá a sua lavou ra. Assim mesmo veio a arrendar a sua herdade de Seiva-cedo.

Em 1644 ou pouco antes mudou a sua residência para Elvas a fim de servir de sub-pagador do exército do Alentejo, mas no ano seguinte era já pagador e lavrador da mesma sorte que no princípio da sua carreira, de sorte que em Ja neiro de 1645 vendia a crédito não menos de 100 porcos de vara.

Em 1650 era já comendador, além de capitão de cavalos e vivia nesta vila.

Depois de 1652 começou também a dar dinheiros à usura de 6,25% que era o usual de então, e a comprar prédios. Em 1655 fez aquisição da parte que António Roiz de Almeida tinha na horta do Couteiro e era só o que lhe falta- va para a possuir toda. Compra um quinhão no Monte Branco e outro nos Ulmos de um moio de trigo cada um. Estava sendo um grande argentário e o maior ri caço da nossa vila.

Em 1659 compra a D. Luísa de Miranda e Belchior de Vilalobos por 50\$000 réis metade da herdade da Ramalha que andava inculta por causa da guerra e compra a António Cavil por 300\$000 réis as casas à esquina de Sto. Agostinho que foram de João de Tovar Caminha. No mesmo ano, por morte de Vicente de Matos, passa a ter cargo de couteiro-mor da Casa de Bragança e continuava sen do Pagador Geral da Província.

Faleceu em 1661 com 58 anos de idade com testamento de mão comum com sua mulher, no qual cada um instituiu uma capela ou morgado de duas terças. E por escritura de 13 de Outubro concertou a sua viúva D. Leonor da Silveira com a filha D. Maria Lobo da Silveira, viúva de Alvaro de Miranda Henriques,

ficar esta com a capela da mãe e a outra filha D. Angela, casada como tenente-general Diniz de Melo de Castro com a do pai. Em 31 de Março do ano seguinte a sua viúva e herdeiros compram às freiras de Santa Cruz a capela-mor da Igreja com todos os seus ornatos em que entravam três lâmpadas de prata, quatro castiçais imperiais, turíbulo, maneta, etc., de prata igualmente, por ali haver jazigo de família e missas das suas capelas (quotidianas).

André Mendes meteu no convento de Santa Cruz por freiras as suas filhas Luísa da Anunciação e Inês Maria do Sacramento, cuja segunda já era falecida em 1717, e as suas terças voltaram para o morgado instituído a favor da filha mais velha D. Maria Lobo, cuja representante era agora sua filha Francisca Madalena de Távora Miranda Henriques. Nessas terças figurava a horta do Canteiro que tinha anexos dois farrageais com casas em Val de Nogueira e outros dois sem casas.

#### ANDRÉ PACHECO RAVASCO

Sendo eleito Vereador para 1664, não serviu este cargo por ser já falecido.

Os Ravascos eram já antigos na nossa vila e continuaram ainda.

#### ANDRÉ RODRIGUES

Escudeiro da Casa do Duque em 1552.

#### ANDRÉ RODRIGUES DA COSTA

Procurador do Duque em 1627 (Notas). Licenciado e procurador da Misericórdia em 1634.

#### ANDRÉ DA SILVA MENEZES

Filho de Manuel Teles de Menezes e de D. Maria de Melo. Embarcou numa armada para a Índia em 1603 e por lá andou pelejando com valor. Indo na frota que se dirigia ao Reino de Achem na companhia do Vice-Rei D. Martim Afonso de Castro e navegando em socorro de Málaca no galeão Santiago, de que era capitão D. Fernando Mascarenhas, por estar a dita cidade cercada pelos holandeses, estes, que ao tempo haviam já levantado o cerco, tomaram o dito galeão por surpresa e entretanto morreu pelejando André da Silva que então contava

os seus 25 anos de idade. Realizou-se em 1606 este infausto sucesso.

Tenho dúvidas sobre a mãe deste personagem porque alguns dão a Manuel Teles de Menezes casado com Inês Mendes Gançoso, do Alandroal, e pode ser que este André fosse filho dela. Gabriel de Brito de Menezes, que sucedeu a Manuel Teles no morgado, esse com certeza era filho de D. Maria de Melo, porém nascido no Alandroal mais tarde ou em 1588.

Esta notícia é do cartório dos Silveiras Menezes da nossa vila.

#### ANDRÉ DE SOUSA

Em 1554 era Fidalgo do Duque D. Teodósio I.

Creio ser filho de Sebastião de Sousa, Alcaide-mor de Elvas. (História Genealógica, Tomo VI, pag. 59).

#### ANDRÉ DE TORRES

Criado do Duque, casa em 1630 com Ana da Silveira, filha de António Alves e de Maria Gomes, dotada pelos pais com umas casas na rua de Santo António e móveis no valor de 100\$000 réis tudo (Notas).

#### ANDRÉ VAZ

Licenciado e médico do hospital em 1581.

#### ANDRÉ VIEIRA TINOCO

Porteiro do Duque em 1629 e 1631. Era filho de João Vieira (Notas) e casado com Maria da Silveira. Viviam cá ainda em 1644. Em 1659 residia em Lisboa com o emprego de tesoureiro da Rainha. Era falecido em 1662.

#### ANA DE S. BERNARDO

Nasceu nesta vila, sendo filha de Manuel Morgado e de Brites Fernandes. Professou a vida enclausurada no convento das Chagas onde muito se distinguiu na assistência aos enfermos, no rigor do uso das disciplinas e na assiduidade da oração. Faleceu em 1699.

Encontrei memória dela na Crónica Seráfica da Província dos Algarves por Frei Jerónimo de Belém, Tomo IV, onde trata do referido convento e das Reli-

giasas que nele se distinguiram pelas suas virtudes.

#### ANA DIAS PENATES OU PENAZES

Mulher de Lopo Fernandes, cavaleiro do Duque. Instituiu uma capela com o encargo de 4\$000 réis à Misericórdia para esta lhe mandar cantar anualmente uma missa em dia da Assunção. Faleceu em 1577.

#### ANGELA FERREIRA

Deixou bens à Confraria do Rosário do Espírito Santo com encargo de vinte e cinco missas anuais. Faleceu em 24 de Dezembro de 1665.

#### ANTÃO DE MELO

Este Calipolense era filho de Lourenço Soares de Melo e de D. Maria de Moraes, sendo assim primo de Francisco de Moraes Sardinha, autor do Parnaso de Vila Viçosa, onde vem registado com elogio o seu nome no Livro 2º, capítulo 48. Diz-se ali que militava com glória na Índia no primeiro quartel do século XVII e o mesmo se afirma de Vasco de Melo, seu irmão, a quem levava por companheiro.

#### ANTÃO DE OLIVEIRA DE AZEVEDO

Em 1583 era Veador da Duquesa D. Catarina (História Genealógica, Tomo VI, pág. 660). Ainda vivia em 1591. Morava no Terreiro do Paço à esquina da rua dos Fidalgos em casas que hoje são do Palácio do Bispo: casas que nunca foram suas, apesar de dizer Frei Manuel Calado que o tinham sido. Já serviam de aposentadoria aos hóspedes menores dos Duques e Antão ou António de Oliveira estava ali por conservador daquele prédio.

Sobre a sua naturalidade nada sei.

#### ANTONIA BAUTISTA

Parece-me ser a autora da História da Fundação do Convento da Esperança, de que vou dar notícia. Em 1629 era maior de 25 anos. Doou em 8 de Novembro a seu cunhado Alberto Braz e sua irmã Jerónima Pinheiro um foro de 5:500 réis numas vinhas com olival e casas junto ao Rossio de Borba. Era

donzela. Seria de Borba? E assinou. Vivia em 1671.

#### ANTONIA DE BRITO

É admitida a professora na Santa Cruz em 1655 com o dote de 200\$000 réis somente por ser música, figurando nesse contrato por parte da noiva a célebre Madre Claudina da Natividade. Não se lê na escritura deste contrato a naturalidade, mas só a filiação de Pedro Francisco de Brito e de Maria Correia.

#### ANTONIA DE JESUS

Foi freira professa no Convento da Esperança da sua pátria. O Duque D. Teodósio II fez que a mandassem com algumas companheiras a reformar o Convento de Santa Clara de Bragança, o que prova ser de costumes austeros e rigorosa na observância da disciplina monástica. E que assim era, atesta-o a Crónica da Província dos Algarves por Frei Jerónimo de Belém no Tomo IV onde trata do referido convento.

Seus pais chamavam-se Gonçalo Madeira e Leonor Rodrigues. Faleceu em 1605.

#### ANTONIA DO SALVADOR

Freira nas Chagas, chamada no século Antónia de Carvalho, irmã do Licenciado João Raimundo de Carvalho, filha de Manuel Raimundo da Filgeira e de Isabel Curva de Carvalho. Professou em 1654 e antes disso testou dos seus bens deixando por seu universal herdeiro o dito irmão e formando uma capela na Igreja do Convento de S. Paulo com o encargo de missa quotidiana porque era ali que jaziam seus pais. Na falta do irmão sucederia na administração da capela seu primo Manuel Raimundo e seus filhos, pagando à Misericórdia um cruzado pela verificação do cumprimento do encargo (Tombo 3º).

Faleceu a 31 de Janeiro de 1661.

#### ANTONIA MARIA DO SACRAMENTO

Esta nossa patrcia professou a vida religiosa no Convento das Chagas, onde se distinguiu na caridosa assistência às enfermas da comunidade. Faleceu em 1705.

Tal noticia é da supracitada Crónica da Província dos Algarves, Tomo IV, quando trata do dito convento.

#### ANTONIO DE ABREU

Escrivão e Conselheiro do Duque D. Teodósio II para negócios de Justiça, conforme diz o autor do Parnaso de Vila Viçosa no Livro 2º, cap. 36, onde vem o elogio deste varão que ainda vivia no ano de 1618.

Em 1598 servia na Mesa da Misericórdia.

Possuía a horta e lagar das Fontainhas e a sua morada era ao cimo da rua da Freira na casa que faz esquina, com janela rasgada para a rua do Espírito Santo.

Casado com Guiomar Correia da Costa, cuja sepultura está nas Chagas.

\*\*\*\*\*

O primeiro António de Abreu foi casado com Ana Soares que ainda vivia em 1615 e, depois de ter feito doação dos seus bens aos Paulistas, revogou no dito ano a mesma doação e deixou os seus bens ao seu sobrinho, o Licenciado Diogo Martins de Carvalho.

#### ANTONIO DE ABREU FREIRE LOBO

Este é o instituidor da capela das freiras pobres ou que não desfrutavam de tença nos conventos da Santa Cruz e da Esperança, pois no das Chagas eram as Religiosas consideradas todas ricas e, se não tinham tença de rendimentos consignados em bens próprios antes da profissão ou doados por outrém, arbi- trava-lha em certos casos o convento das rendas comuns da casa. A adminis- tração desta capela foi dada ao convento de Santa Cruz, o qual tem sempre mandado satisfazer o encargo de um anal de missas por alma do instituidor e o rendimento líquido é o que se repartia com igualdade pelas freiras pobres na forma do que ordenara o instituidor. Nessa capela entravam as herdades da Cascalheira e da Chaminé nos termos de Elvas.

Este era filho de Francisco de Abreu Coelho (2º) (veja-se) e de D. Luísa Freire de Vasconcelos Corte Real. Foi baptizado em S. Bartolomeu em 1692 e casou em S. Bartolomeu no ano de 1727 com D. Teodora Eugénia de Sousa e Re- foios, já viúva de Diogo Camelo de Sousa, de Portalegre.

Morava no largo da Assaboaria quase detrás da Fonte Pequena num bom prédio que ficou vinculado na dita capela.

Na Vereação de 23 de Fevereiro de 1736 foi este ilustre Calipolense apontado para Pagador Geral do exército do Alentejo e em 1743, vindo pautado para Vereador, pediu escusa alegando achaques na sua saúde. Não teve descensão e foi por isso mesmo que instituiu a capela das freiras pobres no seu testamento.

Faleceu a 7 de Agosto de 1748 e foi sepultado nas Chagas.

#### ANTÓNIO DE ABREU DE GÓIS

Serviu o cargo de Vereador em 1652, 1656, 1666 e 1670, sendo por fim Comendador da Ordem de Cristo, o que consta das Vereações daquele tempo.

Mesário da Misericórdia em 1662-63 e 1665-66. Juiz da Confraria da Conceição em 1687. Senhor do prazo da Ordem de Aviz onde entravam o Chão da Ordem e a courela da Borralha.

Era filho de Vasco Martins de Góis e de Isabel Carroa e casou na Matriz em 9 de Fevereiro de 1650 com D. Mariana de Abreu Corte Real, filha de Francisco de Abreu Coelho 1º e de sua mulher D. Antónia de Sande Corte Real e tiveram a Francisco de Abreu Coelho 2º, pai de António de Abreu Freire Lobo; a D. Antónia Maria Corte Real e a D. Filipa de Sande Corte Real, ainda solteiras em 1697.

Este António de Abreu teve uma escrava chamada Lufsa Tavares Rosa que faleceu em 21 de Janeiro de 1745 numa idade superior a 120 anos, segundo o assento do seu óbito que teve lugar em S. Bartolomeu.

#### D. ANTONIO DE ALMEIDA

Filho de D. Luís de Almeida e de D. Maria Joana de Melo, baptizado em S. Bartolomeu a 4 de Novembro de 1691, sendo seus padrinhos o Marquês de Marialva e a Viscondessa de Vilanova da Cerveira.

#### ANTÓNIO ALVES FRANCO

Sacerdote, cantador do Duque em 1637 (Notas). Tinha duas irmãs freiras na Esperança. Escrivão do Tesouro do Duque em 1641.

## ANTONIO DE ANDRADE DE ARRUDA

Figurou nas bodas do Duque D. João II entre os Moços do seu Guarda-Roupa, conforme o que refere Cadornega. Nesse mesmo ano (o de 1633) casou com D. Antónia Simões, de quem teve descendência.

Em 1639 foi despachado almocreve do Duque em Ourém.

Em 20 de Abril de 1649, durante a guerra da Restauração da Monarquia, ele geu-o a Câmara Capitão de uma das companhias de Ordenanças, com a qual serviu a pátria muitos anos e teve por isso em prémio o Hábito de Cristo.

Também foi Vereador em 1682, 1686 e 1690.

Em 1659 meteu freiras nas Chagas as suas três filhas D. Guiomar de Arruda, D. Catarina de Arruda e D. Maria de Andrade, dando 900\$000 réis pelos três dotes sem mais propinas.

Casou com D. Maria Lobo Freire, que ainda vivia em 1694, sendo viúva. Es ta meteu freira no mesmo convento em 1700 a sua filha Joana Lobo de Arruda com dote de 410\$000 réis, metade paga na entrada e a outra metade na profissão.

Faleceu em 1694.

## ANTONIO ANES

É o nome de um cirurgião do nosso hospital que vivia em 1570 com 25 alqueires de trigo de ordenado.

## ANTONIO DE ARAUJO

Era filho de Manuel de Araújo, porteiro da Duquesa D. Catarina em 1607 : ano em que contratou com a mesma Duquesa servir o dito filho António no foro e moço da sua câmara (Notas). Tinha ele então 14 anos.

Irmão nobre da Misericórdia, mesário em 1634-35.

Escrivão do tesouro do Duque no mesmo ano. Acompanhou a Corte para Lisboa em 1640 e lá era em 1642 Escrivão da Câmara de El-Rei ou coisa que o valha.

## ANTONIO DE ATAIDE PINTO

Era Fidalgo da Casa do Duque D. Teodósio II em 1603-9 e filho do primeiro matrimónio de Vicente de Sousa de Távora 1º com D. Brites de Azevedo, filha

de D. António Maldonado, Fidalgo de Salamanca.

Embarcara para a India onde andou com o Vice-Rei D. Luís de Ataíde, seu parente. Foi ali Geral do Estreito de Ormuz e Capitão do mar de Malaca.

Voltando a este Reino e achando morto El-Rei D. Sebastião, passou ao serviço da Casa de Bragança que lhe deu a Alcaidaria-mor de Arraiolos. Em 1617 arrendou a sua alcaidaria-mor de Arraiolos por 65\$000 réis, um porco gordo pelo Natal, um carneiro por páscoa florida, seis peles de cordovão curtidas, vinte e quatro queijos de ovelhas, duas arrobas de sebo e um alqueire de mel: tudo posto em sua casa. Nela se compreendia a venda das armas, portagens, vistos, sangue e açougues da vila, diz a escritura de arrendamento de 22 de Junho.

Casou nesta nossa vila com D. Maria de Moraes, filha de Francisco de Moraes Cogominho ou de Oliveira, de quem teve a Vicente de Sousa de Távora 2º, que, falecendo sem casar nem deixar geração, legou todos os seus bens a seu sobrinho Pedro de Sousa de Brito.

Além de Vicente de Sousa 2º, teve António de Ataíde Pinto a Francisco de Távora de Ataíde, António de Távora Pinto (que serviu também na India), D. Guiomar de Ataíde (que foi freira nas Chagas) e D. Brites de Ataíde, que foi dama da Duquesa D. Catarina e casou com Manuel de Sousa de Brito.

Estas miudezas são do Livro de Família dos Sousas da rua de Santa Luzia.

Foi depositário ou tesoureiro da Misericórdia em 1588-89 e Vereador em 1604 (Notas).

No Parnaso de Vila Viçosa, L. 2º, cap. 46, vem o elogio deste ilustríssimo Calipolense, dizendo o seu autor que fizera prodígios nos mares de Malaca e que reza deles a história pátria largamente. Acrescenta que El-Rei (D. Filipe II ?) lhe fizera mercê da Capitania de Baçaim que rendia mais de cinquenta mil cruzados e passou para seu filho Francisco de Távora de Ataíde.

Em 1606 doou a André de Noronha, filho de D. Cristovão de Noronha, os serviços que fizera na India seu primo-irmão Nuno de Távora, filho de seu tio Nuno Vaz de Ataíde, falecido sem descendência nas partes da India, e de que ele fora herdeiro (Notas).

De uma procuração dele, sua mulher e filhos, datada de 11 de Janeiro de 1607 vejo que tinha então os seguintes filhos: Vicente de Sousa de Ataíde, Francisco de Moraes de Távora, António de Távora Pinto, D. Guiomar de Ataíde, D. Brites de Ataíde.

Morava no Rossio em casa que está entre as ruas de Frei Manuel e António Ramerim.

## ANTONIO AUGUSTO DA SILVA PARACANA

Nasceu na freguesia de S. Bartolomeu em 1853.

É filho de António da Silva Paracana e de D. Joana Rita de Torres, filha natural de José Maria Torres.

Estudou algum tempo no Liceu de Evora, sendo aluno interno do Seminário Diocesano e, deixando a carreira das letras, regressou a Vila Viçosa e casa paterna para viver como lavrador.

É moço de habilidade e disso tem dado provas tocando clarinete em orques<sup>tra</sup>, dedicando-se à fotografia, à pirotecnia, ao galvanismo, etc.

Foi Vereador Fiscal na Comissão Administrativa do Município nomeada pelo Governador Civil para o biénio de 1876-77 e, sendo eleito para outro biénio de 1878-79, deixou de ser Vereador em Agosto do 1º ano por terem de se renovar as eleições municipais conforme o novíssimo Código Administrativo de 8 de Maio de 1878.

É solteiro e ainda está no princípio da sua carreira.

Vereador em 1890-92, segundo Juiz substituto de Direito em 1892.

## ANTONIO BAPTISTA BORGES

Licenciado e médico, casado com Beatriz Maria de Sequeira. Morava cá em 1688. Era de Campo Maior e filho de João Marques e de Filipa Vaz. Em 1692 dotou seu irmão Pedro Vaz Cardoso, por ser clérigo, com umas casas na dita vila.

## ANTONIO BARROSO

Licenciado, Desembargador do Duque e Ouvidor da Casa do Duque.

Em 1602 era casado com Bárbara Ferreira (Notas). Era falecido em 1608.

## FREI ANTONIO DA BOA MORTE

Frade grilo. Professou no convento de Estremoz a 19 de Setembro de 1785 e foi Padre Mestre na sua congregação.

Esta notícia é do Catal. do Colégio da Formiga, ms. e do Portugal Antigo e Moderno.

## FREI ANTONIO DA BOA MORTE GIL

Filho de Manuel Gil Ligeiro, grilo e Prior de Pardais em 1823-26.

## ANTONIO BOTELHO

Licenciado. Casou com Grácia de Góis, irmã de Gaspar de Góis. Vivia em 1607 na freguesia de S. Bartolomeu e foi mesário da Misericórdia em 1607-08.

Parece que tomou ordens sacras e assim encontro-o feito Prior da Colegia da de Ourém no ano de 1615 quando meteu freiras na Esperança as filhas D. Brites e D. Jerónima com 300\$000 réis de dote cada uma (Notas).

## ANTONIO BRAZ CORDEIRO VINAGRE

Capitão e lavrador do Gaião em 1804 e da Tavizoa em 1810.

## ANTONIO DE BRITO

Moço fidalgo do Senhor D. Alexandre em 1602. Como fizesse uma resistência ao Juiz de Fora Pedro Brandão, foi preso por homenagem na sua própria casa e sentenciado no Juizo da Ouvidoria a cumprir um ano de degredo num dos lugares de África. E para ir solto cumprir essa pena deu por fiador a Ant<sup>o</sup>nio Vaz Chaves em 22 de Julho do mesmo ano. Assim consta da escritura de fiança.

## ANTONIO DE BRITO PEREIRA

Segundo filho de Cristóvão de Brito Pereira 3º (veja-se). Em 1683 era Deão da Real Capela desta vila e depois Conselheiro de Estado e Prior - mor de Avis, onde faleceu (antes do ano de 1707).

Esta notícia é da Corografia Portuguesa, Tomo II, pág. 519.

Nasceu na nossa vila e foi baptizado na freguesia de S. Bartolomeu a 14 de Julho de 1655.

## ANTONIO CAVIDE ou CABIDE

Este nome é muito conhecido na nossa história política do tempo dos Reis D. João IV e D. Afonso VI.

Filho de Agostinho Pires Cavide, que ainda vivia em 1634 segundo a escritura de arrendamento de uma herdade sua em Fatalão feita pelo filho nesse ano, e de Margarida Cam, vivia na corte do Duque D. João II servindo-lhe de Monteiro-mor.

Em 1633 fez-lhe o Duque mercê da Comenda de Santa Maria Madanela, dividida da de S. Gens de Parada, que vagara por morte de António Roiz Couteiro.

Em 1633, quando tiveram lugar as bodas do mesmo Duque, figurou nelas sendo então condecorado com o Hábito de Cristo, conforme refere Cadornega.

Casou primeiramente com Maria Vaz Fradessa nesse mesmo ano a 23 de Outubro na Matriz. Era filha de Manuel Vicente Leal e de Catarina Madureira de Andrade, que fôra dama da Duquesa D. Catarina, ambos falecidos nesta época. Fez escritura de contrato dotal em 22 de Outubro e nele estipulou que falecendo ele primeiro sem filhos teria sua mulher mil cruzados de arras, mas durante a sua vida somente, de onde se vê que não era já pobre. E tanto não era que já exercia o cargo de Escrivão da Câmara do Duque, além de possuir a comenda referida.

Em 1634 dá de arrendamento a sua herdade de Papa-Galos no termo de Terena que rendia 126\$000 réis em dinheiro e uma marrã ou mil réis.

Foi mesário e tesoureiro da Misericórdia em 1634-35.

Em 1637 renunciou à Comenda de Santa Maria Madanela, que era parte da de S. Gens da Parada, para receber a de S. Pedro de Babe, vaga por morte de João Mexia.

Achando-se viúvo, passou a segundas núpcias já em Lisboa com D. Mariana Antónia de Castro, filha de Pedro de Castro 2º (Veja-se).

Retirando-se para Lisboa com a corte em 1640, não deixou todavia de preparar para si o jazigo da capela do Santíssimo da Matriz que El-Rei D. João IV lhe tinha concedido, pois fez-se o acrescentamento ou reedificação da mencionada capela em 1643-44, como se disse noutro lugar, ficando ele como senhorio do jazigo, ainda que não veio a servir-lhe por não mais tornar a esta vila.

Continuou D. João IV a dar-lhe em Lisboa a mesma consideração e a conceder-lhe a estima particular que já desfrutava em Vila Viçosa, enchendo-o de honras e favores de que aliás não tinham gozado seus pais que, segundo pare-

ce, não eram pessoas de nobreza. Com efeito, o dito Rei, além de seu Manteiro-mor, fê-lo comendador de S. Pedro de Babe e da comenda dos Azeites e Lagares da vila de Soure na Ordem de Cristo, Alcaide-mor de Borba e Provedor das Obras que se fizessem por conta da Fazenda Real, e Escrivão da sua Câmara, como pessoa da sua particular confiança (História Genealógica, Tomo VII, págs. 235 e 257).

Chegou por fim a ser Secretário de Estado interino de El-Rei D. Afonso VI e foi ele quem o persuadiu, depois de recluso na sua câmara pelo Infante D. Pedro, a assinar em 23 de Novembro de 1667 a carta de abdição por ele mesmo escrita, sem que todavia houvesse conspirado contra o mesmo Rei (Portugal Rest., Tomo IV, pág. 523).

A pág. 35 do opúsculo A Restauração de Portugal publicado em 1885 diz A. X. Rodrigues Cordeiro que sendo em 1674 culpado na conspiração levantada (e bem levantada) contra D. Pedro II, fôra posto em tormentos, de que veio morrer na prisão (em Lisboa).

Eu tenho-o por natural de Vila Viçosa posto que lhe não visse ainda o assento de baptismo.

#### ANTÓNIO DA CADORNEGA E OLIVEIRA

Era Moço do Guarda-Roupa dos Duques D. Teodósio II e D. João II. Tomou parte na comitiva de casamento do último e foi pai de António de Oliveira Cadornega, autor da Descrição de Vila Viçosa e de outras obras, nenhuma das quais chegou a ser imprimida.

Casou na Matriz a 2 de Novembro de 1613 com Antónia Simões.

#### ANTÓNIO CAETANO DE BASTOS

Este homem vivia em Bencatel há muitos anos quando finalmente, depois de ter sido Alferes da Companhia de Ordenanças de Bencatel e Pardais com S. Brás desde 1757, foi promovido a Capitão da mesma em 1801. Sete anos depois, surgindo a reacção contra os franceses, foi exonerado por velho e incapaz de serviço activo e móvel.

Era lavrador da Nora e filho de Caetano Francisco de Bastos, também lavrador em Bencatel, e de Brites da Silva. Teve um filho chamado Manuel Bernardo de Bastos e Sousa, que ele mandou estudar na Congregação de Estremoz e, ordenando-se padre, foi Prior em Pardais e em Bencatel, sua pátria, onde continuou a residir na casa de seu pai sita na rua das Flores e por ele funda-

da, a qual tem muita capacidade para viverem lavradores.

António Caetano de Bastos casou com Mariana Antónia de Sousa, de Borba, a quem ultimamente davam Dona, falecida em 1802. Ele sobreviveu-lhe até 18 de Novembro de 1811.

#### ANTONIO CAETANO DE SAMPAIO TEIXEIRA PIMENTEL

Este é o célebre Juiz de Fora que deixou um imenso rasto luminoso da sua grande perícia jurídica e carácter íntegro, de sorte que as suas sentenças eram por fim já consideradas sempre irreformáveis no Desembargo do Paço e Relação de Lisboa.

Tomando posse da vara de Vila Viçosa em 5 de Agosto de 1791, foi tantas vezes reconduzido no mesmo cargo que nunca mais daqui safu até à suamorte su cedida em 1817 a 10 de Março.

No ano de 1806, em memória de ter entrado nesta vila o Príncipe D. João co mo Regente do Reino, e pela primeira vez, foi por este agraciado com as honras de Desembargador da Relação do Porto, da mesma sorte que o Corregedor João José da Silva que era já Desembargador do Porto passou a ter as honras de Desembargador da Relação de Lisboa.

Pimentel foi solteiro toda a vida, mas teve uma filha natural, a Madre Catarina Gertrudes, que professou no Convento da Santa Cruz e faleceu aí por 1868. Esta houve ele de uma D. Gertrudes que depois casou com Simão de Oliveira (veja-se), criatura sua e por ele muito favorecido. Todos estes eram naturais das províncias do norte.

O famoso Pimentel foi sepultado na Igreja Matriz e, tanto por ele ser magnífico como por estar a terra daquela igreja muito repassada de humores ca davéricos, tornou-se múmia e no carreiro externo (digamos antes osseiro) ser viu de jogueite a alguns rapazes. Meu pai foi um deles.

#### ANTONIO CALADO DA SILVA

Creio que era filho de Francisco Lopes Calado. Capitão em 1793.

#### ANTONIO CALDEIRA

Serviu a Casa de Bragança e assistiu em 1578 à batalha de Alcácer-Quibir. Era irmão de Manuel Caldeira 1º e natural desta vila onde tornou com vida (Par

naso de Vila Viçosa, L. 2, cap. 33 e História Genealógica, Tomo VI, pág. 310).

Suponho-o filho de Belchior Garcia Caldeira e de sua mulher Guiomar Cardeira.

#### ANTÓNIO CARLOS DE MATOS AZAMBUJA

É terceiro filho varão de António Lourenço de Matos Azambuja e de sua mulher D. Angélica Bárbara Gonçalves.

Nasceu na Matriz em 1818.

Estudou Gramática Portuguesa e Latina em Vila Viçosa e Francesa em Lisboa (segundo ouvi).

Casou nesta vila com D. Maria Augusta das Dores Leal, filha do médico João Vicente da Silva, da qual ficou viúvo em 1851 sem descendência e entretanto viveu junto com sua sogra D. Maria das Dores Leal. Mas depois de enviuar recolheu-se de novo à casa da Fonte Grande para continuar a viver com os seus irmãos solteiros Manuel de Matos e D. Maria Clara, sem ideia de tornar a segundas núpcias.

Sempre tem tido lavoura, ainda que reduzida ultimamente às suas herdades de Aguilhão, na freguesia do Rosário, e da Cavaleira de Bencatel.

Foi Vereador em 1850 e 1851 e não continuou neste cargo por ser nomeado Administrador Substituto do Conselho. Deste mesmo pediu exoneração em 1878 por ter rendimentos próprios com que subsistir decentemente e ficou sendo apenas Mesário Perpétuo e Tesoureiro da Régia Confraria dos Officiais da Conceição e Juiz (também perpétuo) da Irmandade do Sacramento da Matriz. Esta última fez-lhe em 1881 o que não consta haver-se feito nos nossos dias a pessoa alguma de Vila Viçosa e foi votar um *Te Deum* solene pelas suas melhoras por ocasião de ele padecer um reumatismo prolongado que todavia se dissipou.

É cavalheiro bemquisto de todo o povo e geralmente respeitado pelas suas qualidades religiosas e cívicas.

Faleceu em 5 de Agosto de 1890.

#### ANTONIO CARLOS DA SILVEIRA MENEZES

Filho de Inácio da Silveira Menezes, Vereador em 1890-92.

## ANTONIO CARREIRO

Casado com Maria Fernandes e sem descendência. Sendo ambos vivos em 1593, instituíram uma capela administrada pela Misericórdia, devendo esta gastar em missas metade do rendimento dela para lhe ficar a outra metade pela administração. Entre os seus bens figuravam duas moradas nobres contíguas de casas no Adro de S. Bartolomeu (hoje Praça Nova) à esquina da rua dos Fidalgos, hoje pertencentes ao palácio de José Bernardo de Sousa, uma azenha em Bencatel por baixo da azenha da Rocha, a horta da Coutada, etc.

Eram já falecidos em 1599 sem descendência.

## ANTONIO DE CASTRO

Mestre do Duque. Acho menção de ter a Misericórdia acompanhado à sepultura este indivíduo em 13 de Abril de 1601.

## ANTONIO DE CASTRO

Licenciado e sobrinho do médico André António de Castro, era Calipolense e freguês de S. Bartolomeu.

Maltez lhe chama Cadornega por ser oficial da Ordem Militar de Malta.

Em 1629 era ajudante do tio no cargo de médico do hospital da Misericórdia com 6:000 réis de honorário e o encargo de curar os doentes de fôra do hospital.

Em 1630 estava já casado com Ana Luzia de Melo, filha de D. Bernarda Cunha e no ano seguinte figurou na comitiva do casamento do Duque D. João II em companhia do tio sobredito.

Era filho de Diogo de Castro e de Isabel de Sousa.

Foi um dos muitos que abandonaram a sua pátria depois de 1640 para seguirem a corte para Lisboa e ali sucedeu a seu tio André António de Castro no emprego de físico-mor de El-Rei (já o era em 1648).

## ANTONIO DE CASTRO VERGOEIRO

Em 23 de Dezembro de 1730 foi votado para Capitão de Ordenanças, de cujo posto começou a gozar em 3 de Março próximo seguinte.

Em 1738 dotou sua filha, D. Antónia Josefa de Castro, para casar com João

Pereira de Loureiro. Esse dote foi o officio de contador, inquiridor e distribuidor do juízo geral desta vila.

Foi Vereador em 1746 e faleceu em 30 de Setembro de 1752, sendo viúvo de Isabel Maria e tendo sepultura em Santo Agostinho.

#### ANTONIO CEPA MERGULHÃO

Natural da nossa vila e filho de Belchior Rodrigues de Chaves e Joana Cepa, era irmão do Padre João de Moraes Cepa, capelão da Capela Ducal e de D. Helena Cepa de Moraes, primeira mulher de Diogo da Silveira Caldeira.

Depois de ser capelão dos Duques D. Teodósio II e D. João II, foi promovido por este último à dignidade de Tesoureiro-mor da Colegiada de Ourém pertencente ao padroado da Casa de Bragança e faleceu na dita vila em 18 de Dezembro de 1648 contando 60 anos de idade e com testamento.

Os seus bens passaram para o seu sobrinho Estevão Mendes da Silveira 3<sup>o</sup>. Entre eles contava-se um olival pequeno, ao Carrascal, que ainda possuem os Silveiras e onde se fundou a Igreja da Lapa.

Jaz na Igreja Colegial de Ourém.

Esta notícia é do cartório dos Silveiras.

#### ANTONIO DA CONCEIÇÃO SILVA

De Arrentela, almoxarife da Casa de Bragança. Vereador em 1893-95.

#### ANTONIO COELHO DE GOIS

Capitão de cavalos, dá fiança para ser Pagador do Exército do Alentejo em 1662 por morte de André Mendes Lobo. Era comissário de cavalaria em 1665.

#### ANTONIO CORDEIRO

Em 1663 era Capitão da Companhia das Eguas desta vila, de Borba, de Souzel e Monforte por patente do Marquês de Marialva quando andava mais acesa a guerra da independência de 1640.

#### PADRE ANTONIO CORDEIRO VINAGRE

Lavrador da Granja em 1735, compra as casas nobres da rua de Santo Antó-

nio por 650\$000 réis e 30 alqueires de trigo.

#### ANTONIO CORDEIRO VINAGRE

Baptizado na paróquia de S. Bartolomeu em 1754, filho de João Cordeiro Vinagre, natural das Ciladas, e de Maria Teodora de Távora, natural de S. Bartolomeu, moradores em Vila Boim.

Foi eleito Capitão de Ordenanças da Companhia de S. Romão no ano de 1804, sucedendo neste posto a Francisco Cordeiro Vinagre, seu parente. Morava em S. Romão naquele ano.

Estes Cordeiros Vinagres são oriundos da freguesia das Ciladas e alguns nasceram em Vila Viçosa por terem casa na mesma vila como acontece presentemente a dois (Francisco e José António), a que chamam do Gaião por nascerem e se criarem naquela herdade da Terrugem, mas termo antigo da nossa vila.

Em 1751 e seguintes vivia nas Ciladas o Padre António Cordeiro Vinagre que era um grande e opulento lavrador.

#### ANTONIO CORREIA DE ABREU

Servia como Procurador do Conselho em 1656 e como tal assistiu às exéquias de El-Rei D. João IV e à aclamação de seu filho D. Afonso VI na nossa vila.

Era casado com Maria Leitoa Freire já em 1647.

Dono da herdade da Quebrada no termo do Redondo em 1665. Vendeu em 1662 as minhas casas de baixo a Manuel Pereira Botelho.

#### ANTONIO CORREIA DA COSTA

Tão nobre pelo nascimento que lhe deu a sorte, como insigne pelo talento de que o enriqueceu a natureza e com que pôde penetrar os mistérios científicos da matemática, geometria, poesia e música, foi este nosso patrício, que não podiam decidir os seus contemporâneos e amigos em qual destas matérias era mais eminente.

Par dar pasto ao seu génio amante da literatura, instituiu em sua casa uma palestra científica ou ateneu em que tomavam parte os homens de mais erudição que havia na sua terra e disputavam ali sobre variados problemas.

Deixando a pátria, passou a Itália e Flandres com ambição de adquirir

maior tesouro de conhecimentos e voltou no ano de 1617, sendo já de idade provecta.

Esta notícia é da Biblioteca Lusitana que a bebeu no Parnaso de Vila Viçosa, L. 2º, cap. 59, onde vem o elogio dele e no l. 3º está uma glosa feita a uma redondilha que começa:

*Qualquer estranha beleza*

e um soneto que principia:

*Nem as soberbas ondas do Oceano.*

A História Genealógica (Tomo VI, pág. 428) diz-nos que era Fidalgo do Duque D. Teodósio II e assistiu, como tal, às festas do seu casamento em 1603.

Em 1588 era agente do Duque em Madrid (Notas).

#### ANTÓNIO CORREIA DE FIGUEIREDO

Mercador que vivia cá já em 1749. Foi ele quem edificou a casa nobre da Praça que ali havia e que comprou em 1766.

Casou em 1767 com Luísa Marques, sobrinha do Capitão Bernardo da Costa de Estremoz, que a dotou em 12\$000 cruzados, mas ela morava no Redondo.

Teve ao Padre José Correia de Figueiredo, que foi prior de Vila Boim, e a Joaquina Correia. Era falecido em 1791 e devia 3:323\$800 réis a Simão José do Prado, talvez das obras das casas.

#### ANTONIO CORREIA DA FRANCA

Secretário da Junta da Casa de Bragança em 1725, tendo todos os anos duas courelas na Coutada de propina. Vivia em Lisboa onde teve descendentes que lhe sucederam no dito cargo.

Suponho-o filho de Lourenço Correia da Franca.

Em 1727 vendeu cá por 480\$000 réis a Clemente de Oliveira umas casas da rua de Cambaia que tinham quintal e poço. Era casado com D. Angela Francisca de Melo.

#### FREI ANTONIO DA COSTA CALADO

Sacristão-mor de Santo Agostinho em 1768. Também foi prior.

Filho de Jorge Gonçalves do Couto e de D. Isabel Franca, sua prima por ser filha de seu tio Afonso do Couto, nasceu em Vila Viçosa no ano de 1593.

Depois de ter aprendido nos primeiros anos a língua latina que soube com perfeição, querendo instruir-se nas disciplinas matemáticas, buscou para mestre da Fortificação (ou Engenharia) e Cosmografia D. Manuel de Menezes, General da Armada Real, com quem por toda a vida entreteve funda amizade, não só pelo agradecimento das lições que dele recebera, senão também por ser primo de Cosme do Couto Barbosa, Almirante Geral da Armada e Comendador de S. Pedro de Nogueira, ao qual era muito affecto D. Manuel de Menezes.

Em diversas frotas se embarcou, sempre à sua custa e com grande luzimento, em especial no ano de 1625 quando o mesmo D. Manuel foi socorrer a Bafasiada pelos Holandeses. O dito General o armou então Cavaleiro com todas as cerimónias militares pelo heróico valor com que pelejara contra três naus holandesas na altura da Ilha de S. Miguel.

Não manifestou menor esforço no ano de 1627 quando, acompanhado pelo Almirante Cristóvão Cabral, discorreu pela costa da Corunha e na Ilha de Oleron, vizinha do porto da Rochela, concorreu para que esta praça abatesse as armas sujeitando-se ao domínio de Luís XIII de França, seu legítimo soberano.

Atendendo El-Rei D. João IV a tão relevantes serviços, nomeou-o Secretário da Junta da Casa de Bragança enquanto não o remunerasse com maior prémio. Por morte deste Rei, em que tinha fundado a esperança de seus auctos, foi-lhe oferecido o lugar de Secretário das Mercês que ele briosamente rejeitou por vir pensionado com o donativo de cinco mil cruzados ou dois contos de réis.

Entretanto foi Fidalgo Cavaleiro da Casa Real e professo na Ordem de Cristo e possuiu a capela instituída por Vasco Martins da Agua na Paroquial Igreja de Santa Justa da cidade de Coimbra.

António do Couto foi muito inclinado à pintura e desenhava com bastante primor. Contam que abria letras com tesoura em papel de maneira delicada como fez a respeito de um soneto que compusera.

Faleceu em Lisboa em 1679 com 86 anos de idade e jaz em sepultura própria no convento de S. Domingos.

Duas vezes foi casado e do segundo matrimónio com D. Isabel Carvalhais Barbosa e Pita nasceu-lhe Luís do Couto Félix, antiquário, e D. Inácia Maria do Couto que, depois de viúva de Filipe Peixoto da Silva, Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo, se recolheu ao convento do Sacramento de Re-

ligiosas Dominicás, de Lisboa.

Escreveu um Tratado da Fortificação e da Esfera que nunca foi impresso. Dado ulteriormente por seu neto António do Couto de Castelo Branco a António Filipe Pereira Forjás, seu sobrinho, este o possuía no tempo do autor da Bibliotheca Lusitana, de onde transcrevo estas noticias.

#### FREI ANTONIO DA COVILHÃ

O seu apelido está indicando a terra do seu nascimento, segundo a prática usada na Província da Piedade a que pertencia. Ponho, porém, aqui uma breve noticia da sua pessoa porque era Frade no nosso convento dos Capuchos, ao qual illustrou com as suas virtudes.

Sobeja prova é disso o facto de o chamar o Duque D. João II e sua mulher D. Luísa para chegar à pia baptismal, como padrinho, a sua filha D. Joana que faleceu de 17 anos em Lisboa. Foi-lhe feita aquella distintíssima honra em 18 de Setembro de 1636.

Diz a História Genealógica no Tomo VII, pág. 256, que Frei António da Covilhã era Sacerdote e Religioso de grande observância, de muita oração e ásperas penitências, e que acabou com fama de santidade.

#### ANTONIO DELGADO

Sendo Licenciado já no ano de 1617, cursou Teologia na Universidade de Evora dois anos (1617 a 1619), o que verifiquei à vista do Livro 4º das Provas dos Cursos daquela faculdade.

Ali mesmo se diz que era natural de Vila Viçosa e filho de João Delgado.

#### ANTONIO DIAS

Lavrador, casado com Maria Gonçalves, morador na rua de Santa Luzia. O seu testamento está no Tombo 1º da Misericórdia, à qual deixou um prédio de casas na mesma rua por morte de sua sobrinha Maria Pinheiro com o encargo de duas missas anuais. Essas casas foram depois vendidas a António Mouro para alargamento da sua morada. Não teve descendência. Faleceu em 1570. Mandou sepultar-se no mosteiro da Senhora da Graça onde lhe comprariam uma sepultura. Herdeira universal foi sua mulher.

## ANTONIO DIAS LEAL

Capelão da Capela Real, irmão de Martinho José Leal. Foi quem formou a quinta do sítio de Santo ...<sup>(1)</sup>, que depois deu ao dito irmão e dele recebeu o nome de Quinta do Martinho.

Em 1760 comprou o farrageal de fora. Em 1764 doou a seu irmão e mulher todos os seus bens por o terem há dezasseis anos em sua casa. Esses bens eram: dez quarteirões de vinhas, um olival à Laje, um colmeal no Amial, uma vinha ao Pombal, outra a Vaç do Bispo e a horta de ...<sup>(1)</sup> como farrageal de fora que hoje se chama Quinta do Martinho, reservando para testar só os bens que eram do seu património.

Tesoureiro-menor da Real Capela. Era vivo em 1789.

## ANTONIO DIAS RODÃO

Registo aqui o nome deste indivíduo por ter sido Vereador em 1838 quando já tinha os lugares de Assistente do Correio e Recebedor da Décima e mais impostos gerais.

Era adventício da Beira e porventura da vila de Rodão; e tinha-se estabelecido com loja de mercearia e capela em tempo de D. Miguel I ou antes numa casa da Praça Nova em frente da Igreja do Espirito Santo. Aí mesmo foi assassinado a tiro por mão desconhecida na noite de 19 de Fevereiro de 1844, quando recolhia do Teatro Calipolense onde fôra assistir a uma récita. Só muitos anos depois se soube que o homicida fôra José Pereira, filho de Casimiro José Pereira (veja-se), porque ele mesmo o declarou na doença da morte mandando pedir perdão à viúva.

Este crime foi represália de perseguições feitas aos Miguelistas pelo Rodão (Veja-se o capítulo 107, artigo X no Tomo 3º).

Casara ele com D. Joana Rita de Torres, filha natural de José Maria Torres (veja-se), da qual ficaram duas filhas e um filho (Manuel). Das filhas, casou D. Maria do Carmo com Inácio Clemente da Costa (veja-se) e D. Maria da Conceição com Joaquim da Silva Tavares.

A viúva D. Joana passou a segundas núpcias com António da Silva Paracana (veja-se), de quem houve outros três filhos.

---

(1) Ilegível no manuscrito.

## ANTONIO DUARTE CORDEIRO E SILVA

Tenente de Milícias em 1812. Era filho do Dr. Estevão Duarte Cordeiro e Silva. Casou e teve a José Duarte que também teve descendência.

## ANTONIO DE EVORA

Sacerdote e primeiro tesoureiro-mor da Capela Ducal em 1583. Tinha família e parece-me ser Calipolense. Faleceu em 1603 e deixou em testamento um legado à Misericórdia com o encargo de dar ajudas de casamento a donzelas pobres até à quantia de 5:000 réis anuais (Livro da Escrituração de 1609 a 1610, fl. 214).

## ANTONIO FERNANDES

Procurador do Conselho em 1622 (L. 1 dos Registos da Câmara, fl. 118).

## ANTONIO FERNANDES CORDEIRO

Em 1587 era Vereador mais velho e serviu de Juiz, conforme a Ordenação do Reino (L. 1 dos Registos da Câmara, fl. 54).

## ANTONIO FIALHO DOS SANTOS

Capelão e Presidente da Capela Real em 1795 por não haver então dignidades no Cabido.

## ANTONIO DE FIGUEIREDO ALMEIDA

Moço da câmara do Duque D. Teodósio I. Estava nas Molucas em 1543 e, indo com Jaime Lobo e António de Almeida ajudar o Rei Geliato, ficou gravemente ferido no assalto da fortaleza de Galilás. Depois instou Jaime Lobo na tomada e conseguiu que os inimigos a evacuassem.

Tornando a Vila Viçosa, foi Manteeiro do Duque D. Teodósio I e Fidalgo Comendador em tempo de D. João I e D. Teodósio II. Ainda vivia em 1616 nas suas casas novas do largo da Fonte Grande, pois tomou de aforamento à Misericórdia umas casas contíguas às suas na rua do Chafariz e assim veio a ser senhor de toda aquela faceira até ao Terreiro de D. João.

Vereador em 1589 (Notas) e em 1595 e 1604.

As casas da Fonte Grande ainda em 1765 estavam na posse de João Cabeças Lobo de Almeida Frade de Betencourt, que vivia em Olivença, o qual as aforou em sua vida a Francisco José da Costa por 12\$000 réis anuais. Naturalmente faziam parte da dotação da capela que tinham em Santo Agostinho. Pouco depois foram vendidas a Manuel Gonçalves, de onde por sua filha Angélica pas-saram aos Azambujas.

#### ANTONIO FRANCISCO GALANDIM

Vivia em 1673 e deu o nome a uma horta que dantes se chamava do Beiçudo.

#### FREI ANTONIO DE FIGUEIROA CASTELO BRANCO

Licenciado e Prior de Veiros, falecido em 1727. Era filho de Manuel de Fi-gueiroa Castelo Branco e de Maria da Fonseca.

#### ANTONIO FORTUNATO TARANA

Filho de António Lopes Tarana e sobrinho de Luís António Tarana. Assen-tando praça no Regimento de Artilharia de Elvas, era Capitão desta arma quando o exército Realista convencionou em Evoramonte. Tornando então à sua pátria, viveu de sua agência o resto da vida. Morreu em 1858, sendo morador na rua dos Gentis em casa sua.

Seu pai era artista.

Deixou um filho único chamado Eugénio Joaquim Tarana que casou e tem dois filhos varões. Este é músico, pintor e artista de grande número de officios que nunca aprendeu mas a que se presta a sua muita habilidade. Toca piano, órgão, fígale, rabecão grande e outros instrumentos de vento e tem composto em música sacra duas missas: uma a três e outra a quatro vezes para instru-mental.

Os seus filhos (José e Joaquim) também são músicos instrumentistas e bons; como porém passaram a ser comerciantes, abandonaram a profissão musical.

## ANTÓNIO FRANCISCO DE ARAUJO

Foi Capitão da companhia de Auxiliares da nossa vila no tempo da guerra da Restauração da Monarquia e nos anos de 1662 a 1666; sendo já Sargento - mor das Ordenanças de toda a comarca, teve interinamente o Governo da Praça de Armas por intervalos.

Serviu o cargo de Vereador em 1675 e faleceu em 1686.

Em 1662 comprou aos Jesuítas por 100\$000 réis as casas do Colégio Velho que depois foram muito melhoradas até hoje.

Em 1672 era casado com Catarina Maria. Em 1680 era senhor da Horta da Cruz.

## ANTÓNIO FRANCO

Filho de Jerónimo Franco. Foi Procurador do Conselho em 1618 (Notas).

Um indivíduo deste nome foi Procurador do Conselho em 1634 (L. 1 dos Registos da Câmara, fl. 143 v.).

Outro foi também Procurador do Conselho em 1686 e 1702. Não pôde em 1697 exercer este cargo por estar exercitando o de alcaide da vara ou menor.

Houve outros do mesmo nome até no corrente século, pois a família dos Francos é antiga e muito numerosa e aparece nos registos paroquiais de todos os tempos, excepto o presente em que vai a extinguir-se.

## ANTÓNIO FREIRE

É um dos criados da Casa de Bragança que foram na expedição de África em 1578 e lá assistiram à batalha de Alcácer ficando prisioneiros (História Genealógica, Tomo VI, pág. 310 e Parnaso de Vila Viçosa, L. 2, cap. 33).

Tornou a Vila Viçosa depois de resgatado.

## ANTÓNIO GALVÃO DE ANDRADE

*De tal pae, tal filho se esperava.  
(Lusíadas, III, 28)*

Este nosso patricio, nascido em 1609, filho de Francisco Galvão (veja-se) e de sua mulher Brites Mouro, serviu a Casa de Bragança desde a sua mocidade como Estribeiro-menor, assim como era seu pai, e distinguuiu-se entre todos

os seus colegas mostrando-se o melhor picador da sua época, por cuja razão todos admiravam e admiram hoje ainda a sua destreza na arte de cavalaria.

A seu respeito escreve o Padre Manuel Luís na Vida do Príncipe D. Teodósio: *Equestri peritia in paucis magnus, omnibus que, quos nostra vidit actas ea in arte praestantes, aequiparandus*, o que quer dizer que igualava ao menos os melhores cavaleiros da nossa época. Porém, Cadornega, seu patrício e contemporâneo, afirma que era o melhor de todos os cavaleiros da Casa de Bragança, *parecendo ter nascido em cima de um cavalo* (Descrição de Vila Viçosa).

Depois da aclamação de El-Rei D. João IV foi para Lisboa e ali recebeu as recompensas que mereciam os seus serviços continuando a ser Estribeiro menor do mesmo Rei e seus filhos D. Afonso VI e D. Pedro II, vestindo o Hábito de Cavaleiro da Ordem de Cristo e alcançando o foro de Fidalgo da Casa Real com as Comendas de S. Tiago de Oura, Santa Maria da Caridade no termo de Monsarás e S. Lourenço de Paredes.

Escreveu António Galvão a Arte da Cavalaria, Gineta e Estardiota, Bom Primor de Ferrar e Alveitaria, dividida em três tratados que contêm vários discursos e experiências desta arte. Foi impressa em Lisboa no ano de 1678 e traz na frente o seu retrato.

Morreu na mesma Lisboa em 9 de Abril de 1689 e jaz no claustro do Convento da Trindade.

A isto que consta da Biblioteca Lusitana, juntarei o seguinte.

Na História Genealógica, Tomo VII, pág. 33 descrevem-se as gentilezas por ele obradas em 1633 durante as festas do casamento do Duque D. João II e faz-se um grande elogio à sua perícia equestre, o que eu reproduzi nestas Memórias, Tomo I, cap. 53. Diz-se também que assistira em 1659 à famosa batalha das Linhas de Elvas, ficando nela ferido (Ibid., pág. 347). O moderno autor do Dicionário Bibliográfico faz igualmente honrosa menção deste nosso patrício.

Do registo paroquial consta haver casado na Matriz em 21 de Fevereiro de 1635 com D. Maria de Andrade, filha de António Pires do Aleixo e de D. Isabel Gomes, todos fregueses da dita Matriz, sendo testemunhas D. Luís de Noronha, Baltazar Rodrigues de Abreu e Guiomar de Sousa de Andrade.

Teve descendentes que foram sucedendo no seu officio de Estribeiro da Casa Real até ao século corrente. Parece que Manuel Galvão, procurador nosso às Cortes de Lisboa, era filho seu e penso que era seu neto um Gonçalo Manuel Galvão de Lacerda que em 1737 era embaixador na Holanda e deu procura-

ção a Paulo Gomes da Silveira para lhe arrendar uns prédios no termo do Redondo.

#### ANTONIO GALVÃO DO COUTO

Comendador em 1703.

Foi Vereador quinze anos entre 1711 e 1742 e ultimamente era Cavaleiro professo na Ordem de Cristo.

De uma escritura de 1707 consta ser neto de Nicolau Gomes Seleiro e de D. Maria da Costa. Dos pais não consta, mas eram moradores nesta vila.

Casou primeiramente com D. Joana de Pina Baptista. Sendo viúvo desta, passou a segundas núpcias com D. Maria Cabeça, filha do Capitão Manuel Roiz Cabeça e de sua mulher Catarina Gonçalves, no ano de 1707 a 24 de Outubro. E, morrendo-lhe esta em 1719, casou terceira vez com D. Francisca Mariana da Silva, viúva do Capitão Manuel Alvares da Gama.

#### ANTONIO DA GAMA

Vereador que vivia nos anos de 1630-60. Casado com Isabel Pinto. Em 1656 meteu freiras na Santa Cruz as suas filhas Mariana da Gama e Joana Pinto com dotes de 425\$000 réis cada uma por tudo.

#### ANTONIO GANÇOSO

Fidalgo de linhagem e Cavaleiro Fidalgo de El-Rei, falecido em 1600 com testamento, no qual instituiu por sua herdeira a Misericórdia de que era irmão, com o encargo de catorze missas anuais ditas na Igreja de Santa Maria. Entre esses bens contava-se a herdade de Santa Helena de Pardais que hoje se chama da Misericórdia, a qual desgraçadamente foi aforada a dinheiro ao cabo de mais de um século e esse miserável foro foi desamortizado por pouco mais que nada.

Morava no Castelo numas casas que eram seis por cima e sete por baixo e tinha defronte uma adega e deixou por testamenteiro a Francisco de Moraes Sardinha e a Frei Fabião.

Do testamento (Tombo 1º da Misericórdia) não consta o seu estado. Sei que era viúvo de Leonor Fernandes, pois de uma escritura de 7 de Abril de 1595 se vê que se compusera com sua mulher sobre partilhas de bens visto não

terem descendência. Daí consta que os seus bens estavam em Estremoz, de onde talvez fosse natural, e que haviam sido vendidos e subrogados por outros no valor de 224\$000 réis que aqueles renderam, entre os quais se contavam as casas da sua morada. Nesse mesmo dia deu a liberdade a um seu escravo mulato branco de 30 anos chamado Constantino Mendes (Notas).

Mandou sepultar-se na Capela-mor de Santa Maria em sepultura própria em que mandou pôr o competente epitáfio, dando-se por ela 2\$000 réis. Foi sepultado em 27 de Novembro de 1600.

#### ANTONIO GOMES BOTELHO

Vivia nesta vila em 1705, casado com D. Ana Maria de Almeida Castelo Branco.

#### ANTONIO GOMES PITEIRA

Natural desta vila e filho de Crispim Gomes de Figueiredo. Foi aluno interno do Colégio dos Reis para onde entrou em 18 de Dezembro de 1717 e, como soubesse bom cantor, mandou El-Rei D. João V buscá-lo para o coreto da Sé Patriarcal.

Esta notícia é dos livros de matrícula do mencionado Colégio.

#### ANTONIO GOMES SOARES

Foi Vereador em 1730, 1735 e 1739.

Casou com Mariana da Fonseca e, sendo viúvo, tornou a casar em 1726 com Ana Gomes na freguesia de S. Bartolomeu.

Acho menção de ter em 1720 os officios de Tabelião de Notas e do Judicial.

Em 1715 comprou no Rossio as casas de Cristóvão da Rosa, então foreiras em 8\$000 réis aos Paulistas, que ele resgatou em 1717.

Era de Vila Viçosa e porventura neto de outro do mesmo nome e officio falecido em 1598, o qual fôra intendente das obras da reedificação da actual Igreja Matriz.

## ANTONIO DE GOUVEIA

O Duque D. Teodósio I lhe fez mercê por três vidas de um prazo no termo de Barcelos, lugar de Vilaboa, freguesia de Salvador de Joane. Depois nomeou - -lhe a segunda em sua filha Isabel Castanha que casou com João Mexia e por morte dela passou o prazo a seu irmão João Vasques Ribeiro que em 1641 pediu a D. João IV prorrogação de vida em sua neta D. Manuela de Castro e Gouveia.

Estava nesta vila em 1540 exercendo o lugar de Escrivão da Câmara ou Secretário do Duque D. Teodósio I, de cuja casa era também Fidalgo (História Ge nealógica, Tomo VI, pág. 41).

Teve a Jerónimo de Gouveia, que em 1616 foi provido pelo Papa num canonicato de Evora com reservação de 300 escudos romanos (de 540 réis) a favor do seu confessor Dionísio Martins, Bispo de Sutri e Nepi, os quais seriam pagos dentro de três anos. Teve mais a Isabel Castanha, que casou com João Mexia.

O nosso Paulista Frei Manuel Calado refere que possuía a horta de S. Luís, o que equivale a dizer que fôra o fundador daquela Igreja, cuja construção indica ser originariamente uma capela de padroado particular. E, com efeito, António de Gouveia instituiu uma capela em que entrava aquela horta e se encontra hoje no domínio da Casa de Bragança que, segundo ouvi a pessoas antigas, deu algumas vezes por administração temporária a dita capela.

Morava perto do Palácio do Bispo.

Tendo sido sepultado no 2º Convento dos Capuchos, foram os seus ossos trasladados para o adro do 3º ou actual, ao pé do alpendre, onde ainda existe a sua campa com o epitáfio meio encoberto pelos degraus do mesmo.

Da sua naturalidade nada sei.

## ANTONIO HOMEM

Por muitos anos andei, como Diógenes, de lanterna em punho à busca de um Homem sobrenome com o nome de António. Já eu encontrara a Diogo Homem no último quartel do século XVI e suspeitava que fosse irmão ou chegado parente do António que logrou a dita de perpetuar o seu nome no da rua de António Homem. Porém, Antónios... nenhum me aparecia.

Restava-me o registo paroquial, mas o de S. Bartolomeu, a cujo distrito pertence a sobredita rua e em cujos óbitos esperava encontrar o nome almejado, disse-me que não o conhecia por ser mais moderno que ele.

Pelo contrário, o registo da Matriz mostrou-me dois Antónios Homens e são

os seguintes:

António Homem, filho de João Rodrigues e Catarina Martins, casado com Clemência de Pazes, filha de Alvaro Anes e Beatriz Pazes, na dita Matriz em 5 de Julho de 1574. Três anos depois mandaram baptizar Manuel, seu filho.

Mas no mesmo registo e ano de 1581 achei menção de outro António Homem casado com Inês Mendes e morador na dita freguesia (que pode ser o mesmo).

Finalmente no Tombo 1º da Misericórdia encontrei uma escritura de troca de prédios feita entre a Santa Casa e António Homem, Escudeiro do Duque D. Teodósio I, casado com Brites, solteira, em 31 de Dezembro de 1544. Ora, sendo este homem vivo e nobre, vivendo na época em que se formou a dita rua, creio ser ele quem lhe deu o nome e fundara o prédio hoje ampliado e que tem o nº 22.

Nota - Houve em tempo de El-Rei D. Manuel um Pedro Homem que foi Estribeiro-mor e pessoa muito considerada, o qual teve um filho do mesmo nome. Na mesma época serviu na India e em África um João Homem que era muito esforçado varão, que talvez fosse irmão do antecedente. Note-se também que o apelido do Homem é derivado da corpulência e robustez dos indivíduos.

#### ANTÓNIO JOAQUIM DE ABREU

Foi Procurador do Conselho em 1814.

Era filho de Joaquim António de Abreu e de Maria do Rosário.

Passando mais tarde a ter o emprego de Assistente do Correio, foi dele privado em 1834 a título de ser partidário de El-Rei D. Miguel I. Morava então e morou até morrer na rua de Cambaia, sendo sempre vulgarmente conhecido por António Joaquim do Correio.

Era filho de Joaquim António de Abreu que, por ser natural de Pardais, tinha o nome vulgar de Joaquim de Pardais, da mesma sorte que seus filhos, o Padre Manuel Joaquim de Abreu e Francisco António de Abreu, cantor da Capela Ducal foram sempre nomeados por tal distintivo popular.

Casou com D. Mariana Gertrudes Cândida Leal, da qual teve filhos e filhas.

Depois de 1834 viveu dos seus bens que não eram muitos e de facto não bastavam para sustentar uma numerosa família. Por isso morreu pobre al por 1860 e tantos, sendo octogenário.

Conheci-o perfeitamente. Era homem honrado e temente a Deus, digno por certo de melhor sorte.

## ANTONIO JOAQUIM DE BARROS

Figura neste lugar como caudilho do levantamento de Vila Viçosa contra a guarnição francesa do seu Castelo no ano de 1808 a 19 de Junho, o que dei-xei largamente narrado no anal competente.

Era Calipolense, filho de Serafim Nuno de Barros, natural de Vendas No-vas, baptizado em S. Bartolomeu no ano de 1777, caldeireiro e fundidor, e serviu a pátria como soldado Miliciano durante a campanha peninsular e mui-tos anos depois.

Faleceu aí por 1862, sendo octogenário e trabalhando sempre no seu offi-cio; porém sua mulher Maria José sobreviveu-lhe muito e chegou a contar mais de 90 janeiros. Tiveram uma filha somente chamada Vicência.

## ANTONIO JOAQUIM DA ROSA

Filho de José da Rosa e de Francisca Xavier, natural da Matriz.

Depois de ser Alferes de Ordenanças desde 1762, foi promovido a Capitão por Carta Patente de 4 de Novembro de 1773.

Não consta que tivesse nobreza herdada, mas era rico e assim no ano de 1786, estando viúvo de Antónia Rosa Jacinta, filha de Manuel Ribeiro, pas-sou a segundas núpcias com D. Maria Victória Clemência de Andrade Leal, fi-lha de Martinho José Leal (veja-se), e foi Vereador nos anos de 1789, 1793 e 1797. Faleceu em 2 de Março do ano seguinte.

Do seu segundo matrimónio procedeu José Maria Leal (veja-se) e algumas filhas.

## ANTONIO JOSE DAMASCENO

Filho de João Damasceno, tenente no exército de D. Miguel, e de D. Maria Balbina (da familia das Carnafufas). Em Setembro de 1885, sendo tenente de infantaria nº 17, passou a capitão da 2ª companhia de nº 19.

## ANTÓNIO JOSÉ LEANDRO

Cónego da Capela Real, Mestre de cerimónias na mesma e último Reitor do Colégio dos Reis (de 1831 a 1834).

Era Calipolense e filho de Luís Leandro e de Josefa da Piedade, vulgo Caraca, pessoas honestas, mas obscuras. Estudou por algum tempo no colégio da Purificação de Évora e, ordenando-se, foi admitido na Real Capela como Beneficiado, de onde passou a Cónego por mercê de D. Miguel I. Por isso mesmo foi expulso do Cabido e viveu desempregado até falecer em 29 de Outubro de 1853, contando pouco mais de 60 anos de idade.

Ouvi sempre fazer elogios à sua boa direcção no Colégio dos Reis, sendo por isso estimado pelos alunos.

## ANTONIO JOSE POUSÃO

Pintor que em 1752 por 45\$000 réis comprou umas casas no alto da Praça Nova, detrás de Santa Luzia, a que mandou abrir na verga superior da janela do sótão uma paleta e pincéis: distintivo do seu officio.

## ANTONIO JOSE DO PRADO

Escrivão das Sisas em 1782. Filho de João Rodrigues do Prado.

Casou em 1772 com Bernardina Angélica Pereira, filha do ajudante José Gonçalves Jordão e de sua mulher Maria Eugénia das Neves, que se sujeitou a sair sem meação nos bens adquiridos no caso de não terem filhos. Teve ao Padre Luís do Prado que foi Prior de Pardais em 1820 e padeceu incómodos por ser liberal.

## ANTONIO JOSE DA SILVA

Era Capitão de Auxiliares da companhia de Borba e casado com D. Ana Joaquina Eufrásia de Pina em 1767. Creio que era mercador como seu irmão João António da Silva.

Foi Vereador em 1783 e, vindo pautado novamente para o ano de 1787 (por falecer em 9 de Janeiro do mesmo ano) já não pôde servir o dito cargo.

Era natural da Covilhã e provavelmente veio dali por mercador, assim como um seu irmão chamado João António da Silva que foi recebedor da Décima.

## ANTÓNIO JOSE SOEIRO NORONHA

Capelão Fidalgo da Capela Real e Comendador da Ordem de Cristo.

Em 1780 possuía no termo do Redondo uma capela da Coroa (?), a qual ele renunciou em seu sobrinho, Padre Plácido de S. Carlos e Magalhães. Era a capela instituída por Martin Roiz Gago e sua mulher com obrigação de cumprir os encargos.

## ANTÓNIO JOSE VAZ DE GUIMARÃES

Diz o último apelido qual era a sua pátria natural; veio porém sendo moço para a nossa terra e estabeleceu-se aqui com loja de comércio. Era tenente em 1793.

Em 1806 elegeram-no Ajudante do Corpo das Ordenanças e passado tempo foi promovido a Capitão: posto que conservou até 1834.

Sendo pautado Procurador do Conselho para o ano de 1826, pediu escusa deste cargo com as alegações de ser Capitão efectivo de Ordenanças e estar servindo como Ajudante do Sargento-mor Manuel Diogo; e obteve-a.

Casou com Maria Joana de Abreu, irmã de António Joaquim de Abreu (atrás nomeado) e teve descendência como vou dizer.

Francisco José Vaz de Guimarães, Alferes da 2ª companhia de Ordenanças, por carta de 4 de Novembro de 1823. Morreu solteiro.

Manuel António Vaz de Guimarães, que depôs as armas na convenção de Evoramonte, era já Tenente de Infantaria nº 8, e acabou também solteiro em 24 de Agosto de 1836 assassinado por soldados de Infantaria nº 4 no baixo Rossio, junto à rua da Freira.

Não resta hoje nenhum seu descendente.

Mal visto pelos Liberais como acérrimo partidário de D. Miguel I, oprimido com desgostos cruéis e sem esperança de melhor porvir, faleceu o Capitão Vaz a 7 de Janeiro de 1838, sendo morador na Praça Nova em frente dos Paços Municipais.

Além de comerciante, foi também lavrador por algum tempo.

## ANTÓNIO JOSE DA VEIGA

Irmão de Alberto José da Veiga, nomeado atrás, e natural desta vila.

Era farmacêutico dos que naquele tempo estudavam e praticavam na farmá -

cia dos Padres Oratorianos de Estremoz.

Por carta patente de 6 de Setembro de 1824 teve o posto de Capitão da 3ª companhia das Ordenanças.

Foi um dos três promotores da aclamação popular de D. Miguel I na noite de 14 de Abril de 1828.

No ano seguinte largou o posto das Ordenanças para mandar, como Capitão, a 3ª Companhia do Batalhão de Voluntários Realistas de Vila Viçosa que era a companhia de Borba e serviu neste último posto até à Convenção de Évoramonte.

Tornando à sua profissão de farmacêutico, elegeram-no os seus patrícios Vereador para 1842, 1848 e 49, 1850 e 51.

Faleceu em 5 de Novembro de 1853.

Casara com D. Maria Doroteia, filha de Francisco de Borja e Assis (veja-se), de quem teve muito numerosa descendência. Dizia ele que era impossível deixar os filhos ricos e que portanto buscava dar-lhes educação a fim de se collocarem com alguma vantagem. Conseguiu isto em parte. O mais velho, José António da Veiga, frequentou a Escola Médico-cirúrgica de Lisboa e é actualmente Cirurgião-mor do exército. Miguel Augusto seguiu o mesmo caminho, mas tocando-lhe passar a África numa expedição, lá morreu logo adquirindo com isso o soldo de 24\$000 réis mensais para sua mãe viúva. Joaquim Urbano estudou para farmacêutico e é boticário da Armada como posto de Tenente da mesma. Augusto, o mais novo, também farmacêutico, foi para o Brasil, etc.

#### ANTONIO LOBO

Era Fidalgo da Casa de Bragança em tempo do Duque D. João I. Assistiu em 1578 à batalha de Alcácer-Quibir onde ficou prisioneiro; e tinha a Comenda de Santa Maria da Lagoa de Monsaraz (História Genealógica, Tomo VI, pág. 309 e Parnaso de Vila Viçosa, L. 3, cap. 33).

#### ANTÓNIO LOBO FREIRE

Filho de Alvaro Francisco Castanho e de D. Maria Lobo Freire, já viúva em 1641.

Em 17 de Julho de 1641 foi eleito Alferes de Ordenanças para a companhia do Capitão Lázaro Ribeiro de Castro e logo em 21 do referido mês passou a

Capitão de uma das duas companhias criadas de novo naquele ano.

#### ANTONIO LOBO INFANTE DE LACERDA

António Lobo Infante de Lacerda Acha de Reboredo, filho de Francisco Lobo Infante de Lacerda.

É o herói de 1808. Sendo então Sargento-mor reformado, pôs-se à testa da insurreição de Vila Viçosa contra os Franceses, devendo-se-lhe a organização das forças militares e Juntas Administrativas no Alentejo para se resistir à dominação estrangeira, o que executou com muita lealdade e desinteresse, como fica narrado miudamente no anal de 1808 e Tomo II destas Memórias.

Tinha nascido em Olivença, mas era oriundo de Vila Viçosa, onde possuía o morgado da quinta dos Infantes de Pardais e outros bens. Casou com D. Maria Bárbara de Bastos e Lacre, da qual teve a D. Genebra Lobo Infante, que herdou o morgado e casou com José d'Assa Castelo Branco na freguesia de S. Bartolomeu em 1816, mas não teve filhos.

Em 1781 era alferes da cavalaria de Olivença. Tenente em 1792.

Em 1812 a 14 de Julho estava impossibilitado, creio que física e moralmente, de sorte que a sua mulher D. Mariana Bárbara e a filha D. Genebra fizeram o arrendamento da quinta de Pardais.

António Lobo faleceu na Matriz em 18 de Dezembro de 1812 contando cerca de 62 anos de idade e depois de longa doença que o privou das faculdades mentais e não pôde por isso receber mais do que a Extrema-Unção.

Chamavam-lhe o Ciganito.

Segundo informações verbais de pessoa competente, houve ele um filho bastardo chamado Jerónimo Infante de Assa de quem se fala na história de 1808 e que ele houvera de uma D. Maria do Carmo Henriques da Silva Azevedo, natural de Lisboa, e que depois de viver muitos anos em Pardais (já lá estava em 1806 e já estava formada a Tapada dos Paços na herdade dos Bispos), foi acabar em Elvas já muito depois da morte dele.

#### ANTONIO LOURENÇO

Doutor em medicina, filho do doutor e médico Lourenço Roiz, em 1604 (Notas).

## ANTONIO LOURENÇO

Lavrador da Sancha ou Sancha Garcia, nas Ciladas. Foi eleito Capitão das Ordenanças daquela freguesia com S. Romão e Terrugem (parte dela) em 8 de Junho de 1675 e serviu esse posto.

## ANTONIO LOURENÇO CAMBAIA

Vivia sendo estalajadeiro na freguesia de S. Bartolomeu nos fins do século XVI, primeiro quartel do século XVII, e provavelmente na rua que dele tomou o nome (rua de Cambaia). Era casado com Isabel Fernandes. Que não era rico então, vê-se do facto de vender um censo a retro de 1\$500 réis a Apolónia Tenaloa por 22\$000 réis, imposto num assento de casas em que ela morava na rua de S. Bartolomeu, que dele houve o nome de Cambaia (Notas).

Em 1623 foi padrinho de uma criança na mesma freguesia. Ainda vivia em 1630.

## ANTONIO LOURENÇO FRANCO

Comendador do Hábito de Aviz, arrenda em 1683 a vara de alcaide pequeno desta vila com a açougagem e o mais que pertencia ao alcaide Fernão de Sousa (em 20\$000 réis).

## ANTONIO LOURENÇO DE MATOS AZAMBUJA

Nasceu em Olivença de onde veio para esta vila com seu pai Miguel João de Azambuja, Coronel do 2º Regimento de Infantaria da mesma Olivença, que depois da Guerra de 1801 passou a ter o seu quartel em Vila Viçosa com a designação de nº 15.

Assentara praça no mesmo Regimento e era já oficial em 1804-6 quando conseguiu em 1807 apanhar a benevolência de D. Angélica Bárbara das Dores, filha do abastado lavrador e proprietário Manuel Gonçalves; e consentindo este no casamento de ambos, impôs ao seu genro a condição de largar o serviço do exército regular. Fez a escritura de contrato ante-nupcial em 11 de Janeiro de 1808, devendo cada um dos noivos saír com o que levava no caso de não terem filhos e obrigando-se Manuel Gonçalves a dar-lhes mesadas para os seus alimentos.

De Capitão passou a servir no Regimento de Milícias de Vila Viçosa como Major e aqui subiu postos até Coronel (já o era em 1813), sendo já reformado no ano de 1826.

Tendo assim um posto honrado e possuindo uma grande fortuna em bens de raiz, António Lourenço gozou de grande prestígio na nossa vila. Fizeram-no Vereador em 1816, 1820, 1822 e 23 (por eleição popular). Neste último ano livrou da morte o Coronel Torres (depois Barão do Pico do Celeiro) atirando com dinheiro ao povo na Praça, como se disse no anal competente; e foi um dos Deputados que a nossa Câmara mandou a Lisboa para felicitar El-Rei D. João VI em seu nome por ter caído a Constituição Democrática.

Tornou a ser Vereador em 1824 e 1829.

Em 1828 foi Procurador do nosso Concelho às Cortes de Lisboa levando por companheiro Diogo da Cunha e em 1840 ainda tornou a ser Vereador e Presidente da Câmara. Também teve o cargo de Juiz de Paz da freguesia Matriz e pertenceu à Régia Confraria da Conceição.

Seu pai era natural da Azambuja, de onde tomou o apelido, e sua mãe, que se chamava D. Ana Efigénia de Matos, era de Olivença.

Faleceu em 1846, sendo já viúvo desde 1843.

Sobreviveram-lhe três filhos varões e quatro fêmeas. Os varões Miguel João, Manuel de Matos e António Carlos têm lugares distintos neste livro por haverem servido na Municipalidade. As fêmeas foram D. Maria das Dores que casou com D. Bernardo de Lucena e Noronha e faleceu em 1883, D. Ana Libertada que casou com Inácio da Silveira Menezes, D. Maria Clara que não tomou estado e D. Angélica que casou com Anastácio Falé Ramalho.

#### ANTONIO LUIS DE MADUREIRA PARADA

Brigadeiro que vivia cá em 1741.

#### ANTONIO LUIS DE MELO LOBO

Filho de Luís António de Melo Lobo e de D. Bárbara de Melo, baptizado em S. Bartolomeu no ano de 1710, sendo seu padrinho o 2º Conde das Galveias.

Foi Vereador em 1743 em substituição de António de Abreu Freire Lobo que pedira escusa por achaques e tornou a sê-lo em 1744 e 1749.

Casou com D. Victória Tomásia Alexandrina de Atafide que ainda vivia quando ele faleceu em 1762. Era senhor da casa do Pego da Moura, e teve a Luís António de Melo Lobo 2º e a João de Melo. Teve mais a D. Mariana Victória

de Melo e Luísa Joaquina de Melo que em 1773 eram freiras no convento de Santa Mónica de Évora.

#### ANTONIO LUIS PEREIRA DURÃO

Foi Capelão da Real Capela no último terço do século passado.

Em 1745 era estudante em Vila Viçosa e deu procuração a José Luís Valadas e a seu tio José Gonçalves, moradores no Alandroal, para lhe requererem justiça sobre os sonegados da sua madrasta Maria da Conceição, moradora na dita vila de onde ele era natural.

De uma nota marginal do assento da sua posse consta ser muito devoto de S. Bento, em cuja Ermida pôs todas as cantarias que lá se encontram. E mais. Vindo um Visitador do Ordinário do Arcebispado e mandando enterrar, por estragada, uma imagem do Senhor do Bonfim que estava na Ermida de S. Tiago, ele pediu que lhe fosse entregue para a mandar concertar e encarnar de novo, o que executou logo. E em seguida mandou colocá-la na dita Ermida de S. Bento numa das capelas do corpo da Igreja.

A isto acrescento eu que por sua morte vinculou os seus bens em capela erecta na do mesmo Senhor do Bonfim e, entrando nesses bens um olival fronteiro à Ermida. Esta, sequestrada conforme as leis civis dos últimos tempos, foi possuída até aos nossos dias por D. Mariana Cecília Alves de Araújo, irmão de Caetano Alves, e mulher do General José da Rosa e Sousa.

Faleceu o Padre António Luís em 6 de Abril de 1802 e foi sepultado na Igreja de Santo Agostinho no dia seguinte. O assento do seu óbito, que se encontra no registo da Matriz, reza ser ele nascido no Alandroal e a tradição dos velhos afirma que era vulgarmente conhecido por Padre António Teso.

No meio de tudo isto vejo eu que ele era um digno sacerdote animado de verdadeiro espírito evangélico.

#### D. ANTONIO DE MACEDO SOTOMAIOR

Casado com D. Rita Joaquina Pereira Marinha em 1751. Moravam cá.

Tenente da cavalaria de Olivença em 1781.

Tiveram a D. Antónia de Macedo Sotomaior, da qual procedeu outro D. António de Macedo que era alferes de D. Miguel e acabou reformado neste posto em Elvas nos nossos dias. Sua mãe vivia ainda em 1778.

## FREI ANTONIO MALDONADO

Este nosso patricio era Frade Graciano e "neto do maior matemático que em seu tempo houve em todo o mundo", segundo leio no Parnaso de Vila Viçosa, L. 2ª, cap. 56, de onde resumo esta noticia (Seria neto de Pedro Nunes?).

Floresceu na sua Ordem com tanto aproveitamento literário que regeu ali uma cadeira de filosofia quando só contava 18 anos de idade!

Nas Notas do Tabelião Simão Luís de Cerneira achei uma escritura de 22 de Novembro em que ele, estando para professar, doou a sua irmã inteira D. Isabel e a sua meia-irmã Isabel de Azevedo por morte de sua mãe D. Ana. Tudo isto sob consentimento de seu pai Constantino Maldonado. Aqui temos, pois, esclarecimentos que não traz o dito Parnaso.

## ANTONIO MALHO CARTARIO

Escrivão das armas da vara do alcaide e solicitador da Casa de Bragança em 1694.

Foi Procurador do Concelho em 1687 e 1700.

No 2º Livro dos Registos da Câmara, fl. 372 v. está um acórdão contra ele por levar de mais nas almotacerias, sendo Almotacé no trimestre que lhe tocava, e faltar a outras obrigações.

Era filho de Domingos Malho e de Maria Francisca, naturais de Leiria, e casou na Matriz em 1668 com Leonor Mendes Bela, filha de Miguel Pereira, que fôra criado da Casa de Bragança, e de Joana Mendes, naturais de Vila Viçosa, mas em 1687 era freguês de S. Bartolomeu onde baptizou um filho.

Creio que ele fôra soldado e que tivera baixa no fim da guerra da Restauração da Monarquia.

Sua sogra doou-lhe em 1676 os serviços do seu marido. Viviam em 1702 e tinham um filho chamado António Malho Pereira, no qual renunciou em 1705 os seus officios públicos, e Domingos Pereira Furtado.

## ANTONIO MANUEL LEITÃO

Ajudante de Auxiliares em 1752, tinha um filho do mesmo nome. Vendeu por 450\$000 réis a Manuel da Costa e sua mulher Maria Antónia umas casas da rua de Cambaia.

Era casado com D. Joana Maria Xavier da Silveira.

## ANTONIO MANUEL DE SOUSA

Vivia no tempo de El-Rei D. João V e algumas vezes foi proposto para Pagador do exército do Alentejo, mas nunca serviu o cargo de Vereador.

Era filho de Cristóvão Manuel de Sousa e de Isabel Maria, moça solteira. Seu pai, sendo viúvo em 1726, legitimou-o, tanto para lhe suceder nos bens livres como nos vinculados.

Cristóvão Manuel de Sousa, natural de S. Bartolomeu e filho de Luís Machado Gralho da Silveira e de D. Luísa da Silva Corte Real, casou em Lisboa na freguesia dos Mártires em 1722 com D. Vicência Joaquina de Almeida, filha do Desembargador Pedro de Almeida do Amaral, mas, não tendo filhos do seu matrimónio, legitimou aquele bastardo para herdar a sua casa.

Em 1751 renunciou em sua mulher uma terça de 58\$000 réis de que El-Rei D. João V lhe fizera mercê no almoxarifado de Estremoz.

Assim, pois, estabeleceu-se António Manuel de Sousa em Vila Viçosa (de onde era natural) e casou com D. Josefa Rita de Mascarenhas de Castro, filha de Luís Pegado, Capitão-mor de Pernes, em S. Bartolomeu a 19 de Setem - bro de 1734. Esta noticia é dos registos paroquiais.

Faleceu na freguesia de S. Bartolomeu a 14 de Fevereiro de 1757. Por sua morte sucedeu nos morgados o 3º Conde das Galveias, o qual por escritura de 9 de Maio cedeu à viúva D. Josefa a Horta Nova do caminho de Borba com a condição de ficar sem aforamento esta cedência se se provasse que ela pertencia aos morgados. Desde logo tomou conta dos morgados o Conde das Galveias D. António de Melo e Castro e arrendou a Defesa do Machado.

## ANTONIO MARIA LOBO VIDIGAL SALGADO

Nasceu em Elvas no ano de 1818. Veio muito rapaz para casa do seu tio António Lobo, Cónego da Real Capela, que já era Capelão da mesma em 1795. Aqui estudou gramática portuguesa e latina e música no Colégio dos Reis.

Depois da morte do tio cónego, continuou vivendo com uma tia, irmã do mesmo, e com sua irmã D. Maria Isabel até casar com uma filha do Dr. Mariano José da Silva.

Tinha então uma pequena lavoura, da qual se deixou por fim pois era bom economista e via que não tirava daí interesses compensadores.

Foi Vereador a primeira vez em 1845-46 e ficou fazendo parte da Comissão Administrativa do Município nomeada pelo Governador Civil do Distrito em Junho deste último ano. Tornou a ser eleito para os biénios de 1848-49, 1850-

'51, etc. Em 1856-59 foi Vereador Presidente. Depois serviu quase sempre como Vereador Vice-presidente ou Fiscal. Também teve por vezes o cargo de Provedor da Misericórdia, não se recusando nunca para servir nestes empregos sem remuneração, mas prestando-se de boa vontade. Ultimamente tinha sido nomeado Administrador Substituto do Concelho e servia como efectivo.

Faleceu a 4 de Dezembro de 1879, sendo também Vereador efectivo.

Proveio-lhe a doença da morte de assistir na Matriz às eleições municipais como Presidente da Comissão do Recenseamento Eleitoral: arrefecendo ali por lhe faltar o agasalho da roupa costumada, sobreveio-lhe um catarral agudo que o levou à sepultura ainda muito vigoroso.

Era freguês de S. Bartolomeu e morador no Rossio da banda de cimadarua de Frei Manuel numas casas nobres a que ele anexou o lagar vizinho. Comprou a quinta do Gil com os seus anexos e plantou ali uma grande vinha, crescendo em fortuna e não diminuindo os seus haveres porque sabia reger-se com prudente economia.

Deixou três filhos: João Augusto, António Maria e Mariano José e uma filha D. Maria Joaquina.

Já era viúvo quando faleceu.

#### ANTÓNIO MARIA LOBO VIDIGAL SALGADO

Filho do precedente, Vereador em 1890-92.

#### ANTÓNIO MARIA DA SILVA

Nasceu nesta vila. Foi seu pai Bento Luís da Silva, natural de Moura e Picador de Cavalaria nº 2, o qual casou em Vila Viçosa com Mariana Joaquina, da humilde família dos Mentimpês; e tinha o posto de Capitão em 1834 quando em Evoramonte depôs as armas. Tornando a Vila Viçosa, aqui faleceu no ano de 1847.

António Maria, o mais velho dos seus filhos, depois de ter estudado gramática portuguesa e latina na sua pátria, assentou praça no Regimento de Cavalaria nº 2 e continuou a servir no exército da Rainha D. Maria II.

Querendo alcançar maiores adiantamentos foi militar no exército de Africa de onde voltou felizmente com a sua mulher e filhos. Como, porém, lhe minguassem os dias de vida cá no continente, não passou do posto de Major de cavalaria.

Sua mulher era de Santarém e chamava-se D. Maria da Conceição Lucinda da

Cunha.

Faleceu em Évora contando 50 e tantos anos de idade.

#### ANTÓNIO MARIA VIEIRA

Veio para Vila Viçosa e foi muitos anos Escudeiro de Tomé de Sousa Menezes, por cuja razão lhe chamam vulgarmente António Maria Escudeiro.

Casou nesta vila em 1877 com Ana da Encarnação Serra, sobrinha de Frei João Pedro Serra que juntara uma boa fortuna e a deixara por sua morte à dita sobrinha.

Obtendo assim uma tal ou qual independência, foi eleito Vereador Substituto em 1878 por intervenção do seu antigo amo e, como falecesse o Vereador efectivo António Maria Lobo em Dezembro de 1879, passou à efectividade durante esta até ao fim de 1881.

#### ANTÓNIO MARQUES DE LIMA

Serviu a sua pátria no cargo de Vereador em 1697, 98, 99, 1702, 9, 12 e 15 e no corpo das Ordenanças onde foi promovido a Capitão em 16 de Junho de 1706 quando havíamos guerra com a Espanha.

Vivia na paróquia de S. Bartolomeu em 1697 sendo casado com Violante da Silva.

Também foi Escrivão dos Órfãos.

Era filho do Capitão Manuel Marques de Lima, falecido na Matriz em 3 de Agosto de 1700.

#### ANTÓNIO MARTINS CARAPELHO

Em 25 de Novembro de 1641 foi eleito Alferes de Ordenanças e passou a Capitão em 13 de Maio de 1648, o que quer dizer que serviu nos difíceis tempos da Guerra da Restauração ou dos 27 anos.

Casou com Apolónia Soeiro, de quem teve a Manuel Martins Carapelho, mas em 1661 era casado com Isabel Gomes Freire.

Na noite de 27 de Fevereiro matou Domingos Gonçalves Cabeto que era moço dos machos de Santa Madalena. Veio o pai do morto, Francisco Gonçalves Cabeto, em Maio, e concedeu-lhe o perdão.

Ainda hoje existem representantes seus.

Em 1655 vivia cá outro do mesmo nome, sendo soldado da Companhia de cavalos de André Mendes Lobo, e sendo senhor das herdades da Carapalha e Parreira no termo de Fronteira. Seria de lá?

#### ANTONIO MARTINS DE MIRANDA

Feitor de Jorge de Mesquita Mascarenhas 2º em 1753 e anos seguintes. Era quem arrendava os prédios dos seus morgados e fez muitos aforamentos em Bencatel de terra da Torre ou Forte da Estrada.

#### ANTONIO MARTINS TOSCANO

Natural desta vila e filho de António do Prado.

Graduou-se Bacharel em Medicina pela Universidade de Coimbra, onde cursou seis anos de estudos que era o tempo de que então constava o curso e foi aprovado unanimemente, como consta da sua carta de Bacharel que tem a data de 8 de Julho de 1735 e acha-se registada na Câmara, L. 3º, fl. 184 verso.

#### ANTONIO DE MATOS 1º

Foi nomeado Tabelião de Notas por Carta do Duque D. Teodósio II no ano de 1604 e neste mesmo e no de 1607 serviu o cargo de Vereador (L. 1º dos Registos da Câmara, fl. 76 e Notas).

#### ANTONIO DE MATOS 2º

Foi Procurador do Concelho em 1682.

Era casado com Maria Mendes de Couto e vivia na paróquia de S. Bartolomeu em 1704. Era ourives de ouro (Notas).

#### ANTONIO DE MORAIS DE OLIVEIRA

Vivia em Goa no ano de 1601 como consta de uma procuração que lhe foi dada por António Roiz e sua mulher Maria Mestra para lhes receber ali 500 cruzados da mão de Joana da Fonseca, viúva de Manuel Roiz Carrão, que as deixara em testamento a sua sobrinha Beatriz Mestra, filha dos sobreditos (Notas).

## D. ANTONIO DE MELO 1º

Era 2º filho de D. Diogo de Melo e Figueiredo, Estribeiro-mor da Imperatriz D. Isabel, e de D. Maria Manuel de Noronha, neta de D. Afonso de Bragança, Conde de Faro (veja-se), e irmão de D. Gomes de Melo 1º.

Como sua mãe depois de viúva foi Camareira-mor de D. Isabel, mulher do Infante D. Duarte, e esta veio para a sua pátria quando casou sua filha D. Catarina com seu sobrinho o Duque D. João I, veio também com ela servir a Casa de Bragança D. António de Melo que não era Calipolense.

Casou este com D. Jerónima de Avila e teve a D. Diogo de Melo (veja-se) e a D. Mariana de Faro que casou com D. Diogo de Noronha, seu primo co-irmão. (História Genealógica, Tomo IX, pág. 248).

## D. ANTONIO DE MELO 2º

Neto do precedente, filho de D. Diogo de Melo, Estribeiro-mor de D. Teodósio II, e de sua mulher D. Francisca de Vilhena, filha de D. Luís de Noronha 1º. Este já nasceu em Vila Viçosa.

Serviu a D. Teodósio II como seu Camareiro-mor e a seu filho D. João II como Estribeiro-mor. Tão grande confiança merecia a este último que o elegeu Enviado extraordinário para ir tratar em Madrid o seu casamento com D. Luísa Francisca de Gusmão e nas suas bodas ocupou muito distinto lugar segundo refere Cadornega.

Era Comendador de S. Tiago de Monsaraz. Foi testamenteiro do Duque D. Teodósio II (História Genealógica, Tomo VI, págs. 52 e 462; Tomo IX, pág. 248).

Casou em 1623 com D. Mécia Barreto de Tavira, já viúva de António Corte Real de Melo, cujos esponsais foram ajustados em 19 de Janeiro. Haveria co-munhão de bens adquiridos no caso de não haver filhos como não houve (Notas).

Juiz da Confraria da Cruz de Cristo em 1613 (Notas). Vereador em 1619 e 1625. Foi Provedor da Misericórdia em 1620-21.

Em 1630 adquiriu a Quinta da Provença trocando com os Paulistas o foro de 11\$000 réis por outros de igual quantia e comprando o domínio a Catarina Soeiro, viúva de Manuel de Aguiar, por 18\$000 réis (Notas).

Renunciou em 1634 à Comenda de S. Tiago de Ourém.

Era dele e de D. Luís de Noronha 2º, seu primo-irmão, a capela da Senhora da Conceição no Colégio. Faleceu em 1634 sem descendência nomeando por

herdeiro seu primo-irmão D. Luís de Noronha 2º, mas em 1655 achei uma escritura de quitação de 400\$000 réis de dote que a Duquesa D. Catarina deixara para ser freira D. Antónia de Vilhena, filha deste D. António de Melo (nas Chagas).

#### ANTONIO DE MELO E CASTRO

Filho de Pedro de Melo de Castro e de D. Maria de Bourbon, nasceu na Matriz onde foi baptizado a 20 de Junho de 1689, sendo seus padrinhos D. Luís de Almeida e a Condessa de Avintes, sua avó, D. Maria Antónia de Bourbon.

Casou em 1719 com D. Inês de Abreu Castro, dotado por seu pai em 5\$000 cruzados de renda. Sucedeu a seu pai nos morgados e foi 3º Conde das Galveias. Provedor da Misericórdia em 1751-52. Juiz dos Passos em 1769. Novamente Provedor da Misericórdia em 1755. Aforou em Bencatel a herdade das Janelas.

#### ANTONIO DE MELO LOBO

Capitão que vivia cá em 1678. Talvez fosse irmão de João de Melo Lobo.

#### ANTONIO MENDES GASTÃO

Filho de Manuel Lopes Gastão e de Margarida Fureira Coelha, nasceu na Matriz em 1618 e casou em 1637 com D. Leonor de Andrade, filha de Francisco Galvão, estribeiro, a qual se dotou com os aforamentos que o Duque lhe fizera mercê em Borba e de que Manuel Fernandes Torres lhe pagava 50\$000 réis anuais e com a legítima paterna.

Em 1641 foi eleito Alferes de Ordenanças e em 29 de Novembro de 1642 passou a Capitão da companhia do mesmo Terço ou Corpo que se intitulava "dos criados de Sua Majestade", o que revela ser Fidalgo da Casa de Bragança.

Serviu como Vereador em 1633, 1642 e 1645.

#### ANTONIO DE MORAIS BARRETO

Era de fora (creio que de Fronteira). Veio para cá em 1640 (?) por casar com Joana Mendes de Antas, cunhada de António Cavide. Daí lhe veio ser senhor da herdade da Torrinha de Bencatel.

Houve na nossa vila mais de um António Mouro, pois esta família é antiga na mesma.

O primeiro foi Guarda-roupa de D. Teodósio I, a quem distrafu pelas noites contando-lhe historietas e anedotas com que o Duque muito se alegrava. Parece ter sido filho do Juiz Ordinário João Alvares Mouro.

Morais no Parnaso de Vila Viçosa, L. 2, cap. 44 faz o elogio deste seu patrício dizendo em resumo que militara com grande reputação e glória nas Indias Orientais. Nisto refere-se ao cerco da fortaleza de Cananor posto pelo Rei do mesmo título, sendo ele Capitão da dita fortaleza que fôra edificada em 1557. Deste António Mouro, casado com Maria da Costa, fala Diogo Barbosa Machado nas Memórias que escreveu de El-Rei D. Sebastião. Dele fala também o autor da Memória Histórica de Niza mencionando que sua mulher (?) Inês Alvares (Nizena talvez) institufra uma capela na Matriz da dita vila.

Este António Mouro devia ser filho ou parente de João Alvares Mouro, o Juiz Ordinário de 1512.

\*\*\*\*\*

António Mouro de Andrade, cavaleiro fidalgo em 1592, faz com a Misericórdia troca de umas casas desta no adro de Santa Luzia e confinantes com outras do mesmo António Mouro por um quinhão na herdade das Galhardas de Bencatel, termo de Estremoz e que rendia 16 1/2 alqueires de trigo e 5 1/2 de cevada, o que prova ter ele forenado a casa nobre defronte de Santa Luzia que passou aos Sousas. As ditas casas da Misericórdia tinham pertencido a Catarina Franca, viúva de António Fernandes, que mandou sepultar-se junto de seu marido na dita igreja, então pública.

Ainda vivia em 1608 como consta de uma fiança dada a seu neto Feliciano Mouro para ir cumprir solto três anos de degredo em África (12 de Agosto).

De uma escritura de composição feita entre o seu genro Pedro de Sousa de Brito e as freiras da Santa Cruz em 4 de Novembro de 1611 consta que tinha lá professado a filha Antónia dos Reis, e era noviça há trinta anos Catarina de Andrade, sua irmã, e que do dote da primeira e alimentos da segunda era António Mouro devedor ao Convento de 1:600\$000 réis. E para não saírem da clausura ou serem herdeiras as ditas filhas, obrigou Pedro de Sousa a dar 4\$000 réis anuais de tença às duas cunhadas, podendo remir esse cargo por 90\$000 rs. E a isto se sujeitaram as freiras por o casal do pai estar onerado com mui-

tas d'vidas - o que tudo consta da dita escritura.

#### ANTONIO MOURO DE ANDRADE 2º

Filho de André Alvares Mouro e de Leonor Alvares Mouro. Foi filhado pelo Duque D. Teodósio II em 8 de Outubro de 1601 para o serviço no foro de moço da sua câmara. Casou na Matriz em 1612 com Ana Gamboa e teve o cargo de escrivão da almotaceria (Notas). Seus pais o dotaram (para casar?) em 1611. Em 1614 ainda era menor de 25 anos.

Vivia em 1628. Em 1651 era falecido, mas existiam sua mulher e seu filho Filipe de Almeida, moço da câmara de Sua Majestade, residindo em Lisboa. Em 1654 vendeu a sua viúva a propriedade do officio de escrivão da Almotaceria com licença de El-Rei a João Mota da Guarda para meter uma filha freira nas Chagas.

#### ANTONIO NOBRE

Serviu a Casa de Bragança e acompanhou a África o Duque de Barcelos D. Teodósio II em 1578, ficando prisioneiro na batalha de Alcácer (História Genealógica, Tomo VI, pág. 310). Tinha o grau de Escudeiro Fidalgo do Duque em 1601. Era senhor de uma parte da herdade de Sete-reinos com a posse de arrendar.

Era irmão de Alvaro Nobre e de Beatriz Nobre e pai de Isabel Nobre. Este António casou na Matriz com Inês Gomes e teve descendência (1589), que foram: a dita Isabel Nobre, o Licenciado Afonso Nobre (veja-se) e Maria Nobre que em 1652 era mentecapta.

Em 1611 arrematou a renda mestral de Aviz e deu de hipoteca bens seus que podem ver-se nos apontamentos dessa escritura. Vivia em 1624.

#### ANTONIO DAS NEVES E ANDRADE

Escrivão da Correição. Em 1773 casou com Joaquina Vicência Cordeiro Villela, dotada por seus pais com sete fazendas pequenas e o sogro dotou o filho com umas fazendas vinculadas por Maria Ferreira em capela com a pensão de 2 trintários de missas. Era filho de Custódio José de Andrade. Deste matrimónio procedeu José Inácio Neves e Andrade. Em 1780 era também escrivão das Sisas.

ÍNDICE  
DAS  
MATERIAS CONTIDAS NESTE VIGESIMO NONO FASCICULO

\*\*\*\*

SEGUNDA PARTE - PESSOAS NOTÁVEIS DESTA VILA .....	8
ADEODATA DE S. NICOLAU .....	16
AFONSO BELO .....	16
D. AFONSO DE BRAGANÇA .....	16
AFONSO CAVALEIRO .....	20
AFONSO CORREIA D' ABREU .....	20
AFONSO FAIAO .....	20
AFONSO DE LUCENA 1º. ....	21
AFONSO DE LUCENA 2º. ou AFONSO DE LUCENA ALMEIDA E NORONHA .....	22
AFONSO MACHADO DA MAIA .....	23
AFONSO DE MEDELHIM .....	24
AFONSO MENDES .....	24
AFONSO MONTEIRO LEITAO .....	24
AFONSO NOBRE .....	25
D. AFONSO DE NORONHA .....	26
AFONSO PEREIRA .....	27
AFONSO PIRES .....	27
AFONSO PIRES NEGRO .....	27
AFONSO RIBEIRO .....	28
PAORE AFONSO RODRIGUES FALEIRO .....	28
AFONSO DA SILVEIRA VILALOBOS .....	28
AFONSO TELES DE MENEZES .....	29

AFONSO VAZ CAMINHA .....	29
AGOSTINHO AUGUSTO CABRAL .....	29
AGOSTINHO DA CUNHA SOTOMAIOR .....	30
AGOSTINHO PIPEIRO DE ABREU .....	31
AGOSTINHO PIRES .....	31
AIRES FERNANDO .....	31
AIRES GOMES .....	31
ALBERTO JOSÉ DA VEIGA .....	31
ALBERTO VIDIGAL .....	32
ALEIXO CARRASCO .....	32
D. ALEIXO DE MENEZES .....	32
D. ALEXANDRE DE BRAGANÇA .....	32
ALVARO CASTANHO FRADE .....	34
ÁLVARO DA COSTA DE MORAIS .....	34
ÁLVARO FERNANDES .....	34
ALVARO FERNANDES CASTANHO .....	35
ALVARO GOMES DE MIRANDA .....	35
ALVARO GONÇALVES COITADO .....	35
ALVARO LOPES .....	36
ALVARO DE MIRANDA HENRIQUES .....	37
DR. ALVARO DE MORAIS .....	37
DR. ALVARO DE PORTUGAL .....	38
ÁLVARO TINOCO .....	40
ÁLVARO VAIA .....	40
AMADOR MONTEIRO .....	41
AMADOR RODRIGUES .....	42

AMARO ANTÓNIO DE FIGUEIREDO .....	42
AMBROSIO PEREIRA DE BERREDO E CASTRO .....	42
AMBROSIO PEREIRA DE BERREDO E CASTRO .....	43
AMBROSIO PEREIRA MARINHO .....	44
AMBROSIO RODRIGUES .....	44
ANASTÁCIO FALE RAMALHO .....	45
ANASTÁCIO MARIA PALMEIRO .....	45
ANDRÉ DE AGUIAR DA SILVA .....	47
ANDRÉ ALVARES MOURO .....	47
ANDRÉ ALVES .....	47
ANDRÉ DE ANGERINO .....	48
ANDRÉ ANTÓNIO DE CASTRO .....	48
ANDRÉ CARDOSO GODINHO .....	49
ANDRÉ DA COSTA PIRES .....	49
FREI ANDRÉ GIRÃO .....	50
ANDRÉ GOMES VERDELHO .....	51
ANDRÉ INÁCIO DA SILVA .....	51
DR. ANDRÉ JORGE DE ABREU .....	51
ANDRÉ LEITÃO .....	51
ANDRÉ LUIS DA SILVEIRA (OU CERVEIRA) .....	52
ANDRÉ MARTINS DE MIRA .....	52
ANDRÉ DE MELO E CASTRO .....	52
ANDRÉ MENDES DE ALMEIDA .....	53
ANDRÉ MENDES LOBO .....	54
ANDRÉ PACHECO RAVASCO .....	56
ANDRÉ RODRIGUES .....	56

ANDRE RODRIGUES DA COSTA .....	56
ANDRÉ DA SILVA MENEZES .....	56
ANDRÉ DE SOUSA .....	57
ANDRÉ DE TORRES .....	57
ANDRÉ VAZ .....	57
ANDRÉ VIEIRA TINOCO .....	57
ANA DE S. BERNARDO .....	57
ANA DIAS PENATES OU PENAZES .....	58
ANGELA FERREIRA .....	58
ANTÃO DE MELO .....	58
ANTÃO DE OLIVEIRA DE AZEVEDO .....	58
ANTÓNIA BAUTISTA .....	58
ANTÓNIA DE BRITO .....	59
ANTÓNIA DE JESUS .....	59
ANTÓNIA DO SALVADOR .....	59
ANTÓNIA MARIA DO SACRAMENTO .....	59
ANTÓNIO DE ABREU .....	60
ANTÓNIO DE ABREU FREIRE LOBO .....	60
ANTÓNIO DE ABREU DE GÓIS .....	61
D. ANTÓNIO DE ALMEIDA .....	61
ANTÓNIO ALVES FRANCO .....	61
ANTONIO DE ANDRADE DE ARRUDA .....	62
ANTÓNIO ANES .....	62
ANTÓNIO DE ARAÚJO .....	62
ANTONIO DE ATAÍDE PINTO .....	62
ANTONIO AUGUSTO DA SILVA PARACENA .....	64

ANTONIO BAPTISTA BORGES .....	64
ANTONIO BARROSO .....	64
FREI ANTÓNIO DA BOA MORTE .....	64
FREI ANTÓNIO DA BOA MORTE GIL .....	65
ANTONIO BOTELHO .....	65
ANTÓNIO BRAZ CORDEIRO VINAGRE .....	65
ANTÓNIO DE BRITO .....	65
ANTÓNIO DE BRITO PEREIRA .....	65
ANTÓNIO CAVIDE OU CABIDE .....	66
ANTÓNIO DA CADORNEGA E OLIVEIRA .....	67
ANTÓNIO CAETANO DE BASTOS .....	67
ANTÓNIO CAETANO DE SAMPAIO TEIXEIRA PIMENTEL .....	68
ANTÓNIO CALADO DA SILVA .....	68
ANTÓNIO CALDEIRA .....	68
ANTÓNIO CARLOS DE MATOS AZAMBUJA .....	69
ANTÓNIO CARLOS DA SILVEIRA MENEZES .....	69
ANTÓNIO CARREIRO .....	70
ANTÓNIO DE CASTRO .....	70
ANTÓNIO DE CASTRO .....	70
ANTÓNIO DE CASTRO VERGOEIRO .....	70
ANTÓNIO CEPA MERGULHÃO .....	71
ANTÓNIO DA CONCEIÇÃO SILVA .....	71
ANTÓNIO COELHO DE GOIS .....	71
ANTÓNIO CORDEIRO .....	71
PADRE ANTÓNIO CORDEIRO VINAGRE .....	71
ANTÓNIO CORDEIRO VINAGRE .....	72

ANTÓNIO CORREIA DE ABREU .....	72
ANTÓNIO CORREIA DA COSTA .....	72
ANTÓNIO CORREIA DE FIGUEIREDO .....	73
ANTÓNIO CORREIA DA FRANCA .....	73
FREI ANTÓNIO DA COSTA CALADO .....	73
ANTÓNIO DO COUTO .....	74
FREI ANTÓNIO DA COVILHÃ .....	75
ANTÓNIO DELGADO .....	75
ANTÓNIO DIAS .....	75
ANTÓNIO DIAS LEAL .....	76
ANTÓNIO DIAS RODAO .....	76
ANTÓNIO DUARTE CORDEIRO E SILVA .....	77
ANTÓNIO DE EVORA .....	77
ANTÓNIO FERNANDES .....	77
ANTÓNIO FERNANDES CORDEIRO .....	77
ANTÓNIO FIALHO DOS SANTOS .....	77
ANTÓNIO DE FIGUEIREDO ALMEIDA .....	77
ANTÓNIO FRANCISCO GALANDIM .....	78
FREI ANTÓNIO DE FIGUEIROA CASTELO BRANCO .....	78
ANTÓNIO FORTUNATO TARANA .....	78
ANTÓNIO FRANCISCO DE ARAÚJO .....	79
ANTÓNIO FRANCO .....	79
ANTÓNIO FREIRE .....	79
ANTÓNIO GALVÃO DE ANDRADE .....	79
ANTÓNIO GALVÃO DO COUTO .....	81
ANTÓNIO DA GAMA .....	81

ANTONIO GANÇOSO .....	81
ANTÓNIO GOMES BOTELHO .....	82
ANTÓNIO GOMES PITEIRA .....	82
ANTÓNIO GOMES SOARES .....	82
ANTÓNIO DE GOUVEIA .....	83
ANTONIO HOMEM .....	83
ANTÓNIO JOAQUIM DE ABREU .....	84
ANTÓNIO JOAQUIM DE BARROS .....	85
ANTÓNIO JOAQUIM DA ROSA .....	85
ANTÓNIO JOSÉ DAMASCENO .....	85
ANTÓNIO JOSÉ LEANDRO .....	86
ANTÓNIO JOSÉ POUÇAO .....	86
ANTÓNIO JOSÉ PRADO .....	86
ANTONIO JOSÉ DA SILVA .....	86
ANTÓNIO JOSÉ SOEIRO NORONHA .....	87
ANTONIO JOSÉ VAZ DE GUIMARÃES .....	87
ANTÓNIO JOSÉ DA VEIGA .....	87
ANTONIO LOBO .....	88
ANTÓNIO LOBO FREIRE .....	88
ANTÓNIO LOBO INFANTE DE LACERDA .....	89
ANTONIO LOURENÇO .....	89
ANTÓNIO LOURENÇO .....	90
ANTÓNIO LOURENÇO CAMBAIA .....	90
ANTÓNIO LOURENÇO FRANCO .....	90
ANTÓNIO LOURENÇO DE MATOS AZAMBUJA .....	90
ANTONIO LUIS DE MADUREIRA PARADA .....	91

ANTÓNIO LUIS DE MELO LOBO .....	91
ANTÓNIO LUÍS PEREIRA DURAO .....	92
D. ANTÓNIO DE MACEDO SOTTOMAIOR .....	92
FREI ANTÓNIO MALDONADO .....	93
ANTÓNIO MALHO CARTÁRIO .....	93
ANTÓNIO MANUEL LEITAO .....	93
ANTÓNIO MANUEL DE SOUSA .....	94
ANTÓNIO MARIA LOBO VIDIGAL SALGADO .....	94
ANTÓNIO MARIA LOBO VIDIGAL SALGADO .....	95
ANTÓNIO MARIA DA SILVA .....	95
ANTÓNIO MARIA VIEIRA .....	96
ANTÓNIO MARQUES DE LIMA .....	96
ANTÓNIO MARTINS CARAPELHO .....	96
ANTÓNIO MARTINS TOSCANO .....	97
ANTÓNIO DE MATOS 1º. ....	97
ANTÓNIO DE MATOS 2º. ....	97
ANTÓNIO DE MORAIS DE OLIVEIRA .....	97
D. ANTÓNIO DE MELO 1º. ....	98
D. ANTÓNIO DE MELO 2º. ....	98
ANTÓNIO DE MELO E CASTRO .....	99
ANTÓNIO DE MELO LOBO .....	99
ANTÓNIO MENDES GASTÃO .....	99
ANTÓNIO DE MORAIS BARRETO .....	99
ANTÓNIO Mouro DE ANDRADE .....	100
ANTÓNIO Mouro DE ANDRADE 2º. ....	101
ANTÓNIO NOBRE .....	101
ANTÓNIO DAS NEVES E ANDRADE .....	101





IMPRESSO POR GRÁFICA CALIPOLENSE  
VILA VIÇOSA  
TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

FEVEREIRO 1986

# MEMÓRIAS

de

## VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congêneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

